

A REVISTA

Bello Horizonte, 1925/1926

A Revista dormia em seu jagifo pobre.
Eis chega José Mindlin e, vara de condão
em punho, ressuscita-a, e para nós des cobre
em seu rosto fanado - imprevisto clarão.

Carlos Drummond de Andrade

Rio, outubro, 1978

Meu teste nunca se
simpatia e afeto pela
figura exemplar de
José Mindlin.

Pedro Tavares
Rio, 1978

A REVISTA

Fundadores

Carlos Drummond de Andrade
Emílio Moura
Francisco Martins de Almeida
Gregoriano Canedo

Bello Horizonte, 1925/1926

A REVISTA

SUMMARIO

PARA OS SCEPTICOS.	Redacção
CAPITULO	Mario de Andrade
MOMENTO BRASILEIRO	Magalhães Drummond
FUNDO DE GAVETA	Milton Campos
IRARIGOAN.	Austen Amaro
A SITUAÇÃO	G. Canêdo
TEJUCO.	Pedro Nava
INGENUIDADE.	Abgar Benedit
DUAS FIGURAS.	Alberto Campos
JANEIRO	João Alphonsus
SÉDE DA COMARCA DE GORU- TUBA.	Alberto Deodato
SOBRE A TRADIÇÃO EM LITE- RATURA	Carlos Drummond
A' MARGEM DE PASCAL.	Martins de Almeida
RENASCENÇA DO NACIONALIS- MO.	Emilio Moura

MARGINALIA — OS LIVROS E AS IDÉAS.

Casa Aurea

*è a casa de artigos de luxo que tem
em Bello Horizonte os mais variados
sortimentos de Calçados, Chapéus,
Camisas, Gravatas, Meias, Collarinhos,
Lenços e Perfumarias.*

**O record em preços
Qualidades e
Variedades**

Teleph. 420

Avenida Afonso Penna, 502

A REVISTA

GRANADO & CIA.

Pharmaceuticos e droguitas

FABRICANTES — IMPORTADORES — EXPORTADORES



CASA MATRIZ: Rua 1. de Março, 14, 16 e 18 — Rio de Janeiro

Filiaes: Rua Visconde do Rio Branco, 31 — Rua do Bonfim, 302 e 304



AQUA INGLEZA GRANADO

Desconfiar das imitações

Nas convalescenças dos parlos e longas enfermidades, estimula a diêstão, evita as febres intermillentes e tonifica o organismo

PREPARADA COM ESPECIAL VINHO GENEROSO DA QUINTA DA SAPINHA (ALTO DOURO) PROPRIEDADE DO S. J. A. C. GRANADO

Com o mesmo vinho são tambem preparados os.

VINHO TONICO-RECONSTITUINTE
VINHO NOZ DE KOLA
VINHO IODO-TANNICO PHOSPHATADO
VINHO DE QUINIUM
FORMULA LABARRAQUE

Estes productos são os que melhores resultados offerecem

EXIJAM A NOSSA MARCA



RECUSEM AS PREPARAÇÕES SIMILARES

A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS DO BRAZIL



Filiaes: Rua 11 de Agosto, 33 — São Paulo
Rua 7 de Setembro, 27-A — P. Alegre

Filiaes:



Rua Goyaz, 58 e 64

-o-

Bello Horizonte

A REVISTA

CASA CARNEIRO

© DE ©

GALIANO CARNEIRO

Amarinhos, Perfumarias e Brinquedos

Completo sortimento de artigos para homens, senhoras e crianças

Objectos para presentes

ROMULO CARNEIRO, Gerente

Av. Commercio, 402

Bello Horizonte

Hotel Renascença

Prefiram este hotel, que hoje é um dos melhores.

PREÇOS EXCELLENTE

Rua da Bahia, 278 (Esq. Tupynambás)—Phone 695—B: Horizonte

Campeão Mineiro

*Agencia Geral de
Loterias*

Rua da Bahia, 922

Caixa Postal, 209

Armando Matta

Casa Oscar Marques

A grande reforma actual desta casa, trouxe á sua distincta freguezia os descontos de 20 e 50. / . !

Aproveitar os preços da Casa Oscar Marques, nesta quadra em que os seus grandes estabelecimentos entram em balanço é

COMPRAR BARATO !..

Av. Affonso Penna, 739

Bello Horizonte



ESTÁ VISTO

**Camisas lindas e
roupas brancas**

em geral.

Ternos sob medida.

Perfumarias, etc.

**Tudo a preços
modicos.**

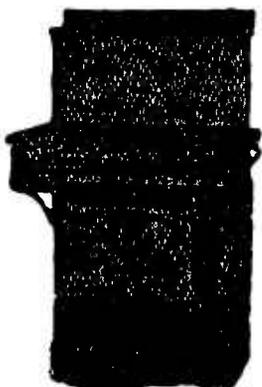
Faça como eu vá

Ao Trocadero

AVENIDA AFFONSO PENNA, 708

A REVISTA

RED STAR
Detroit Vapor
OIL STOVE



Fogões Red-Star

a gazolina ou kerozene ga-
zeificada

Lampadas e material electrico G E

Agentes para o Estado de Minas:

LOTH & CIA.

(Distribuidores da «General Electric S. A.»)

Um dos muitos attestados:

Laboratorio
DRESTES RODRIGUES & Co.
Caixa Postal 156
BELLO HORIZONTE - MINAS

Bello Horizonte, 19 - 11 - 24

Ha 2 mezes usamos, com
optimos resultados praticos e economicos, os fogões
"RED STAR" - a kerozene nos

laboratorios do **Vanatonico**

O MELHOR DOS BONS FORTIFICANTES

Tupys, 21 — Caixa Postal, 125 — Telegrammas «Lomando»
Phone, 680—BELLO HORIZONTE

A REVISTA

DIRECTORES:

MARTINS DE ALMEIDA

CARLOS DRUMMOND

REDACTORES:

EMILIO MOURA

GREGORIANO CANÊDO

PARA OS SCEPTICOS



PROGRAMMA desta revista não póde necessariamente afastar-se da linha estructural de todos os programmas. Resume-se numa palavra: Acção. Acção quer dizer vibração, luta, esforço constructor, vida. Resta cumpril-o, e com lealdade o confessamos: começam aqui as dificuldades. Suppõe-se que ainda não estamos sufficientemente aparelhados para manter uma revista de cultura, ou mesmo um simples semanario de bonecos cinematographicos: falta-nos desde a typographia até o leitor. Quanto a escriptores, oh! isso temos de sobra. (Assim Deus Nosso Senhor mandasse uma epidemia que os reduzisse à metade!) Desta sorte, um injustificavel desanimo faz de Bello Horizonte a mais paradoxal das cidades: centro de estudos, ella não comporta um mensario de estudos. E se repona, aqui e alli, uma tentativa nesse sentido, o côro dos cidadãos experimentados e scepticos exclama: «Qual! E' tolice... A idéa não vinga.» E como, de facto, a idéa não vinga, o scepticismo astucioso e esteril vae comprar a sua «Revista do Brasil», que è de S. Paulo e, por isso, deve ser profundamente interessante...

Os moços que estão á frente desta publicação avaliam com segurança a somma de tropeços a vencer no empreendimento que se propuzeram. Está claro que não só desejam como *esperam* vencel-o. Porém, se torem derrotados, não se queixarão da fortuna, que é caprichosa, nem do meio bello-horizontino, que é, na realidade, um dos mais cultos, polidos e estudiosos do Brasil. A derrota é ainda o menos feio dos peccados, e o mais confessavel. No caso presente, o inimigo pôde tornar-se em amigo: é a indiferença do publico, tão legitima em vista dos repetidos *bluffs* literarios dos ultimos tempos.

Não somos romanticos; somos jovens. Um adjectivo vale o outro, dirão. Talvez. Mas, entre todos os romantismos, preferimos o da mocidade e, com elle, o da acção. Acção intensiva em todos os campos: na literatura, na arte, na politica. Somos pela renovação intellectual do Brasil, renovação que se tornou um imperativo categorico. Pugnamos pelo saneamento da tradição, que não pôde continuar a ser o tumulto de nossas idéas, mas antes a fonte generosa de que ellas dimanem. Somos, finalmente, um órgão politico. Este qualificativo foi corrompido pela interpretação viciosa a que nos obrigou o exercicio desenfreado da politicagem. Entretanto, não sabemos de palavra mais nobre que esta: politica. Será preciso dizer que temos um ideal? Elle se apoia no mais franco e decidido nacionalismo. A confissão desse nacionalismo constitue o maior orgulho da nossa geração, que não pratica a xenophobia nem o chauvinismo, e que, longe de repudiar as correntes civilizadoras da Europa, intenta submeter o Brasil cada vez mais ao seu influxo, sem quebra de nossa originalidade nacional. Na ordem interna, é forçoso lançar ainda uma affirmação. Nascidos na Republica, assistimos ao spectaculo quotidiano e pungente das desordens intestinas, ao longo das quaes se desenha, nitida e perturbadora, em nosso horizonte social, uma tremenda crise de autoridade. No Brasil, ninguem quer obedecer. Um criticismo unilateral domina tanto nas chamadas elites culturaes como nas classes populares. Ha mil pastores

para uma só ovelha. Por isso mesmo, as paixões ocupam o lugar das idéas, e, em vez de se discutirem principios, discutem-se homens. «Fulano está no governo, pois então vamos derrubar Fulano!» E zaz! Metralhadoras, canhões, regimentos inteiros em actividade...

Contra esse oppressivo estado de coisas é que a mocidade brasileira procura e deve reagir, utilizando as suas puras reservas de espirito e coração. Ao Brasil desorientado e nevrotico de até agora, opponhamos o Brasil laborioso e prudente que a civilização está a exigir de nós. Sem vacillação, como sem ostentação. E' uma obra de refinamento interior, que sò os meios pacificos do jornal, da tribuna e da cáthedra poderão vehicular. Depois da destruição do jugo colonial e do jugo esclavagista, e do advento da fôrma republicana, parecia que nada mais havia a fazer senão cruzar os braços. Engano. Resta-nos humanizar o Brasil.



CAPITULO

Mario de ANDRADE

Andando por estes mundos apenas descobri uma profissão á qual o alemão não se adapta. A do garçon. O alemão não sabe, não pode ser garçon. Mostre-se embora rapido e solícito, simpatico, feliz não é eficaz. Essas mesmas qualidades indispensaveis no garçon se transformam no alemão em motivos de afastamento.

Sempre observei o comovente compromisso trocado entre o freguês que bebe e o garçon que serve. O verdadeiro freguês não pede sómente whisky e sanduíches, traz pro restaurante um diluvio de pedidos inexpressos inconscientes que urge satisfazer tanto como a sêde. Quem serve fleve saber disso. O verdadeiro garçon sabe disso. Com olhar e sorriso ventando brisas de despreocupação envolve o freguês numa atmosfera intima de paz e suavidade. E deve estar sempre atento. Porém que a atenção dele, êsse cuidado em servir bem e a tempo não se entremostre siquer, o freguês adquiriria a noção compressiva do minuto que passa—prejudicial ao descanso dele e á prosperidade do bar.

Outro dever principal do bom criado é saber desejar pelo freguês. Não se esqueça que êste é por excelencia o homem que pede. Pede até o proprio desejo. Em verdade si um homem senta-se ante a mesinha do Café e pede um chôpe e unicamente um chôpe é freguês perdido. Antes tranzeunte alterado cheio de trabalhos em seguida. Pois então o garçon se transfigura. Deve mostrar pressa pra que o negociante não esqueça a dele. Mas intencionalmente roçará o alvissimo frio do paletó pela mão ombro do sedento. Oh a maternal piedade dos linhos tão sadia! que nos incita a de novo trabalhar e vencer... O frescor ensalmanante do brim claro como previsão de pazes futuras prá mão que tremerá daqui a pouco assinando o contrato ou recebendo os cem contos que não lhe pertencem... Porém o homem do chôpe rapido não é freguês. Este é o sem-rumo tanto no tempo como na vontade. Vem. Se abanca. Entre os pedidos que não articula um dos mais preciosos é o de querer querer. O garçon tem de lhe propiciar o desejo. Deve penetrar-lhe no corpo conhecer-lhe num olhar os achaques. Descobrir tendencias adivinhar góstos inventar consolos recriar a alegria. Deve ir mais alem mesmo: lêr até nos segredos da sensação e sentimentos vagos enterrados no inconsciente pelos quais tanto se sofre sem saber porquê. Me lembro do dia em que freguês penetrei num bar do Rio de Janeiro. Não tinha nada que fazer. Banzava, meus desejos satisfeitos, sem esperanças nem saudades. Estava perfeitamente em dia comigo mesmo. No entanto não era feliz. Porquê? Foi quando me veio servir um brasileiro talvez mulato lembrando na pele essa cor quasi palida das práias. Porém o Sol crepuscular re-

flete os rubores na areia das praias. Assim êle. Que desejaria eu, Deus dos cristãos ! Queria querer. Era uma das razões do mal-estar, meu tedio. Carecia dessa dinamica do desejo, causa assú pela qual a vida interessa. Veja agora como o criado me serviu. Quando me deu o boatarde com a deiscencia dos labios rindo e os dentes decorativos comecei a me interessar desde logo. Me interessar, intransitivamente, sem complemento direto, reacção. Misturadamente êle me falou da beleza da tarde e precisão em que eu estava, de outra terra (descobrira em mim o paulista aliás coisa facil pelo paulista que está sempre do lado de fora dos paulistas) precisão de ir ver a queda da noite no Pão-de Açúcar e do extraordinario cocktail propriedade da casa. Senti a delicia da hora me orgulhei de São Paulo e pedi o cocktail. Entretanto si me pusera de novo a viver já interessado permanecia em mim a sensação de falta, pobreza, de omissão. Não estava ainda feliz. E bebia mal o cocktail tão detestavel como todos os cocktails. De vez em quando o meu garçon passava rapido mas bamboleante pelo meu olhar. Era que nem dansa habilissima que mal tocava o chão. O bailarino parecia feliz. Me regava de prazer como vaporizador benefico. Seus olhos de tanta luz ! me agasalhavam, se interessavam por mim, eu sabia...

—Já venho.

E foi levar o cocktail propriedade da casa a outro freguês. "Já venho" porquê ? Não o chamara. Mas já se aproximava sem me dar tempo pra sofrer com a inquietação. Lhe percebi no olhar um momento de intensa procura. Disfarçou dispendo melhor uma cadeira. Limpou o marmore limpo da mesa mostrando o punho suficiente. Muito calmo, arrastando o gesto.

—O senhor desejaria... cigarros?... fosforos !

Isso. Queimara fazia pouco meu último fosforo. Em breve lá fora talvez no bonde talvez na Atlantica sem charutarias metendo na boca o cigarro me faltaria fogo. Nem era propriamente a ante-sensação da contrariedade que me anulava o bem-estar atual e me deixava assim quasi infeliz. Era a falta imediata de fosforos mesmo sem vontade de fumar. O fumador carece de fosforos á mão mesmo que não esteja pra fumar. Carece de fosforos. Só isso. Lá vinha êle com os fosforos. Rasgara o selo que tanto impertina quando a gente abre caixa nova. Fazia a caixeta correr no resguardo me livrando assim de inuteis pequenininhos esforços futuros. Fiquei completamente feliz. Jantei bem. Fui no cinema. Beije com os olhos todas as mulheres que encontrei e.

Genial garçon ! Fosse eu rico êle seria meu, meu pra sempre ! meu até a morte !...

Incompetencia pra adivinhar os fosforos eis o principal defeito do Kelner alemão. Nunca desejará pela gente. Jamais em tempo algum ha-de ajudar a gente a querer. Fica sentado em cima dum rochedo qual junto dum penedo outro penedo, mudo loiro frio, muito loiro e frio... Não nego tenha qualidades servis. E' mesmo quasi sempre sollicito e discreto. Mas duma sollicitude que irrita e discreção que fere.

Quanto mais admiráveis os garçons franceses ! Não falo agora do criado inglês, Phipps, entidade romanesca, severo e absolutamente idiota . Impassível . Detesto o criado português, burríssimo e collocador de pronomes . Abomino o espanhol, pegajoso esguio, frequentemente de olhos verdes . O italiano seria bem mais apreciável mas tem unhas sujas—qualidade mais que inútil pra dispor sobre a mesa talher prato e a sensualidade traiçoeira das pastelarias .

A França é a terra dos poetas classicos e dos garçons geniais . Olhe como elle se multiplica liquefaz e transcende a desordem escura da vida subjugando-a metodizando-a . Nada tem de mais classico na França que a bem composta servilidade do garçon . A França criou o garçon . A propria França é o garçon da humanidade . Veja a literatura dela e artes todas . Onde o Shakespeare que revela ? o Dante que domina ? o Cervantes que descobre ? o Dostolewsky que acabrunha ? Onde o Rubens que incendeia ? o Miguelanjo que alucina ? o Mozart que diviniza ? Não . Porém sob a capa amarela encontraremos o adivinho dos fosforos . “Un peu de chaque chose e rien du tout, à la françoise” não ? Montaigne... Tem de tudo em dose humana e comedida . Divinatoria solicitude, abundancia amornante . discreção camarada . Racine e Colette, Ingres e Delacroix; Couperin e Massenet . Claridade risonha, felicidade e scepticismo, morte dos deuses, morte dos misterios e da bruma, meio-termo . Meio-termo ! Afastamento do angustioso e do incomensurável . Medida . Ordem . Clareza . Claridade !

França, filha unica da Grecia ! Garçon, filho de lavadeira ! Esta alimpou da truculencia e misticismo barbaro da Asia a roupa branca que pelos seculos dos seculos resguardará de chuva e frio a epiderme da humanidade pensativa . Lavou genialmente . Linho mais alvo que Socrates, Platon, Aristoteles não tem . Mas não basta a roupa . O garçon veio preparar a janta succulenta e vária com pratos pra todos os estomagos e vinho pra todas as guelas . Riqueza carinho e comedimento . Curiosidades pra todos os curiosos, mediana calma pra todo os agitados, duchas quentes e duchas frias . Duchas escocesas . E sobretudo maravilhosamente o descobrimento dos fosforos... Eu te venero, França ! oh servidora ideal, garçon da gente !...

(do romance Amar, Verbo Intransitivo) — (INEDITO)



Momento brasileiro

Magalhães DRUMMOND

— I —

A esta altura da evolução nacional, já não é exaggero falar-se de um "momento brasileiro"

Afortunadamente l... Essas duas palavras já constituem bem uma "expressão": já ha uma idéa bem individualizada vivendo dentro dellas, que, assim, têm já um sentido distinctamente expressivo para quem quer que se não obstine em lh'o não perceber. E, em verdade, somente não n'ó apprehendem os espiritos obsecados pela obstinação de negar á nossa gente toda e qualquer "vis constructiva"

Para esses,—e somente para esses—continua a ter valor de axioma a affirmação da incapacidade do brasileiro para—effectiva e definitiva e congnadamente—se assenhorear do grande e formoso paiz que lhe é "habitata" e, assim, com dignidade, se assegurar um logar na Terra, entre os povos. Somente para esses,—(felizmente, dia a dia, mais raros),—"possessos do pessimismo", somente para esses, assim continúa a ser,—porque a verdade é bem outra.

Sim, que si ha uma incapacidade demonstrada, não é a do brasileiro para constituir uma nacionalidade e, assim, durar na sua terra: é, sim, a incapacidade desses pseudo-s ciologos para sentirem o profundo e profuso, intenso e extenso, formidavel e esplendido estuar de vitalidade que, precisamente agora, ahí está, por toda a vastidão da terra brasileira, pompeiando em toda a sua seiva e em todo o seu viço, em poderosas e irreprimíveis manifestações creadoras. Ao velho e estafado prégão do irremediavel da nossa fallencia como povo, ao estafado e rancido refrão que proclamava ser o brasileiro indigno da sua terra, vae-se substituindo nos espiritos a certeza de que, si aqui a terra é boa, melhor, muito melhor ainda do que a terra é o homem.

Unicamente porque,—por affectação de *snobismo* senão por inviscerada tendencia ao cabotinismo, uns tantos espiritos superficialissimos e de uma aridez de areial—mantenham-se alhejados e insensíveis á verdadeira plethora de energias creadoras que ahí está rebentando em ecclosões magnificas, somente porque sejam assim incapazes de o perceber e indignos, por isto mesmo, da summa felicidade de viverem, no seu tempo, a vida da sua gente,—somente por isto não podem elles sentir e identificar o grande momento que o Brasil está vivendo, inegalado momento historico,—hora de apogeu,—na qual a nacionalidade se plasma, se modéla em môldes proprios e energicamente se affirma, para rumar,—direito,—á consecução do que constitue a vocação do seu genio

Momento brasileiro!... Afortunadamente, ahí está elle, indissimulavel e inconfundivel, accentuadamente diferenciado de qualquer ou-

tro, na nitidez das suas características actuaes e na sua visivel e inevitavel projecção sobre o porvir da nacionalidade .

A' falsa affirmação de que o actual momento brasileiro é,—peior ainda do que si fôra de anarchia mental,—por ser de absoluta amentalidade;—peior ainda do que si fôra de generalisada immoralidade—por ser de integral amoralidade; peior ainda do que si fôra de declinio que começa,—por ser de desaggregação que se ultima; peior do que de inicio de absorpção dos elementos brasileiros por extranhos elementos mais fortes, por ser a hora da decomposição na qual toda a tecitura do organismo se esfaz porque os seus mais nobres elementos estão delindo;—a uma tal affirmativa um desmentido completo e irrespondivel é opposto por toda uma trama de factos comprobatorios de que,—ao envez do actual momento nosso se caracterisar por uma raza amentalidade,—nunca, em nenhum outro, uma mentalidade brasileira se fez tão visivel nem apresentou taes condições de consistencia e de coordenação; de que ao envez de ser de completa amoralidade elle se assignala exactamente por uma poderosa reorganisação de forças moraes; de que ao envez de declinio, a hora é de accentuado esforço ascencional; envez de dissociação, é de condensação; que envez de estar delindo, o organismo se integra e se aperfeioa numa solidarisação cada vez mais forte e mais intima dos seus componentes; envez de estar se desaggregando, elle se reconcentra e se adensa, nos seus elementos melhores, e ganha consistencia, homogeneidade, harmonia e equilibrio, e adquire um rythmo proprio, e imprime uma peculiar eurythmia á synergia das suas forças .

Procurarei fixar em rapida notação algumas das manifestações mais visiveis dessa synergia nacional constructiva, caracteristica do actual momento brasileiro. Ver-se-á que, longe de ser o da animalisação da especie, caracteriza-se elle por um alto e nobre sentido da vida; que longe de se mostrar vasio de objectivos, apresenta-se elle como definidor da destinação da nacionalidade . Ver-se-á, principalmente, que ahi onde se affirmava haver apenas um chaos de inconsciencias, existe já,—formada e rutilando,—uma verdadeira constellação de consciencias; que ahi onde se affirmava haver apenas um conglomerato de interesses indifferentes,—senão hostis mesmo—uns aos outros, ha já uma theoria, um systema espirital, uma grande familia de almas torturada dos mesmos anceios e vivendo para as mesmas esperanças; que ahi onde se dizia haver só o entre-choque de ruidos discordes, é já possivel escutarem-se consonancias perfeltas e harmonias duradouras .

Procurarei, no desenvolvimento deste ensaio, provar que ha uma “idéa brasileira”, um “pensamento brasileiro”, um “espirito brasileiro” polarisando as idéas, os pensamentos, os espirites dos brasileiros; que ha um “ideal brasileiro” em que se enucleam e se concentram e em que se unificam e se harmonisam as melhores energias nossas; que o “problema brasileiro” prima, na consciencia da generalidade dos brasileiros, sobre todos os demais problemas, e que a convicção já se formou de que á sua solução só se chegará por um “criterio brasileiro”.

Ver-se-á que esse grande problema é—precisamente—o da “*organisação do Brasil para durar como Estado e como nacionalidade*”.

FUNDO DE GAVETA

Milton CAMPOS

Sendo um momento da eternidade, temos o eterno em nós. O scepticismo commodista é que nos leva á convicção de que somos passageiros.

*

A concepção espectacular do Universo, que o sr. Graça Aranha expoz em livro recente, é deliciosa para quem tenha poltrona de primeira. Mas ha homens commodistas, que preferem perder o espectáculo a vel-o da confusão das torrinhas. Dahí uma excellente e elegante justificação do suicidio.

*

Romain Roland é um musico *manqué*. Não podendo compor as symphonias geniaes que lhe turbilhonavam na alma, teve o recurso de crear *Jean Christophe*. Que recurso feliz !...

*

Diz-se que o instincto é máu, que o instincto é cego. No entanto, elle é a marca da divindade na creatura. O que conseguimos além do instincto é por trabalho nosso, com esforço doloroso. Com o instincto, vamos pelos caminhos direitos e claros; só com elle, não fugiriamos a nosso fim.—O soffrimento é uma criação da intelligencia

*

O infinitamente grande e o infinitamente pequeno têm as mesmas dimensões: o que predomina em ambos é a idéa de infinito, que é insusceptivel de medida e não pode, pois, ser grande nem pequeno.

*

Só o pensamento desinteressado pode ser realmente audaz. Rémy de Gourmont, por exemplo, para que ninguem estranhasse sua ousadia de pensador, allegava que escrevia apenas para aclarar as proprias idéas.

*

Diz uma oração que este mundo é um valle de lagrimas. Em phrase ainda mais líquida, é um oceano de amargura. Não vale a pena viver nadando eternamente, a romper com o peito as ondas. E' melhor que fiquemos, a principio, no raso, construindo pacientemente o nosso batel. Depois... "soltem se os remos!"—e vogaremos serenamente á flor das aguas, a ver a aza das gaivotas cortando o azul do céu...

*

Nosce te ipsum.—Conselho perigoso, que a poucos é dado seguir; quem resistirá ás vertigens que a gente soffre, ao debruçar-se á beira de um abysmo ?...

O tempo é infinito e indivisível. Mas o homem finge limitá-lo e dividil-o com a ficção dos annos e dos dias, para ter a illusão consoladora de que é o tempo que passa por elle, e não elle pelo tempo.

*

Escapou a Maeterlinck, quando escreveu o ensaio sobre o silencio, um exemplo frisante. O inacabado, nas realizações artisticas, quando intencional, impressiona mais fundamente, pela elaboração a que obriga a sensibilidade do espectador. O artista interrompeu a obra num ponto da execução, e dahi por diante ella é mais expressiva e communicativa. O inacabado é a parte do silencio nas obras de arte.

Bello Horizonte, 1922.

IRARIGOAN

AUSTEN AMARO

A. Magalhães DRUMMOND

Ponto por ponto, a frota de Cabral desvanecera-se...

Irarigoan, o chefe indio, deixara-se ficar no tópo do rochedo, o olhar demorado na linha do horizonte, como a seguir ainda o roteiro desconhecido das embarcações. Uma angustia inexprimível pesava lhe sobre a alma de barbaro, toda posta na anciedade inquietadora do olhar.

De onde teria vinda aquella gente?... De onde, aquellas monstruosas naus ?

Em sua mente, como um pesade'o acordavam os acontecimentos a que tinha assistido. Primeiro, lembrou-se, surgiram uns pontos negros lá onde o ceo se abre para lançar o oceano !...

Mais e mais, foram-se accentuando os contornos da apparição E, diante do olhar dilatado de sua gente, daquelles bojos enormes desapegaram-se embarcações minusculas... e que vieram, lentamente, até a praia.

Reavivou-se-lhe no intimo o primeiro impeto que tivera de receber aquelles homens bizzaros com um grito de guerra . Recordou-se, então, que um medo extranho, no momento, entorpecera-lhe a vontade.

Ahi o semblante do cacique voltou-se para a terra, e seu olhar baixou sobre a taba da grande nação aborigene. Adivinhou, no meio daquellas choças, o seu povo contente com as dadas dos brancos. Entreviu feliz a sua gente com aquelles mimos nunca vistos. E, reconhecendo que a submissão succedera ao espanto, acabrunhou-o a passividade de seus homens.

Vagueou, lentamente o olhar pela ondulação azul das collinas. Lá, bem em baixo, como um gigante de braços abertos para o ceo, estava o marco deixado pelos brancos. O olhar do cacique cahiu sobre elle.

(Continuano fim da revista)

A situação

G. CANÊDO

O «momento», passo em falso que deu a Nacionalidade, não traz de vencida a «resistencia». Esta é a expressão viva da alma collectiva nacional, que ainda não é a ficção e o «*flactus vocis*». Temol-a. Mercê do pensamento politico brasileiro, reconstructivo e adequado á regeneração ethica do palz.

A proposição expozada por quantos volvem a attenção a esse assumpto, que clama a ausencia dessa nossa alma collectiva, no sentido absoluto, não representa á verdade, o minimo vestigio da falta de homogenidade cohesa do espirito social e politico do Brasil.

Tem o palz, na Republica, cedido terreno, pela excessiva liberalidade da sua Lei, ás ambições de toda sorte que se articulam contra elle. Mas, o factio não vem explicado pela desarticulação do aparelho organico que regula a nossa vida politica ou administrativa. Não; o espirito joven desta Patria, ainda e com segurança sustem a brasilidade sã e a aspiração que lhe ajusta á estructura a «ideia—divina» de Hegel !

E' a esta que se prende o pensamento dos povos hodiernos das grandes civilisações, em cuja consciencia se alimente um estalão intimo de grandeza e progredimento.

A formação da unidade de uma gente, em todos os sentidos e modalidades, é a resultante de um phenomeno de ordem espirital, em que o factor moral e psychico é a condição *sine qua*.

E, se o espirito politico nosso não atravessa periodos de incubações mentaes, em detrimento das altas perspectivas nacionaes, que desafogam o regimen do chaos da tranqubernia, onde a inexistencia da alma collectiva nacional ? Temol-a. Não sejamos pessimistas. A persuasão da derrota, é a derrota infallivel.

“Não ha nada peor para um povo, do que a auto-suggestão da sua decadencia”, cuja força, em que se imbebe a consciencia humana, toma-a de vertigem, resultando-lhe a queda irremediavel.

E' nesta alta e vigorosa «vis» pycologica de Foullée que o Brasil se espelha, para dess'arte testemunhar à vista de todos os povos, a robustez e lucidez da sua mentalidade politica.

A luta que sustentamos contra a voragem, para zelar o nome de povo de passado consciente, em nada abala o *todo* da nossa collectividade. E' apenas, a ansia de um aizejo incontido de ligar o futuro que nos prescreve, o destino de uma grande Republica, aos legados fastos da nossa historia gloriosa.

E' esta, a forma de patriotismo, que á luz do amôr á tradição, nos guia á posteridade de um amanhã luminoso. Nada de pessimismo. A nação atravessa a quadra mais delicada de sua vida—premissas economicas e financeiras, moratorias que curvam o nosso credito, guerrilhas caricatas que nos individam, agudas crises de producção, pesado regimen tributario, emigração do dinheiro nacional, paralyzação de negocios, retracção do numerario e a consequente depressão cambial. Mas, governo e povo brasileiros, irmanados a beneficio do soerguimento da normalidade do Brasil, não vêm entraves ao grande emprehendimento.

A reconstrucção do paiz hade basear-se na consciencia, no brio e bravura dos nossos responsaveis, em causa commum com toda a gente brasileira que pretender uma Patria feliz.

Imaginemos nós mesmos, o *fundings-loan* moral contrahido com o proprio Brasil e façamos mira o objectivo da contemplação desinteressada das coisas, ao amôr da terra em que nascemos, á probidade, energia e proposito de nos conduzir ás futuras perspectivas reivindicadoras.

Abramos as nossas portas á confraternisação universal, para que o egoismo e a nefasta ideia do nacionalismo—exclusivista de nativismo estreito, ceda logar ás correntes immigratorias cosmopolitas.

O sopro de reacção bemfazejo que às maiores civilisações presentes animou, depois da tremenda carnificina que ha onze annos ensanguentou a humanidade, foi a disseminação por toda parte, dessas correntes humanas, egressas do Velho Mundo.

Ainda muito prescindimos do concurso daquelles que se abrigam á liberalidade excessiva da nossa Bandeira, para conosco, no labor commum, formar uma terra feliz e engrandecida. Conserval-os na vastidão immensa do nosso seio e reclamar ainda o seu advento ás nossas actividades, é contribuir com efficacia para o Brasil-futuro, dentro ás normas de verdadeiro nacionalismo. Não porém desse nacionalismo moderno que enche revistas, livros e jornaes, avassalando displicentemente o espirito do nosso povo, em que a exclusiva finalidade aviltante é «desportugalisar» a Patria...

O braço estrangeiro de que depende o indice de diffusão e saneamento perfeitos do nosso trabalho productivo, pelo territorio nacional inteiro, não é o chinês, allemão, japonês, hespanhol, italiano ou portuguez, mas qualquer que seja, uma vez que á sombra do labor fecundo, coopere para a nossa felicidade economica.

Para que seja ainda mais nossa, a nossa Patria, façamol-a do imigrante.

E' mais um passo de salvação.



TEJUÇO

(Trecho de um poema)

Pedro NAVA

II—MUSICA

Violão e sons oblongos no dia longo.
Os minuets de Vercélhes,
teem outro som dançados na côrte do Tejuço.

O violão põe rithmos mestiços,
põe coleios longos,
requebros bruscos e
sinuosidades perfidas
no minueto de Chica da Silva.

O minueto é lumdum,
é jongo, é catêrêê,
na côrte mulata do Tejuço.

V—DIAMANTIDA

Tudo acabado . . .
Tudo, queimou sól,
queimou tudo e cançado,
capenga com' elle só,
veio vindo, veio mancando,
se firmando nos beiraes,
pra beber no barranco,
a lagôa
da rascôa.

INGENUIDADE

ABGAR RENAULT

*E si o teu coração emfim,
pensasse em mim ?*

*E si eu vivesse, um só momento,
na ronda inquieta do teu pensamento ?*

*E si o meu vulto desencantado
enchesse, como um grande sonho triste
o nocturno mysterio desse olhar ? . . .*

*E si a minha alma de incontentado
da Belleza e do Ideal pudesse, um dia,
para tua alegria,
se espetalar
serenamente, luminosamente,
como uma grande flôr de luz, na tua estrada ? .*

*E si tuas mãos lyricas de fada
viesses, num gesto simples de milagre,
redimir e sagrar o meu Destino indifferente ? . . .*

*E si o meu coração
pudesse desfazer-se em versos commovidos.
para encantar, por um minuto vão,
numa voz de segredo, os teus ouvidos ?*

*E si a minha vida rude
pudesse ser, na sua amarga solidude,
como um lago azulado e tranquillo, a espelhar,
na superficie calma,
todo o céu tremulo de estrellas que é tua alma ?*

*E si a alegria fulgurante dos teus olhos
se houvesse entristecido
por haver comprehendido
o ingenuo, o melancholico silencio dos meus olhos ? . . .*

Setembro, 1924.

DUAS FIGURAS

ALBERTO CAMPOS

O BARRETE DE S. CORNELIO

De como o pequeno Tertuliano, com uma applicação de thêrapeutica divina, perdeu a crença.

Tertuliano foi educado n'um meio severo e quasi monacal, que era o de sua familia. O pae praticava integralmente a religião catholica, o que, a principio, inquietou Tertuliano, pois seu pae, homem de rara intelligencia e que vivia entre livros, temia a Deus. Tertuliano pensava que Deus fosse uma creatura analogo ao personagem de um livro, que elle, attrahido primeiro pelas illustrações, depois pelas aventuras, lia na bibliotheca, aproveitando-se da distracção do pae. O livro era de Cervantes e o personagem era D, Quixote. Dahi o elle inquietar-se—seria possivel que seu pae temesse aquelle homem pobre e bom, que marchava sobre moinhos de vento e vivia em companhia de Sancho Pança ?

Estas ideas vinham á cabeça de Tertuliano quando elle se deliciava com as aventuras infantis de D. Quixote. Como elle só contava nove annos, as idéas vinham e fngiam immediatamente.

Passaram-se os tempos e, com elles, estas idéas de Tertuliano. Aos quinze annos elle acreditava fervorosamente em Deus, apezar de não fazer d'Elle nenhuma idéa, ou talvez, por isso mesmo. Aos nove annos, julgando-O analogo a D. Quixote, divertia-se com Elle; aos quiuze não O comprehendia e, portanto, temia-O.

Neste tempo, Tertuliano, apprendendo latim, lia Virgilio. A sua attenção nunca foi despertada para o seu nome, o que prova sua innocencia e candura. Como elle era intelligente e tinha quinze annos, idade em que os mysterios dos sentidos começam a ser percebidos confusamente, os senhores não se surprehenderão de saber que uma tarde, ouvindo Chopin, a sua imaginação entreviu o braço da filha de um seu vizinho, o braço e talvez o rosto. Tertuliano preoccupou-se com isto, pois, pensava elle, a imagem devia ter surgido, não fragmentaria, mas integralmente, corpo inteiro. Esta analyse interior foi rapida, coma era natural em uma creança. Tambem rapido foi o esquecimento de Chopin, do braço e da filha do vizinho.

Nesta idade em que para Tertuliano tudo era mysterio, sua familia entrou em delirio mystico com um presente que seu pae recebera de um arcebispo, vindo de Roma. O presente era um milagroso barrete de S. Cornelio que, além das virtudes inherentes ás cousas de Santos, curava dores de cabeça. Tertuliano tinha uma crença inabalavel no barrete. Ficava, ás vezes, em extase, contemplando aquelle pedaço de velludo esgarçado e sujo, sem que viesse á sua intelligencia a menor duvida a respeito de milagres.

O barrete foi applicado, com maravilhosos resultados, a toda a familia. Como Tertuliano soffria de enxaquecas, não tardou em experimentar o infallivel remedio. A familia reunida constatou mais uma vez o poder de Deus e dos Santos. Tertuliano, que estava excitadissimo, declarou, logo depois que lhe foi collocado o barrete, ter desaparecido a dôr. Mas o certo é que a dôr não havia desaparecido; elle dissera que sim, por acreditar mais em milagres do que em si.

Passados uns dias, nova applicação. Reune-se a familia. Apesar de já estar durante dez minutos com o barrete na cabeça (tempo bastante para despertar vaidade ao proprio Deus), a dôr não se ia embora. Tertuliano começou a achar ridiculo aquelle quadro, em que elle, sentado em uma cadeira alta e de barrete vermelho na cabeça, tinha toda a familia ajoelhada deante de si. Decorrida meia hora, Tertuliano disse ao pae que a dôr continuava. O pae e toda familia indignaram-se, chegando a chamal-o de mentiroso. Desde então passaram a tratal-o com o maximo rigor, castigando-o com frequencia. A fé costuma cegar mesmo os paes. Tertuliano, do mesmo modo que não o acreditavam, passou a não acreditar em milagres. Não podemos penetrar os seus pensamentos, mas a verdade é que Tertuliano perdeu a fé. Elle costumava dizer que o symbolo mais sombrio era o de um homem, orando de joelhos.

Como o destino é ironico e confuso, fel-o medico. Hoje, Tertuliano acredita nas drogas.

SIMÃO, O MATHEMATICO

Eramos companheiros nas aulas de mathematica, não sò nas aulas, mas em tudo, pois a nossa amizade nos unia desde pequenos. Simão, tendo começado os estudos commigo, e tambem por sermos da mesma terra, nutria por mim um sentimento de amizade eu, somente, de camaradagem.

Não digo que era amizade, porque Simão tinha, de mim, uma certa desconfiança. Isto não o soube por elle. que certo se aca-

nharia em m'ò dizer, mas por um seu amigo, o João, que fazia maus versos e só fallava nelles. João não era pouco intelligente pelo facto de fazer maus versos, o que é uma crise commum na sua idade, mas sim por sò fallar nelles, sendo mais do que indiscreção, pois João já era maduro. Mas, reatando, Simão dizia que esta desconfiança vinha do meu genio um tanto alegre e ironico, ficando elle receioso de se expandir em minha presença. Havia muito, tendo notado o seu afastamento, que procurava captar, de novo, a sua amizade, porque Simão era um rapaz intelligente e de bons sentimentos, e tambem por serem amigas as nossas familias. Sendo elle bom e intelligente, não me foi difficil conseguir, pela segunda vez, a sua amizade. Mas o que nunca consegui foi saber porque o haviam appellidado «o mathematico». Simão não tinha grande queda para a sciencia dos numeros, mas isto não quer dizer que elle fosse incapaz de comprehender. Fosse por não estudar, ou por não se interessar em comprehendel-as, o certo é que Simão não sabia nada de mathematicas.

Ultimamente, havia mudado muito, De folgazão que era, passou a contemplativo e melancolico. Se mudar de genio equivale a mudar de habitos, Simão havia mudado inteiramente de habitos. De amante de festas passou a amante da natureza, que, segundo elle, «não deixa de ser uma eterna festa para os que a sabem comprehender e emprestar, a ella, um pouco de sua vida, o que equivale a um pouco de movimento.» Podemos dizer que Simão não se contentava com este pouco, emprestando á natureza toda sua vida, dahi o andar elle melancolico, e mesmo, se quizerem, com vontade de abandonar os homens. Não preciso dizer que Simão era desattento nas conversas, as poucas que consentia aos amigos, pois elle não se entregava mais a este prazer, que segundo dizia, «obriga o homem a sahir de si mesmo e viajar pelos outros, trazendo comsigo, quasi sempre, uma desillusão.

Para conciliar o seu amor da natureza com o seu desamor dos homens, pois elle vivia na cidade, Simão sahia todas as tardes e manhans, em demorados passeios pelos parques. Por fim elle não se contentava mais em sahir duas vezes ao dia, vivendo, mesmo, num delirio ambulatorio. Quando não o era pelos parques, era pela rua. Diziam uns que elle era um homem desilludido da vida, sendo ou não verdade, o que não resta duvida é que elle vivia em convivio com a natureza, mesmo dormindo. Pois, saibam os senhores, não aconteceu só uma vez, Simão fallar, altas horas e de olhos fechados, que estava em colloquio com os regatos e, muitas vezes mesmo, ouvindo fallar as seivas das arvores. Alguem achava que era amor, mas o que penso ser certo é que era loucura.

Simão sahía de casa muito cedo a perambular pelas ruas, com os olhos muito abertos e muito brandos, olhar de louco, como num encantamento, em que tudo lhe parecesse alegre e sentindo um extase de belleza não só deante das cousas bellas, mas também das feias, porque dizia elle «não existem cousas bellas nem feias, a belleza está em nós». Simão entrava no parque e depois de ficar tempos esquecidos sob as sombras das arvores, começava a andar desesperadamente por todos os recantos. Se parava, era para ficar contemplando os beijos voluptuosos com que as ondas de um grande lago beijavam a terra. Um dia que encontrei Simão à beira do lago, elle me disse com uma voz quasi extincta: o repuxo é um desejo do lago para o ceu. Arregalando mais os seus olhos azues, porque Simão tinha os olhos azues foi andando muito serio no seu terno já russo.

*
* *

Passei muito tempo sem vel-o. A ultima vez que o encontrei foi em uma praça de banhos. Simão sempre alheio a si mesmo. Mas agora maltrapilho, com as botas rasgadas e as unhas de luto. Por entre a barba, via-se-lhe o rosto magro e pallido. Apesar dos seus vinte e um annos a barba era grisalha. Perguntei-lhe o que fazia alli. A resposta foi que estava alli «para ver o mar para sentir o mar, mas não dalli da praça, que não se via nada, e sim em logar que só fosse mar e céu», e por isso me pedia que lhe emprestasse vinte mil réis, para, alugando um barco, satisfazer este desejo. Simão teve o dinheiro, e com o dinheiro o barco. Remou para fóra da barra, e como com elle não havia mais ninguem, foi remando sem pensar na distancia que percorria, tornando difficil a volta. Não, pensava na distancia e tanto assim que, quando voltou os olhos para os lados e para traz, os olhos não vendo mais que céu e mar, brilharam de alegria, da alegria que pode brilhar nos olhos de um louco. Tomou de uma machadinha que trazia consigo e collocou-a no fundo do barco. Inclinando o corpo para o mar, molhou as mãos e a barba e, ficando de joelhos, começou um ritual, que não sendo de nenhuma religião, devia ser da loucura. Depois disto sentou-se. As suas mãos tremulas pegaram na machadinha e, com ella, furaram o fundo do barco. A agua entrava em borbotões, enquanto Simão, extatico, olhava não para a agua que rompia pelo buraco, mas sim para o limite das aguas com o ceu.

Quando o barco ia se afundando, e com elle Simão, seus olhos brilharam com um brilho de arrependimento, ou, provavelmente, de beatitude.

Foi desta morte singular que morreu Simão, o mathematico.

JANEIRO

JOÃO ALPHONSUS

*Meio dia Janeiro
Paralytia paroxista
O sol carrasco nos carrascaes*

Abre as janellas e desce as cortinas amarellas
MEU SOL

*Nos bosques longinquos aguas cantam nos cantos
Uma frescura de boas vindas para quem lá entra
Mas os bambos bambús não bamholeiam no
Morno mormaço*

*Eu já sorri ao sol meninamente
Entrei nos bosques que me acolhiam com mãos frescas
Sombra tão boa quando o sol castiga
Gangorrei rindo nos cipòs
Nadei nû na agua que havia lá no canto cantando
E' bom lembrar no meio dia do nosso amor*
MEU SOL

*Agua limpida que bebes no copo verde
Atira o resto para as begonias da janella
No terreiro as gallinhas abrem o bico
Batem azas inuteis
Talvez pensem que bom voar
Janella aberta para o verde
Quando chove escorrem pingos verdes na paysagem da
Desejo de chuva (vidraça)
Desejo de amor*

Sê com as arvores biblicamente
MEU SOL
*Mas não te moves
Nada se move
A vida é tanta que parou*

A séde da comarca de Gorutuba

Alberto DEODATO

Gorutuba, elevada á cidade nos meados do seculo passado, anti-quissimo pouso de bandeirantes e rancho da cruz de Aspiloueta, ha vinte annos que è cabeça de comarca sertaneja. Em duas praças quadradas se escoram setenta pardieiros, especados na frente e nos fundos, de telhados encardidos onde as parasitas brotam no inverno do limo viçoso. A Praça da Matriz e a Praça do Mercado ligam-se pela rua da Frente, que beira um rio barrento. Na primeira pompeia uma igreja, acachapada de torre e sacristia, com um sino ao lado, pendurado num toco de gamelleira, que lhe dà ao oitão uma sombra carinhosa. E' tranquilla e pittoresca e ahi vivem, bicando e roendo a grama tenra e fresca, os gallinheiros da redoudeza, meia duzia de jumentos e ovelhas de cambão. Pelas portas, escarrapachadas nas espreguiçadeiras, derramadas nos batentes, cavaqueiam matronas vizinhas pelas noites enluaradas. Na ontra praça, a do Mercado, o tempo descascou a ultima pintura do forum, grudado de editaes delidos pelas chuvas e picados pelos garotos; o barracão do mercado abriga bruacas e cangalhas e a casa do juiz mostra ao sertanejo affrontado as vidraças das janellas, por onde elles espiam cousas nababescas: cadeiras de palhinha, jarrões de porcellana e uma montoeira de livros sobre as prateleiras. Quatro ou cinco casas de fazendas, seccos e molhados escancaram as portas onde se esticam roupas feitas de carregação e por onde se penduram artigos de bazar. Sobre o cavallette espicha-se a manta de carne secca com o preço do kilo em letras azues sobre papel pardo. As moscas zumbem em roda. Os commerciantes espicham-se no balcão, com a cabeça sobre as medidas e o palito trincado nos dentes, giboando a digestão pesada.

Na rua da Frente, que beira o rio, a cidade vive a vida pittoresca do sertão. Ahi pousam os tropeiros encardidos da viagem longa, tostados ao sol candente das caatingas, acostumados a tanger tropas e boiadas dos confins goyanos e reconcados da Bahia, palmilhando, de pouso em pouso, as estradas reaes, ao som dos guizos dos madrinheiros e ao estalo das linhas no ar turvo de poeira. Derrubam as cargas da rua da Frente, ao longo do rio, cangalhas sobre cangalhas, costal sobre costal, ao abrigo dos couros. Enquanto a tropa suada lambuja, por perto, os restolhos da grama que tapeta a rua, os tropeiros procuram a manga para alugar; aquelles cuidam de bater as cangalhas, e, com a faca de ponta, arremendar os couros e os embornaes; e os cozinheiros das tropas, trazendo gravetos seccos apanhados nas estradas, penduram os caldeirões nas trempes de forquilhas e accendem o fogo. Até que ferverlhe o arroz, estendem-se, cançados, nos couros, ao calor do braseiro, chegando aos olhos o chapèo de couro, as mãos enfiadas nas calças por debaixo do cinturão.

A rua, á noitinha, cheira a carne assada. Misturam-se gargalhadas frouxas ás historias ouvidas attentosamente, de olhos pregados no fogo, entre baforadas cheirosas de bom goyano, feitó no caminho e conservado atraz da orelha. São casos da estrada vividos nos pousos: as assombrações do Urucuiá, o fantasma da Cruz do Ribeirão, as febres do Jequitahy a tentação da cabocla brejeira que mora no rancho, á beira de um riacho, p'ra cá da ponte velha, cujos olhos pretos pegam que nem visgo e os beijos sabem a sapoti.

Mais adeante, alinham-se as casas onde os tropeiros se perdem. As economias penosas ficam-se por lá nas casas das trigueiras lindas, que trocam o corpo carnudo pelo mil réis do tropeiro. São bahianas do Remanso e da Lapa, com os dentes cerrados em triangulo para não apdrecerem e com o pescoço enrolados de bentinhas e medalhas milagrosas do Senhor Bom Jesus. São mineiras do São Francisco e do Paracatú, com feiticeiras baratas nos dedos encardidos. Todas ellas têm o seu bem a chegar: um pedaço de tropeire queimado e varonil, de quem não recebem dinheiro, mas aceitam os mimos baratos, o cacho do cabello encastoado e o retrato tirado no turco, para pendurar na parede do quarto, entre flores de quaresma, como recordação.

Trincando um charuto cheiroso, de cabellos lustrosos de banha de cheiro, saltitando sobre as sandalhas de salto alto e peito bordado, vão roçagando as anaguas engommadas, sob os vestidos de chita vistosa, pedir ao tropeiro que chega noticia do seu homem. Si lhe respondem que o deixaram longe, a cabocla, fistulada de saudade, cuspindo, entre os dentes, o sarro do charuto, de banda, lamenta:

—Ô peste malvada!

Mas, se elle chegou... que alegrão! Sáem os dous abraçados pela rua e recolhem-se de portas fechadas ao rancho de burity para algum estranho não perturbar o noivado tranquillo...

A cidade assenta num chapadão, ao pé de uma serra donde se despenca, encaichoerado, o rio Gorutuba. Em noites de lua, quando o olhar delinea os contornos da terra pelas curvas nitidas dos montes silenciosos que se perdem na amplidão, parece que a propria lua se derrama serra abaixo, pelos pedroços claros.

Do romance "Flôr do cardo"—(INEDITO)



Sobre a tradição em literatura

CARLOS DRUMMOND

Os escriptores que falam em nome de uma tradição são justamente aquelles que mais fazem por destruil-a e contribuem para a sua corrupção. Ao contrario, aquelles que não se preocupam com os fantasmas e fantoches do passado mantêm inalteravel a linha de independencia intellectual que condiciona toda criação de natureza classica. São estes ultimos os verdadeiros tradicionalistas, por isso que o proprio da tradição é renovar-se a cada epoca e não permanecer unificada e catalogada. Romper com os preconceitos do passado não é o mesino que repudial-o. Uma lamentavel confusão faz com que julgemos toda novidade malsã, e toda velharia saudavel. Este conceito equipara as obras literarias aos xaropes e outros productos pharmaceuticos: quanto mais tempo de uso, mais recommendaveis... A verdade é que o tempo, reage sobre qualquer livro de duas maneiras: debastando-o e emprestando-lhe novas apparencias. Por um lado, tira-lhe todo interesse que seja do tempo, e que com elle se adelgace; por outro, empresta-lhe uma consistencia que o torna capaz de impressionar sensibilidades de tempos muito diversos. Assim, um livro de 1500, lido em 1925, não é o mesmo livro de então; morreu um pouco e tornou a nascer outro pouco. E' um outro livro, de um outro autor.

O que chamamos de tradição propriamente não existe. Que vem a ser uma tradição literaria? Talvez o mosaico fantasista e caprichoso com que o tempo se divertiu em transformar a successão de obras e autores que constituem uma literatura? Não pode ser mais do que isso, e a nossa epoca, terrivelmente dotada de espirito critico, acha pouco. Temos, pois, mais que o direito de desrespeitar essa falsa tradição: temos o imperioso dever. E só assim faremos dessa materia morta e pegajosa dos seculos uma argilla ductil que sirva às nossas criações. Será mantendo essa independencia espiritual, talvez ingenuamente feroz, mas francamente constructiva, que reataremos o fio tantas vezes perdido do classicismo. Os nossos avós intelligentes não desejariam de nós outra coisa. Copial-os é o mesmo que injurial-os. Recolhamos o seu espolio, sem excesso de veneração; temos que proceder a um grave inventario de suas pretendidas riquezas. O presente não pôde estar a soffrir os continuos «bluffs» do passado. Seremos duramente julgados amanhã, porque é cada vez maior esse diabolico senso critico que dis-

tingue o homem moderno (1). Poderemos, pois, perdoar aos nossos antepassados? Mais que uma fraqueza do coração, será uma fraqueza da intelligencia.

Que cada um de nós faça o intimo e ignorado sacrificio de suas predilecções, e queime silenciosamente os seus ídolos, quando perceber que estes ídolos e essas predilecções são um entrave á obra de renovação da cultura geral. Amo tal escriptor patricio do seculo 19, pela magia irreprimevel de seu estylo e pela genuína aristocracia de seu pensamento. Mas se considerar que este escriptor é um desvio na orientação que deve seguir a mentalidade de meu paiz, para a qual um bom estylo é o mais vicioso dos dons, e a aristocracia um refinamento ainda impossivel e indesejavel, que devo fazer? A resposta é clara e recta: repudia-o. Chamemos este escriptor pelo nome: é o grande Machado de Assis. Sua obra tem sido o cipoal em que se enredou e perdeu mais de uma poderosa individualidade, seduzida pela subtilidade, pela perversidade profunda e ardilosa deste romancista tão curioso e, ao cabo, tão monotono. Deu-se com a obra de Machado de Assis o mesmo que o desabusado João Cocteau conseguiu lobrigiar na obra-tabú de Anatolio France (2): ambas são aparentemente classicas, porém sem nenhum classicismo authentic: este só é denunciado pelo correr dos annos, que reage sobre os livros pela maneira dupla indicada mais acima. «Cherchez donc le classicisme futur dans ce qui ressemble le moins aux classiques (3)». Eis ahi o segredo da debilidade mortal de Machado de Assis. O escriptor mais fino do Brasil será o menos representativo de todos. Nossa alma em continua effervescencia não está em communhão com a sua alma hyper-civilisada. Uma barreira infinita nos separa do creador de Braz Cubas. Respeitamos a sua probidade intellectual, mas desdenhamos a sua falsa licção. E é inutil accrescentar que temos razão: a razão está sempre com a mocidade.

(1) Os modernos intransigentes discutirão esta affirmativa. Para elles, o excesso de critica, dominante nos annos anteriores de 914, se resolveu no excesso contrario, de extrema passividade ante os phenomenos do mundo exterior. O pároxismo das doutrinas estheticas chegou a DADA; repetiu-se o descabro da torre de Babel. Agora, o escriptor foge de theorias e construcções abstractas para trabalhar a realidade com mãos puras. Não creio nessa decadencia do espirito critico. Em Paris, ha um novo rotulo que faz pensar: o supra-realismo... Enfim, deixo de discutir a questão, que foge ao objecto do meu escripto.

(2) «Revue Mondiale». Resposta a um inquerito de Gastão Picard sobre France.

(3) Ainda Cocteau. «Enquête sur les maîtres de la jenne litterature», de P. Varillon e H. Rambaud.

A' margem de Pascal

MARTINS DE ALMEIDA

Pascal, pelas multiplas faces de sua natureza proteiforme, tornou-se quasi, uma criação pessoal. Cada temperamento critico accentua alguns de seus traços e apaga outros, julgando revelar a verdadeira physionomia do seu espirito. Chego a afirmar que ha tantos Pascal quantas as intelligencias que o criticaram. As feições intimas do autor de Pensées creadas por Port; Royal, Cousin, Maurice Barrés e Brunetière em nada se assemelham. Deverei olhar a meu modo, tambem, a immensa paysagem intellectual que o grande pensador nos apresenta. Eis os traços que accentuei:

Pascal foi producto de extrema cultura e civilização fatigada. Trazia um cerebro prodigioso atormentado pela multiplicidade desconstruida das idéas e uma alma infinita torturada pelos sobresaltos da duvida metaphysica.

O feitiço predominante de seu espirito era o scepticismo. Procurou combatel-o em si pela continuidade do pensamento e o esforço da vontade encaminhadós no sentido religioso. A historia dolorosa de suas idéas provem do estado simultaneo de sua sensibilidade: a impotencia e, ao mesmo tempo, a ancia para crêr.

Duvidando de tudo, o pensador francez procurou tranquillizar a inquietação dolorosa de seu pensamento. Nelle, as manifestações profundas de crença nasciam de resoluções fortes e não de uma disposição de espirito ou de um modo de ser da sensibilidade e da intelligencia.

«Les objections 'des impie ne doivent pas nous arrêter. Si la raison est impuissante que la volonté y remédie». Crente no detalhe de seus raciocinios e sceptico na maneira de ser de sua natureza.

Indiscutivelmente havia em Pascal uma exigencia sentimental de religião. Elle vivia, no fundo do seu ser, a alma fervorosa de seus antepassados. Vê-se, nelle, a permanencia dominante da sensibilidade e da idéa religiosa. Mas o autor de Pensées se divorciou pela intelligencia do dogma hereditario.

Em Pascal a crença é a forma mais alta do seu scepticismo. Chegou á incredulidade pela logica do pensamento. Os raciocinios encadeiarum o seu espirito num circulo de negações. Atormentado pela inquietação metaphysica duvidou dos proprios argumentos da razão. Procurou resolver o problema do mundo em harmonia com as necessidades moraes de seu ser. Toda a sua argumentação em favor da religião christã provem do desejo de satisfazer um fundo religioso que permaneceu na sua sensibilidade. Assim, elle o mais logico dos pensadores estabeleceu a primazia das razões do sentimento sobre a logica do pensamento.

A disposição e a natureza da alma de Pascal não era muito diversa da de Renan. Si dosassemos o espirito do auctor de *Pensées* com um pouco mais de voluptuosidade, poderíamos vel-o entregue ás phantasias de uma imaginação metaphysica, ao capricho de um epicurismo intellectual, ás libertinagens elegantes do pensamento. O convívio absorvente de sua intelligencia com as idéas de Montaigne vem comprovar o que afirmamos.

Pascal nunca abandonou o traçado superior dos seus raciocínios lógicos. O argumento que põe a ordem sentimental acima da ordem racional provem da propria razão. Já disse um dos seus criticos: «Il n'ya rien de si conforme a la raison que ce desaveu de la raison». Realmente. As suas idéas estão em contradicção com a liuha intellectual a que estão submettidos os seus «*Pensées*». O espirito da obra nega os pensamentos isolados.

Pascal nos falla repetidas vezes que é preciso humilhãr a razão «s'abetissant». Ninguém caminhou em sentido mais opposto do que elle proprio. Não ha natureza menos instinctiva, menos sentimental, menos automatica do que a do pensador francez.

Na realidade, Pascal crê somente na fé do carvoeiro. Em verdade è preciso «s'abetir». Eis o que elle nunca conseguiu. Pascal sente mas pensa o que sente. Nelle o sentimento se transforma inevitavelmente em pensamento. Sofre, em tudo, a tyrania de sua natureza intellectual.

A crença se alimenta de idéas vagas e sentimentos obscuros. Em Pascal assistimos á decomposição do extase mystico

A fé religiosa não se concilia com a lucidez pascaliana «La volonté est un des principaux organes de la creance; non qu'elle forme la creance; mais parce que les choses sont vraies au fausses selon la face par ou on les regarde. La volonté, qui si plait a une plus qu' á l'autre, detourne l'esprit de considerer les qualités des choses qu'elle n'aime pas á voir.» Concebe-se que se chegue a crêr empregando o processo de taes dissecações psychologicas? Poderão permanecer vivas as fibras destacadas do sentimento em que o raciocinio penetrou com a firmeza cortante de um bisturi?

A certeza mais forte que se pôde tirar dos «*Pensées*» é que durante todo o tempo que Pascal os escreveu, não possuia uma crença. Nunca a duvida metaphysica tomou uma face tão tragica devido a seriedade com que foi encarada, «L'obscurité prouve la religion bien loin de pou voir etre invoquée contre elle!» Apesar dessa affirmacão, quem foi que mais quiz clarificar os symbolos obscuros da religião e raciocinar as suas verdades sentimentaes do que Pascal?

«La foi est differente de la preuve». Um verdadeiro crente nunca distinguiria essa differença como o fez o pensador francez. As almas simples têm fé porque julgam possuir provas. Si a crença só pode ser revelada em primeiro logar ao coração onde estão as phrases de unção mystica e de sentimento fervoroso do grande pensador?

Um só trecho da Imitação de Christo communica mais fervor religioso do que todo o «*Pensées*». Ha em toda aquella obra uma atmospherã glacial de intellectualidade. A geometria clara dos seus pensamentos

dirige-se a intelligencia e não a sensibilidade. Ninguém elevou mais o valor dos argumentos do coração, mas ninguém o poz menos em circulação do que Pascal.

«Il est aussi inutile e aussi ridicule que la raison demande au coeur des preuves de ses premiers principes, pour vouloir y consentir, qu'il serait ridicule que le coeur demandât á la raison un sentiment de toutes les propositions qu'elle demontre, pour vouloir les recevoir». Pascal muito francezamente disassociou a ordem da intelligencia da do coração. Seria necessario corrigir o exaggero. O espirito é um todo continuo. As diversas faculdades têm correspondencias e correlações.

Não podemos tratar as divisões da natureza espirital do homem como existentes á parte. Ahí, tudo se liga e se entrelaça. A razão tem suas intuições e o coração os seus sophismas. A intelligencia tem seus sonhos e imaginação seus raciocinios. Ha pensamentos sentidos e ha sentimentos pensados. Um excesso critico levou Pascal á separação convencional e falsa dos valores sentimentaes e racionais.

RENASCENÇA DO NACIONALISMO

Emílio MOURA

Pode ser que se considere «attitude» a literatura nacionalista do nosso momento. Um sceptismo, muito literario no nosso meio, já se poz de vigilia deante dessa manifestação da nossa vitalidade. Mas, uma cousa ella traz, no seu anseio de abasileiramento—o gesto desembaraçado. Pensa mais do que devaneia, e age na razão directa desse pensamento. Não cáe no prazer puro de um malabarismo de idéas e sonhos. Ella se firmou numa sabia finalidade que é adaptação. Uns querem dar a essa literatura uma physionomia nacional, querem arrancar-a á sombra das outras, numa vaidade que nos enobrece; outros atiram-se a ella com todo um vocabulario de indelicadezas. Existe uma «literatura brasileira»? Sempre haverá quem se emaranhe nessa eterna interrogativa.

Todo o movimento moderno das nossas letras (ou, pelo menos, a corrente maior no nosso momento) compraz-se nessa tentativa curiosa de proseguir no alevantamento da nacionalidade. Continuam a obra que foi o legado melhor do nosso passado.

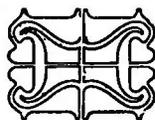
Entre nós, desde aquelle austero e commovido Santa Rita Durão, até esse recente Mario de Andrade, passando pelo velho Bernardo e Affonso Arinos, Euclides e Castro Alves, nós sentimos essa ansia libertadora. Em Arinos o sentimento nacional (o nacionalismo era toda a «alma» da sua intelligencia) foi uma criação lisongeira do espirito da terra. Era mesmo o fio emotivo da chamma que lhe animara o destino. Arinos foi, pura e naturalmente, brasileiro. A sua adapta-

ção apparente á vida civilisada e polida das velhas aristocracias, o seu gosto pelo mundo que recebera o beijo malicioso do mediterraneo não lhe trouxe a «doença de Nabuco». Ficou brasileiro pela imaginação e pelo sentimento. Trazendo no seu temperamento o requinte de uma civilisação caprichosa, elle se contentava, entretanto, com a paisagem brasileira. Chegava mesmo a sentil-a, «historicamente». Dahi a força do seu nacionalismo de que procurava extrahir, para o seu intellectualismo de requintes incompreendidos, os motivos de uma arte prodigiosa. Foi uma das figuras mais significativas de todos os movimentos nacionalistas do nosso meio, desde o indianismo de Gonçalves Dias e José de Alencar, até o regionalismo de aguafortista do sr. Monteiro Lobato. Através de todas essa gerações successivas, a reacção nacional veio se fazendo, numa esteira que não se apagará deante do maior scepticismo. Já está bem longe de nós o momento das negativas preliminares deante de cada arrancada nacionalisadora. O que nós sentimos, agora, é uma alegria serena, uma vaidade que não é tolice, em crêr nesse espirito de brasilidade. Ha um espirito nacional como existe uma arte e uma literatura que vivem desse espirito livre. A semente de Alencar e de Euclides terá a gloria de uma floração «brasileira». Um futuro que não está muito longe, escreverá a historia da nossa emancipação intellectual. O passado, é verdade, deu-nos a licção dolorosa de uma tradição empallidecida, fructo de um academicismo que era desvio, e de um classicismo esterilisante. O presente, entretanto, é agil e firme, na curva de sua trajetoria difficil. Faz prodigios de malabarismo com os jogos de sua coragem desassombrada. O rythmo que elle executa, em vez da velha toada monocordia, do estribilho desalentado que era um echo tradicionalista, é uma polyphonia em que entra a voz de todos os elementos, numa apothose final de côr e de vida.

O movimento reaccionario no mundo intellectual brasileiro, abriu uma brécha para a escapada nacionalista. E opportuno, por isso, que assignalemos aqui, essa conquista do pensamento moderno. E' ella o maior patrimonio espirital desse movimento. Falava-se muito em renovação de valores. Bastava esse desejo, que ja é um indice generoso de vitalidade. Mas não é só isso: O que se quer, além desse trabalho consideravel, è construir um Brasil dentro do Brasil, polir e collorir a sua physionomia, e afastar, para longe, a tanga dos nossos caciques artificializados. E' a «inversão da Babel» de Alberto Torres, o «Sonho do Gigante» do sr. J. A. Nogueira—é toda uma theoria de sonhos que se unem na mesma canalisação para um futuro de harmonia intellectual e moral. Limitação á nossa esphera de actividade? Não; apenas concentração de todas as forças, á lembrança viva do nosso destino de povo que já balbucia o seu rythmo novo. Esse entrará, depois, no quadro de um universalismo bem comprehendido. Universalismo é fundo de scenna. E' preciso crear o primeiro plano, onde o cunho da nacionalidade não seja, apenas, um illusionismo da platéa despreoccupada. E' esse um anseio radicalizado. Não é elle de agora, nem a nossa vaidade procura dar a essa geração reaccionaria um primado nesse terreno. Mesmo porque não é trabalho esse para uma geração. O que se pode é ensaiar tentativas. E qual a primeira nesse sentido? Ahi está um divertimento curioso para os pesquisadores da nossa historia con-

fusa. E' provavel que ella tenha surgido, um dia, deante daquella carta de Vaz de Caminha: «Esta terra, Senhor...» Acredito mesmo que esse sentimento nos tenha vindo, a principio, de pura attitude. Que importa? E' a razão corrigindo o nosso temperamento; a disciplina impondo-se com sabedoria. Entre essa disciplina interior, filha da cultura, e a exterior, a visão plastica do universo—filha do preconceito, é que está toda a distancia entre o brasileiro que pensa e o brasileiro que sente, o brasileiro-imaginação. A primeira dá-lhe agilidade de espirito, amolda á sua plasticidade um rythmo de intelligencia intuitiva e reveladora; a segunda tyranisa-lhe a criação intellectual. Deante da primeira o universo está reduzido a uma nebulosa de que nós faremos aquillo que estiver contido em todo o infinito da nossa aspiração; ao passo que, deante da segunda, uma esthetica preestabelecida nos acorrenta e subjuga. E' no campo desse dualismo que a critica do nosso sonho unificador vae tirando a visão em que se procura corrigir do seu desvio cosmopolita. A intelligencia corrige, experimenta... Traz ao nosso individualismo uma directriz que é o resultado de um esforço gigantesco da nossa experiencia fragmentaria. Chegamos a um gráo de cultura (illusão da nossa vaidade?) em que se torna possivel esse sonho de emancipação. Os escriptores mais amados, no nosso momento, são justamente aquelles que souberam guardar o sentimento da terra e a alma heterogenea do nosso povo; aquelles que, mesmo escrevendo para um publico que vivia á espera do ultimo navio que lá viesse da Europa, tiveram o heroismo de esquecer essa Europa e esse navio. Dos outros, alguns ficaram como espiritos harmoniosos, tal esse grande Machado de Assis. São amados á parte, postos num logar da nossa admiração, de onde não sahirão para viver e continuar em êcho, na projecção das obras que se vão realizando. A nossa sensibilidade vae-se afastando, com pezar é verdade, dessas almas extranhas. Porque nacionalismo no nosso momento é symnónimo de sacrificio. Renunciar a uma paisagem civilisada e polida, a um ambiente de estylisações, onde a cultura adoça o veneno de uma arte de decadencia; trocar toda essa visão harmoniosa por um «habitat» bravio e num estado admiravel de primitivismo é um heroismo que exige forças pouco communs. Ahi está, por exemplo, o sr. Oswaldo de Andrade a dar um exemplo desse heroismo. E bem na «Cidade maravilhosa» que viu florir o espirito anatoliano que elle sonha «abrasileirar-se». Carlos Drummond commenta o milagre: «...essa geração (a do sr. Oswaldo) foi o Bruges com o sr. Ronald de Carvalho, a Coimbra com o sr. Manoel Bandeira e a outros logares menos confessaveis e mais distantes... Que importa semelhante cousa? Taes poetas embarcaram na caravela que nos leva a todos a Europa, mas voltaram de lá com os olhos puros «e viram e sentiram a verdade». E' á luz dessa renascença do nacionalismo que essa geração trabalha e medita, a pôr um pouco de belleza nessa campanha renovadora. Que importa o scepticismo de alguns? Sempre ha de haver essa melancolia irremediavel no fundo de todos os sonhos, até nos mais luminosos. A esses escriptores de agora, a todos os que sonham com a brasilidade não póde ser atirada a pécha de cabotinismo. O que se julga ser isso è, apenas, a coragem magnifica de que se armaram, o ruído do enthusiasmo que vae sendo preciso deante da barbaria civilisada. A' caricatura do nacionalis-

mo, que muita gente acredita estar fabricando, no fook-lorismo debilitado, elles oppõem uma concepção mais humana e mais viva de abra-sileiramento... Não fazem do tradicionalismo a unica fonte de vida. A preocupação maxima é mesmo esquecer esse tradicionalismo, pelo menos no seu desvio mais doloroso, e arrancar, á argilla desse presente tumultuoso, um «fiat» de verdades humanas, de realizações solidificadas. Criar, e principalmente agora, è mais neccessario do que prolongar e continuar... Dahi, por exemplo, a pujança significativa da visão brasileira do sr. Graça Aranha, e da critica do sr. Mario de Andrade. Ambos procuram a mesma chanaan, presentida no alvoroço de um individualismo que não se atrophia. E' claro que os caminhos são diferentes. Mas por todos elles o nosso espirito chega a mesma finalidade nocionalisadora. No sr. Graça Aranha—mais romantismo, um certo gosto mesmo pelas idéas em si, um verbalismo que chega a empanar o objectivismo que elle apregôa na sua esthetica voluptuosa; no sr. Mario de Andrade—mais peretração nas idéas que usa, uma clareza critica admiravel, e menos desejo de agradar, de sorrir, «literariamente» a todos os poblemas que vae pondo em equação, numa agilidade espantosa de raciocinio. São todos esses, são os dessa formação intellectual, os escriptores de mais interesse para o espirito brasileiro da actualidade. Não lhes levaremos um «Carvalho de Tasso», numa pobre offerenda. Mas se essa valesse para alguma cousa, lá está no sertão generoso, o «Burity perdido», a offerecer como palma consoladora...



MARGINALIA

A "CIDADE VERDE"

A cidade que desaparece dentro do nosso scenario maravilhoso é um mysterio que muita gente não se dá ao trabalho curioso de examinar e «viver», na sua incoherente theoria de attitudes despreoccupadas, e nos seus aspectos significativos. *Bello Horizonte* não se entrega á primeira vista. Não é a «cidade-mulher» que o sr. Alvaro Moreyra viu através do Rio. numa hora de idyllios e confidencias. Ha muito desafio ao donjuanismo dos nossos sentidos nessas avenidas e ruas, no infinito das praças, onde o verde é uma idéa-fixa divina da natureza. Cidade que não se revela... Deixa-se ver, despreoccupada; sorri com malicia ou melancolia. Mais nada! Os olhos que sonham com alguma cousa mais, além desse sorriso, é que têm de ir procurar a cidade verdadeira, a sua alma elegante e sonôra. Terra discreta, de uma timidez preoccupada, a cidade vive na sua melancolia de aristocrata ou na sua banalidade rizonha.

"Cidade verde"! É um bello qualificativo! E sonôro. Por isso a cidade ia deixando o tempo rolar, numa beatitude seraphica. A sua juventude podia ser um perigo. Porém eila viveu muito em praso tão imitado: olhou a vida, usou um pouco de litteratura e, depois, creou para si, por um figurino de elegancia subtilisada, am scepticismo muito literario para ser levado a serio nesse momento. Comtudo ia crescendo... Novas ruas, novas avenidas... E, de repente, o soi começou a entrar pelas ruas a dentro, sem cerimonias, recto, militarizado. Um rythmo novo como mestre de scena. Agora, ahí está uma nova *Bello Horizonte*. Moveu-se ao ar livre, quiz saber do movimento das cousas, interessou-se por tudo: vive! Um pouco discreta, é verdade; muito "mineira", é verdade. Deante da nossa melancolia ainda se grava um provincianismo teimoso; mas é para se opagar, pouco depois, á ronda deliciosa de alguns aspectos consoadores da cidade que vae seguindo, numa agilitade bem viva. O movimento social anima-se com traços de requintes admiraveis. Mesmo a vida intellectual já é outra em *B. Horizonte*,

vida de pensamento e cultura, que harmonisa o ambiente transfigurado, a crear uma élite que já se nota. A nossa capital é bem, nesse sentido, uma cidade tathada para refugio de um intellectualismo robusto, que se penetre de elegancia e vitalidade, que saiba ser uma força disciplinada. Num futuro que não será ionge? A cidade qae nos responda...

É' aqui que se observa, com muito reievo, o paradoxo moderno: cidade de contemplativos, a terra *Bello horizontina* é uma cidade de acção. A poesia não embaraça esse pragmatismo contemporaneo que sabe compôr a sua activa physionomia. É' ainda a "cidade verde"? É'. Mas esqueceu-se de ficar, apenas, a namorar o titulo prodigioso. Perdeu muito daquella antiga vaidade. Entretanto continúa ainda, como aquellas creaturas de lenda que enamoraram *Loti*, na terra das "Desencantadas"—com um vêo mysterioso sobre os olhos ignorados: Pois é preciso muito trabalho e paciencia para que se conheça *Bello Horizonte*...

Y

CAPITULOS

Antonio Chrispim

Enterro na rua Pobre

Morreu a senhora do constructor, naquella casa alli em frente, de duas janellas e alpendre modesto, onde sobem irepacificas. Morreu houtem. E hoje pela manhã, antes de se completarem 24 horas, foi o enterro. Os autos vieram chegando, um a um, despejando homens de preto, alguns serios, outros despreoccupados ou aborrecidos, e entre elles um que ria contando ao companheiro uma historia picante. Creanças enchiam a rua. Nas casas proximas mulheres se debruçavam á janella, para ver melhor. A's vezes, o roxo de uma corôa invadiu o alpendre, e era como uma idéa fugitiva de morte, no ruído de festa em que se ultimavam os preparativos. Lá fóra, os autos manobravam, tomando posição, para alegria dos garotos, que se enterneciam com a simples proximidade dos pneumáticos. Dentro, passos cortavam a casa em todas as direcções, vo-

zes roucas davam ordens, ninguem se entendia, e o calor sufocava tudo. Na sala de visitas, de onde haviam fugido o sofá e as cadeiras, estava o corpo, rodeado pelos íntimos, e mesmo ali, ao clarão vacillante das velas de cêra, havia um rumor abafado de festa. Pelos cantos, abraços cautelosos exprimiam pezar e derramavam conforto, entre cochichos de «meus sinceros pezames», «a que hora sãe o enterro?», «onde está o viuvo?», «o carro é de 1a. classe?», «os cunhados parece que não sofreram muito», etc. etc. Mas a hora avançava, e quando vieram retirar o cadaver, um choro immenso, cortado de soluços, desabou a muralha da eça, e braços nús amarrotaram lenços, mulheres se lamentaram, tudo pareceu rolar um instante numa enorme desordem, emquanto que as crianças, espantadas mas divertidas, saboreavam o espectáculo inédito. A um canto, um senhor chupado e verde esfregou a mão na gola do paletó; não era uma jagrima; era um pingo de cêra.

O viuvo surgiu amparado por dois amigos, um gordo, de bigodes, com ar de italiano, e outro já velho, de barba suja, que dizia a cada momento: «Coragem, Paschoal...» Abriram caminho para que elle avançasse; mas, não avançou. Parou indeciso, á entrada da sala, cabellos revoltos, olhos esgazeados, harpa de tres dias, roupa de casimira já usada, sem collarinho nem gravata. Dizia-se que havia 10 noites não pregava olho. Alguem chegou-se a elle, para dar-lhe pezames e observal-o melhor. O viuvo não correspondeu ao seu sbraco. Tinha a bocca aberta numa attitude de estupidez. Fechado o caixão, entre gritos, lagrimas e signaes impacientes (os automoveis cobravam tarifas exhorbitantes), uma rapariga loura tombou sobre o viúvo, num desmaio. Correram para os fundos, á procura de um vidro de saes que não foi encontrado (apesar de estar á vista de todos). Depositaram o fragil corpo na sala de jantar. O caixão já transpunha o alpendre. Este era antes um corredor, e foi preciso fazer prodigios de habilidade para que o caixão não se despenhasse sobre o ladrilho. «Estas trepadeiras não terão espinhos?» indagou um senhor cauteloso e calvo. Os automoveis começaram a mover-se; eram treze. Um homem que os contou a dedo despediu o seu cairo, pagando ao motorista, e aproveitou a conducção de um amigo; esse homem era o da anedocta pornographica. O viuvo foi transportado a uma *limousine*, no mesmo desleixo de antes, e com o mesmo ar de burrice desolada. Antes de subir, olhou longamente o coche, e desatou os labios numa exclamação: «Pobre Marquinhas! Trinta e cinco annos... Era tão boa, tão economica!» O cocheiro ergueu bem alto o fino chicote, e fustigou as parelhas. O prestito começou a rolar vagaroso, num rythmo bocejante, pela rua mal calçada. A manhã fina, sem rugas, era de um azul indifferente. Cinco minutos depois, o silencio da rua abraçava em arco o silencio do céu.

As opiniões de Chuang-Tzú Ninguem entre nós conhece Chuan-Tzú; entretanto, elle se distingue por duas grandes qualidades: é philosopho e é chinês. E para que não duvidem de sua existencia, informarei logo que suas obras foram traduzidas para o inglez pelo antigo consul britannico em Tamsui, Herbert Giles, sob o titulo «Chuang-Tzú, mystico, moralista e reformador social». Sobre esse livro Oscar Wilde escreveu (já lá se vão 30 e tantos annos!) um espirital artigo no *Speaker*. Não nos detenhamos mais com a sua identidade. Está provado que Chuang-Tzú existiu. Eu, por mim, não resisto ao prazer de copiar-lhe algumas opiniões sobre «o homem perfeito»;

«O homem perfeito não faz outra coisa senão contemplar o universo. Não adopta nenhuma attitude absoluta». Em movimento, é como a agua; em repouso, como espelho. É como o éco, elle não responde senão quando é chamado.

Deixa as coisas exteriores se combinarem como entendam. Nada de material o prejudica e nada de espirital o atormenta. Seu equilibrio mental concede-lhe o imperio do mundo. Nunca será escravo das existencias objectivas. Sabe que, assim como os melhores pensamentos são os que jamais nos occorreu, as melhores acções são as que jamais se praticam...

O homem perfeito é inerte, e aceita as leis da vida. Repousa sobre a inactividade, e fica a ver o mundo tornar-se virtuoso por si mesmo. Não tenta jamais «realizar as suas boas acções, e não se coasome na luta. Para que affligir-se com distincções moraes? As coisas são o que são, e as consequencias serão o que hão de ser. Seu espirito é o espelho da creação, e elle, o homem perfeito, vive na tranquillidade.»

Chuang-Tzú morreu ha dois mil annos, e continúa a ser verdadeiro... D.

A estrella Ella brilhou no céu um momento, pequenina e tremula, aohre a augustia e o somno da terra; brilhou como uma pedra de annel, um reflexo furtivo e rapido, e, bruscamente, desapareceu. Na terra, os olhos dos homens, entre desejoaos e humildes, acompanharam-lhe a curva breve da queda. E boccas murmuraram preces e supplicas: —Dá-me ventura! —Dá-me sonho! —Dá-me descanso! —Dá-me vida!

Dois olhos, porém, fitaram-na, sem nada pedir... Dois olhos humidos e grandes, dois olhos azues de mulher. E porque não pediram? Porque a mulher se achava immensamente preocupada, a pensar na conta do armazem... D

EM

DEFEZA DA MODA

Não procede, no que fala respeito á Moda, o argumento que diariamente deitam ao ouvido da humanidade, os que se dizem moralistas ou pudicos. Vêr na Moda attentados à moral, é illusão de optica beatifica, de beatos de fancaria que dormem á luz do seculo vinte, na cartilha das escolas de antanhos seculares.

Na Moda não está, absolutamente, a immoralidade !

Não se pode resumir a moral a uma quantidade maior ou menor de vestuario, assim como um pouco mais ou um pouco menos de cabellos na cabeça, não exprime decencia ou indecencia alguma. Ao contrario, a mulher de hoje, liberta dos espartilhos barbatánicos, das longas tranças desairosas das carpideiras, das desengunçadas saias de balão, livre assim das investaduras que lhe opprimiam o corpo e da coacção e do pavôr paterno ou marital, é a pioneira de uma nova moral e combatente desassombrada pelo alevantamento do nível e decoro sociaes femininos.

E de parabens devia estar o sexo bonito, por essa liberdade! Concedeu-lhe essa ordem natural de «habeas-corpus», o influxo bemfazejo que a civilisação, imprimiu á natureza da epoca. E bem avisado andou o juiz, que fez ruir por terra o regimen das couraças, das

baêtas, dos tapumes, das cercas e das crenolines, para a restauração, à luz dos tempos hodiernos e aos olhos das modernas gerações, da Moda que fez do mundo inteiro o imperio das suas fagueiras expansões e de seu dominio avassalador, eterno e absoluto...

As damas de Bello Horizonte, curvaram-se ás innovações da indumentaria e abriram as portas desta elevada «set» mineira, aos seus caprichos inebriantes e deliciosos...

As nossas esbeltas patricias, formosas dentre as que mais o forem no paiz e fóra d'elle, attestaram dessarte a evidencia do alto espirito civilizador de Minas.

A quéda dos véos, dos colletes de ferro, dos «manteaux» calourentos e insupportaveis, dos «coques» ridiculos e parecendo não sei que, das tranças inestheticas, dos abafos de toda sorte, foi nesta capital o que se operou, felizmente, surgindo, consequentemente, silhuêtas aligeiradas e graciosissimas, dos casulos que lhe martyrisavam o corpo de irreprehensivel esculptura e de plastica irreprehensivel...

A ellas, que tanto deve o surto do nosso progredimento social e que nós tanto acatamos e presamos, offerecemos em homenagem modesta, os protestos que reaffirmamos nesta pagina d'«A REVISTA» que lhe dedicamos, de mais respeitosa solidariedade e inequivoca incondicionalidade de admiração.

Nós *Somem-se muito longe os tempos em que se podia dizer que esta cidade, era uma cidade de funcionarios .*

Já o conceito não vale quanto a nós. A menos que queiramos chamar de funcionarios os que, em incessantes vigílias com os livros e em locubrações de todo dia, desdobram energias em actividade do espirito.

Esses, e não aquelles, caracterizam a "cidade verde", predominam todas as classes sociaes da incomparavel metropole, encarnando pelo commedido das acções e pela elevação do caracter, a vida da paz, á sombra do labor pela cultura e pela civilisação.

A cada dia, no seio acolhedor e fecundo da «urbs» universitaria mineira, recebemos irmãos e mais irmãos desse mesmo officio, e de anno para anno, legiões d'elles pressurosas se nos achegam, a nós que actualmente atingimos uma cifra que muito alto bem diz dos foros de cidade culta que reputamos e do campo largo e propicio que é Belo Horizonte, para nossa adaptação e perfeita diffusão do ensino, nas modalidades cambiantes do saber.

Em 1924, 12.383 eramos...

Em 1925, 16.437 somos...

Campeia entre aquelle "eramos" e este "somos", significativa

Do «bairrismo ao nacionalismo»

Depois de todo o esforço da critica contemporanea, na nossa terra, para focalisar os problemas nacionaes, mais em evidencia, e que estão a exigir immediatos cuidados, poderia parecer a muitos pura questão de agilidade administrativa, a viabilidade do nosso mecanismo governamental. E não é isso. A' heterogeneidade das nossas visões «brasileiras» vem alliar-se outro grave empecilho: a critica desorientada. E' ella a perturbadora da nossa comprehensão da realidade a desviar a nossa attenção differenciadora, sceptica ou espalhafatosa. Ou é o optimista em excesso, nesse caso, vive a descobrir viabilidade em todos os labyrintos; ou põe-se a tramar, numa ingenuidade grotesca, uma teia confusa deante do quadro mais harmonioso e completo. Pouca gente recolhe-se a uma serenidade fecunda, e pouca gente tolera nos outros essa serenidade. Em Minas isso não se dá com frequencia. A simplicidade no nosso povo e a sua natural aversão ao malabarismo politico vão preparando o terreno, para que ahi se agite, em plena liberdade, a acção dos nossos dirigentes. Esses podem olhar, livremente, a paisagem nacional e o seu mechanismo interior. Podem ter a serenidade de que necessitam para analysar o momento e resolver-o numa equação lisongeira. Está afastada, dessa maneira, a difficuldade maior? E' claro que não. Apenas o campo está livre para a gymnastica administrativa. Minas adquire esta vantagem á custa do seu destino coherente, numa solidariedade que é o factor maximo de nosso valor na politica nacional. E se Minas collabora tanto no destino de toda a nacionalidade, ahi está uma justificativa gloriosa para o augmento da nossa esperanza, um motivo de alegria deante do espectáculo do nosso momento, que é constructor e fecundo. No fundo do nosso bairrismo ha, portanto, um robusto nacionalismo. Não é Minas somente que se agita na nossa preoccupação rigorosa; é o Brasil; agil e grande, a olhar-se, demoradamente, na sua energia em potencia.

differença de 4.054, accrescimo de expressiva força do progredimento intellectual da ex-cidade dos funcionarios . . .

J DO C.

Os creados de quarto da literatura...

Escreve-nos o sr. Ribeiro Semente, a proposito do ruidoso livro de J. J. Brousson sobre Anatole France, de que nos occupamos em nossa secção bibliographica:

“Entre os numerosos depoimentos sobre Anatolio France, vindos á luz depois da morte desse velho escriptor, facilmente se destaca o livro de João Jacques Brousson, borbulhante de verdade, de graça, de ironia e de muitas coisas mais. Secretario de France, Brousson praticou a fundo essa natureza mórna de gosador endefluxado, que foi o pae de Thais e de Thereza Martin, a heroína da cacetissima obra-chefe “O lyrio vermelho.” Não sei de retrato psychologico mais flagrante do que esse, em que nos apparece um Anatolio sem ficções, sem accrescimos literarios, sem tolerancias biographicas, mordido de pequeninos vicios e pequeninas misérias, glutão, futil, maldizente, libertino e avaro. Haverá impiedade nessas paginas? Um livro de memorias não tem logar para a piedade. O proprio Brousson, si attingir um dia á mesma celebridade do seu fallecido patrão (de que Deus o preserve) terá um secretario malicioso e até maligno, que virá a publico esmucar o seu rol de roupa, sob um titulo igualmente cruel: “João Jacques Brousson em cuecas”, por exemplo... E o mundo não perderá nem ganhará nada com isso. Eternamente existirão homens gloriosos, e eternamente esses homens serão amesquinados pelos seus creados de quarto. No caso actual, porém, o creado de quarto vale mais que Napoleão—Napoleão ou M. Bergeret. Brousson é um escriptor imprevisito, habil, caprichoso. As phrasas de Anatolio France, neste livro, ganham em synthese e movimento: a gente vê que aquillo foi dito por France mas *escripto* por Brousson. Ha uma distancia de cem annos entre os dois esylos.

Affirmei que o livro de Brousson é palpitante de verdade. Não tenho documentos com que prove essa affirmativa, mas não me péjo de repetil-a. A verdade não estará nos episodios ou nos dialogos mais ou menos hypotheticos que Brousson nos apresenta, e onde não raro se descobre a fantasia do escriptor. A verdade está mas é no espirito mesmo do livro, de reacção (patente, embora inexpressa) contra a idolatria anatóliana, falsa e improductiva como todas as idolatrias. Livro caustico, de coragem, de zombaria triumphante, de mocidade, tão differente d’aquelle outro, servilissimo, de Paulo Gsell! A mocidade adquiriu a bom preço o direito de ser injusta com o velho Anatolio: elle não o foi menos com as gerações que o precederam e succederam. Incapaz de comprehender,—eis o seu maior defeito, que suppunha ser a sua maior qualidade. Ninguém mais se extasia ante os seus fastidiosos romances, nem se impressiona com o seu epicurismo de autor bem remunerado e pouco generoso. E aqui vae a calhar uma phrase de Josephina, a douta Josephina, reada tres vezes famosa, phrase que, na sua apparente rusticidade, en-

cerra o melhor juizo critico até hoje pronunciado sobre France. Como Brousson alludisse ao *Mestre*, retrucou-lhe a eloquente matrona: "Maître! Vousaussi, mais qu'est-ce qu'ils ont donc tous à l'appeller maître? Maître de quoi, mon ami? De sa soupe qued il l'a mangée. Et anncore, pour ce qu'il la garde! Pauvre maître! Si je n'étais là il ne s'erait pas capable de changer de caleçon."

A morte de Pierre Louys

Pierre Louys morreu em principios de Junho, no "doce paiz de França" Com elle desaparece um dos remanescentes do symbolismo, e um dos mais vigorosos, dos mais sensuaes e perturbantes escriptores francezes. O antigo embaixador em S. Petersburgo morreu livre dos compromissos literarios que o ligaram ao grupo symbolista; porém a sua obra constitue, como a de tantos outros de sua geração, uma prova eloquente do valor e da extensão desse movimento, de curta duração, é certo, mas que impressionou fundamentalmente a nova literatura. O symbolismo foi um admiravel agente purifi. ador, eis o que são forçados a reconhecer mesmo os que reagiram contra elle. Deixou-nos Laforgue e Rimbaud: que mais lhe poderiamos exigir?

Algumas notas bio-bibliographicas sobre Pierre Louys:—Nasceu em Paris, a 10 de Dezembro de 1870. Casou-se com uma filha de Heredia. Estreiou com uma *plquette* de versos: "Astarté" (1891), seguida de outras; transportou Meleagro para o francez, e publicou as saborosas "Chansons de Bilitis", tão caprichosamente feitas que illudiram a mais de um hellenista avisado. Depois, lançou a sua famosissima "Aphrodite" (publicada no "Mercure de France" sob o titulo "L'esclavage"), "um livro de carne", como disse Remy de Gourmont, e, segundo o mesmo critico, "de uma literatura falaciosa". De qualquer maneira, "Aphrodite" é um dos livros mais lidos destes ultimos trinta annos. Em seguida, Pierre Louys publicou "La femme et le pantin," e varios outros volumes. Se a celebridade o perseguiu, elle não perseguiu a celebridade: "Voyager, flâner, rêver, collectionner les livres rares et lire, il semble que ce soit là sa vie, plus que d'être un anuteur —" escreveram delle Van Bever e Paul Léautaud.



Os nossos thesouros artísticos

E' de todos sabido que as chamadas cidades historicas de Minas são verdadeiros museus de arte tradicional. Menos sabido, porém egualmente verdadeiro, é que um mercantilismo desenfreado procura dispersar as admiraveis riquezas desses museus, por meio de transacções mais ou menos lucrativas e sempre condemnaveis. Em consequencia, vamos perdendo pouco a pouco as majestosas alfaias que engalanavam as nossas egrejas, e, com ellas, innumeradas preciosidades de ceramica, moveis de estylo, joias, bordados, tecidos, etc., etc.. Sabemos, por exemplo, de um estrangeiro que, percorrendo com vagares de benedictino o interior do Estado, adquiriu, entre muitos outros objectos, um soberbo crucifixo do seculo XVIII pela ridicula quantia de 25\$000! A pessôa que realizou esse *altissimo* negocio deu-se por satisfeita... O que não sabemos é qual foi a opinião que ficou tendo de nós o ardiloso estrangeiro, que mezes depois regressava ao seu paiz...

Nessas condições, é muito de louvar a resolução do presidente Mello Vianna, organizando uma commissão para estudar os meios de impedir esse commercio abusivo e damnoso. Folgamos em ver realizado o sonho do grupo de intellectuaes paulistas que, o anno passado, fez uma longa e proveitosa excursão ás nossas cidades historicas. Aliás, o sonho era de todos nós, paulistas ou mineiros, que temos a coragem de nos preocupar com assumptos de arte nesse tempo de vida cara e de revoluções caudilhescas. Em Bello Horizonte, os novos bandeirantes trataram com enthusiasmo de lançar as bases de uma associação que tivesse por fim defender o nosso malbaratado patrimonio artistico. A idéa floresceu. A commissão escolhida pelo sr. Mello Vianna tratará provavelmente de estabelecer uma sociedade protectora das obras de arte em Minas, com uma organização elastica, de sorte a permittir a sua actuação nos differentes municipios mineiros, em cada um dos quaes deve estar sempre alerta um defensor da bôa causa. Ha sempre, nas cidades do interior, duas ou tres creaturas bem nascidas, que amam silenciosamente a belleza, e que tomarão a si esta suave obrigação.

Com a clarividencia que o caracteriza, o sr. Mello Vianna deu ao problema a solução que se impunha, e ainda uma vez se recommendou á estima dos nossos intellectuaes. Espectaculo raro, o desse homem de governo, que, assoberbado por um sem numero de questões administrativas, e desattento aos manejos da politicagem, se volta com desvelo para as coisas do espirito ! O prestigio e a autoridade de que se reveste o seu nome constituem um peior seguro do exito dessa iniciativa. Cumpre-nos a todos acompanhar com sympathia os trabalhos da commissão, interessados, como devemos estar, em ver resguardadas "desse commercio mediocre e sem alma" as obras primas que são o orgulho e a graça de nossas cidades.

“O individualismo e a autoridade em educação”

Não poderia ser mais feliz o Governo do nosso Estado entregando a instrução publica á direcção de um pensador que tem o senso claro da realidade. O sr. Lucio dos Santos forma as suas idéas em contacto directo com a vida. O seu espirito não se perde em pensamentos vãos e theorias nebulosas. Uma intelligencia activa como a sua, não achando contradicção entre pensar e agir, não pode jogar com puros valores abstractos. Neste caso é absurdo dizer-se que as idéas se deformam quando se projectam sobre o plano da realidade. O nosso tempo não é das ideologias transcendentales nem das cathogorias escolasticas. De facto, o sr. Director da Instrucção Publica em Minas se dirige por um alto pensamento, ao mesmo tempo, claro e preciso.

A sua conferencia sobre «o individualismo e a autoridade em educação» é um thema para meditação e um ponto de apoio para orientação. Deu-nos uma solução profundamente humana do problema da educação. Nada mais difficil do que determinar a attitude do professor deante da liberdade individual do educando. Foi o que conseguiu o sr. Lucio dos Santos. Realmente, ha um principio de autoridade que se impõe. A extrema espontaneidade de gestos da criança, estabelecida como norma, traria o desequilibrio moral. O educador é um professor de gymnastica espiritual. A sua funcção é dirigir, coordenar os movimentos naturaes do educando sem um constrangimento que annulle boas energias. Diz com precisão o sr. Lucio dos Santos: «a vontade se desenvolve pelo exercicio e não pela compressão». Os excessos, os rigores inflexiveis dos methodos cream a atmospheria abafada das escolas. Um systema rigido de nivelamento apaga os traços individuaes da criança. O prestigio suffocante do professor faz desaparecer a individualidade em vez de accentual-a. A vaidade professional intumesce a figura do mestre que acaba formando a idea de que a criança foi feita para a escola e perde a noção da realidade opposta. Dahi a rigidez da attitude do professor para com o discipulo. Uniformiza os seus alumnos mais interiormente do que exteriormente. E' contra esse uniforme espiritual que se deve reagir.

São essas as considerações que nos vieram á mente, suggeridas pelo alto ensinamento do sr. Lucio dos Santos.

Os livros e as idéas

Brasil

MEU — Guilherme de Almeida.—Typ. S. José—S. Paulo—1925

Guilherme de Almeida andou pela Grecia para disciplinar os ultimos excessos de sua sensibilidade. Vem, agora, agrupar-se a Maria de Andrade das ultimas producções e a Ronald de Carvalho para trabalhar, de verdade, a nossa paysagem. A incompreensão dessa pobre paysagem que tem soffrido toda a sorte de falsificações artisticas vem desde o abuso da formula romantica de inadaptação até o enraizamento do preconceito da nevoa. Guilherme de Almeida traz um novo sentimento realista dos planos e dos volumes do nosso meio physico. Soffre um contacto profundamente corporeo da terra de que accusa as arestas vivas e os angulos agudos com uma precisão admiravel. Compreend perfectamente o papel violento da nossa luz perpendicular accendendo a nitidez dos contornos e a saliencia dos relevos das cousas. Subjuga e recorta calmamente massas enormes com a agudeza penetrante de seu poder visual. Tem uma grande força na precisão de suas idéas architecturaes. Eis, como num só traço, faz resaltar a consistencia da ossatura massiça de uma palmeira:

«Extrangeiro, olha aquella palmeira como é bella
parece uma columna recta recta recta»

O auctor de «Meu» traz uma nova comprehensão dos valores da natureza tropical. Não a sente atravez de interpretações literarias. Unicamente em «Concepção» uma explosão romantica põe, numa inesperada grandiloquencia, «imagens a serviço das idéas». Afastemos essa bella poesia de character perigoso. Guilherme de Almeida dispõe de uma maravilhosa expressão technica constituida de palavras ajustadas, de rythmos precisos, de tonalidades nitidas. Está bem longe de dar aquella liberdade solta de imagens e de accordes á phrase poetica como o faz a corrente do neo symbolismo contemporaneo. De facto, só essa technica solida do «Meu» seria capaz de realzar a tranquillização artistica do tumulto de nossa natureza. E' o livro mais uma bella tentativa de equilibrio, em arte, dos elementos decorativos brasileiros. Aquelle céu intumescido de emphase dos romanticos se alinha e adquire uma solididade polida de metal. O desesperado vento que soprava, gembundo e sotu-

no, se disciplina e torna-se «agil e passa numa elegancia fina». Vemos uma atmospheria «esticada como a pelle de um tambor». Mais ainda:

A hora forte esmalta
o jardim. Lapida
como uma esmeralda
a relva pollida.»

Como se vê o poeta não soffre a mais leve pressão ambiente. Tem os movimentos os mais livres. Chega até a brincar com alguns aspectos do nosso meio physico. Enrola e desenrola como uma fita a linha decorativa da paysagem. Malabarismo é um jogo surpreendente com as formas coloridas e uma das attitudes de gymnasta agilissimo que é Guilherme de Almeida. «Meu» é um grande livro do nosso momento constructivo.—M. de A.

ESPIRITO MODERNO—Graça Aranha — Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato— S. Paulo — 1925.

Philosophar é um jogo perigoso. A sensibilidade philosophica vae de um conjuncto de factos a outro mais geral, reduzindo tudo á simplicidade rigida das leis. Acontece que o espirito penetrado de muita altura perde, quasi sempre o sentido da vida. Os raciocinios são, não raro, phantasias da intelligencia. Assim Graça Aranha nas suas considerações sobre a arte moderna foi arrastado por entre a complexidade de moldes sem substancia e formas sem fundo. Construiu no vaslo. E' inutil contradizer o seu «objectivismo dynamico» já tão debatido. E' uma formula rigida. E' uma receita indeterminada e vaga. E' a expressão congelada de uma idéa geral que não synthetisa os multiplos aspectos da arte moderna.

Graça Aranha é um creador e não um critico. Faz longas syntheses mas não tem o menor poder analytic. Entrega-se inteiramente aos arrebatamentos de sua imaginação creadora. Seu livro contém, realmente, excellent desenvolvimento de algumas tendencias da arte moderna. Mas o seu grande poder verbal perturba a precisão do pensamento critico. O fio de continuidade logica de suas idéas se embaraça no meio das palavras. Aliás, a unica manifestação de sua intelligencia que não admiramos é a com que se apresentou em «Espirito Moderno». Graça Aranha é o maior espirito creador que possuímos. Simplesmente, não se pode dispor do modo de ser da sensibilidade. Elle quiz fazel o. E errou. Soffremos sempre a tyrannia de nossa propria natureza — M. de A.

MARIO DE ANDRADE—«A Escrava que não é Isaura»—S. Paulo—1925.

O sr. Mario de Andrade vem dar á critica uma nova diectriz em que se pôde pôr uma esperanza mais calorosa. Fugiu ao «impressionismo», ao «dilettantismo» que, se eram motivos literarios para creações de arte e belleza, afastavam a critica de sua finalidade profunda.

O autor da «Escrava que não é Isaura» critica com uma intuição segura das cousas da intelligencia, e com essa agilidade viva de raciocinio que é a feição predominante de seu temperamento. Faz critica na sua critica, isto é, realiza a sua obra sem se perder ao capricho da imaginação, a um impulso da sensibilidade. E' um dos escriptores mais equilibrados do nosso momento. Mesmo dentro de seu enthusiasmo (o sr. Mario de Andrade é um grande creador de enthusiasmo) não se perde num verbalismo romantico, o que elle deve á sua disciplina cultural.

Com a publicação de «Escrava que não é Isaura», elle realiza, agora, uma obra que não encontra precedente no nosso meio literario. E basta esse livro para que nos convençamos de uma cousa: O seu autor é uma das mais bellas victorias do espirito moderno. Está muito longe de ser tudo aquillo que uma critica birrenta imaginou descobrir na alma inquieta e, lembremol-o com sympathia, renovadora da «Paulicéa desvaírada». Penetrou em todas as provincias do pensamento moderno; ouviu com sabedoria o rythmo desse polyphonismo de agora; fez experiencias e comparações; estudou, com cuidado, todas as directrizes que attraem a sensibilidade e a intelligencia dos nossos dias... E como é poeta e critico, deu-nos esse estudo sobre a poesia moderna. Livro muito pessoal. Do contrario não seria um livro dessa força renovadora. O seu autor fez um giro por literaturas extranhas, explica theorias, analysa e commenta... mas, sempre, para chegar á sua maneira de resolver o nosso problema artistico-literario, e para expôr a «sua» verdade. A sua concepção da poesia moderna não é fructo de uma esthetica arbitraria. Obteve-a no convivio de intelligencias autonomas, e analysando-se, com independencia. Quer, antes de tudo, escutar a voz verdadeira da sua alma e de sua intelligencia para, depois, procurar a directriz que elle imagina ser aquella que lhe convem, nesse momento, como expressão de sua arte. E cremos que o conseguiu com muita felicidade. Podemos não usar as suas idéas, mas somos obrigados a admiral-o, e a concordar que elle resolveu, o «seu» caso intellectual. As idéas do sr. Mario de Andrade não são guarda-roupa para todo o mundo... —E. M.

ROSAS DE SANGUE: — Octavio de Oliveira. (Imprensa Official.)

Bello Horizonte

Temos excesso de poetas ou excesso de poesia? Talvez que a segunda hypothese seja a mais justa, e nesse caso teremos explicada a lentidão com que se processa a evolução da poesia brasileira: a terra é, por sua natureza, tão abundante de lyrismo, que esmaga os temperamentos poeticos; estes, deante da riqueza sempre renovada dos motivos brasileiros, e não dispendo de meios de exteriorização possiveis apenas com uma longa e fina cultura, caem na poesia banal, artificiosa, de meia duzia de themas gustos e inexpressivos. Noventa por cento da infindavel producção poetica nacional resume-se nisto: cantar uns olhos de jaboticaba ou de velludo, uma bocca de romã ou de purpura, uns cabellos de serpente (?), um corpo de não sei o que... Os cinco ou seis poetas realmente admiraveis, que dominam o nosso momento, caracterizam-se jus-

tamente pelo desprezo que votam a essa quinquilharia pseudo-lyrica e pseudo-parnasiana e pela coragem com que se atiram a fontes inexploradas que eram tidas como estereis ou perigosas.

Tudo isso vem a proposito do sr. Octavio de Oliveira, moço realmente talentoso, que rima bem, conta com acerto as suas syllabas, tem uma noção razoavel de harmonia, e que até agora não se resolveu a abandonar os fatigados themes da geração bilaqueana. Seria preferivel que rimasse mal, não contasse absolutamente as suas syllabas nem tivesse noção alguma de harmonia. Em taes condições, o sr. Octavio de Oliveira se sentiria obrigado a escolher melhor a qualidade de sua poesia, uma vez que já não poderia contar com a technica (oh! a famigerada technical) para queimar á vista do leitor incauto um bonito fogo de artifício. Muita gente bôa que anda por ahí com fumaças de bardo tem apenas a virtude de fazer um alexandrino bem martelado, tão martelado que dentro delle não póde existir materia viva. A culpa é do parnasianismo, que entre nós não chegou a ser escola, mas viciou o temperamento brasileiro. Pobre parnasianismo! Accusam-no mais do que seria razoavel. A verdade é que elle está morto, e que, vivo, propriamente, nunca esteve. Como explicar, assim, o numero ainda consideravel de poetas influenciados pelo credo do sr. Alberto de Oliveira e do fallecido Olavo Bilac? Pela preguiça mental, pela falta de imaginação creadora e pela tendencia á imitação que distinguem (ou indistinguem) os nossos versejadres.

Eu não tenho a pretensão de dar conselhos, nem quero submeter um moço tão interessante como o sr. Octavio ao inutil vexame de recebel-os. Mas por isso mesmo que li com agrado o seu livro, e que julgo haver encontrado ahí qualquer coisa acima do que vulgarmente se encontra nos nossos livros de versos, lembro ao autor a necessidade de reformar-se. Nem será mesmo uma reforma: elle é novo, e ainda não se formou totalmente. Será antes a adaptação de snas reaes qualidades poeticas ao espirito moderno da literatura brasileira. Accelerar o passo. Não olhar para os lados. Crer. Não tenha medo de errar, nem de ser ridiculo, nem de offender as galerias. E então, ha de ver que sua poesia será fluente, viva, forte, verdadeira; e ha de sorrir do tempo em que fazia versos assim:

“Um secco arbusto
Que alli persiste,
Vê como é triste
No seu penar!
Talvez só mochos,
Que a dôr obumbra.
Sob a penumbra
Lhe vão pousar...”

A edição, muito cuidada, recommenda as officinas da Imprensa Official. A capa é um dos bons, porém não dos melhores, desenhos de Pedro Nava, esse joven e curiosissimo artista que Minas precisa conhecer urgentemente.—C.

“O IMAGINARIO”—Flexa Ribeiro.—Nova Era.—S. Paulo—1925

A impressão que me deixou a leitura do capítulo, “A estética do cubismo” do Sr. Flexa Ribeiro, é que seu autor tratou de um assumpto absolutamente incomprehensível para elle. Perigoso. Perigoso, porque quem não comprehende, não pôde sentir, e é difficil criticar sem sentir. Suas idéas, tratando do cubismo, resultam da falta de paixão, e de partido tomado, que viriam da comprehensão, quer ella fosse pró, quer fosse contra essa tendencia. O espirito do Sr. Flexa Ribeiro está demasiado preso aos moldes da arte classica, á simples *harmonia visual* da obra plastica, para comprehender a revolução do cubismo, que para elle tem uma só significação:—“doença de feiura” Porque? Simplesmente porque o Sr. Flexa Ribeiro procurou no cubismo, a perfeição da technica consagrada, da technica classica, o equilibrio de fórmãs, regularidade de planos, qualidades para impressionar exclusivamente a sensibilidade visual. Qualidades epidermicas da velha pintura. Ora, o cubismo, segundo a expressão do Sr. Pierre Reverdy, não é copia “*d’après nature*”; é *imaginação “d’après nature”*. Intellectualisação intensa. Transformação. O cubismo torna-se, destarte, não uma pintura simplesmente *sentida*, mas sim uma pintura *imaginada*. Desta imaginação especial, intellectualisada, das formas, resulta a criação de um *meio*, absolutamente diverso do *meio* da natureza. Quem vê uma fórmula,—cadeira, homem, cama, ou banana, *sente* a projecção sensorial de um só aspecto, ou melhor de uma só *face* do phenomeno banana, cama, homem ou cadeira. O caso cubismo é outro. Cubismo—intellectualisação. Portanto, absoluta liberdade de imaginação. Quem *imagina “d’après nature”*, qual quer fórmula, não vê, simplesmente *Vê vendo*, isto é, sentindo o objecto em todos os seus aspectos e significações. Sente, por assim dizer a *fórmula em roda*. A pintura é uma arte de expressão difficil. O resultado de ver demais é a quebra da harmonia simples da fórmula, é o desdobramento desta harmonia aparentemente unica, sob todos os seus aspectos harmonicos. Dissociação da *belleza de fórmula* em *fórmãs de equilibrio*. Multiplicação das harmonias de expressão. Expressão feita por linhas, planos, côres e volumes. Caso Picasso. Pelo menos o caso do *meu* Picasso, do Picasso de “Jeune fille au bras levé”, da “Bouteille de rhum”, do “Etudiant”, e do “Violon” Quem olha estes quadros com olhos só para *ver*, começa se escandalizando, porque não vê absolutamente nem garrafas, nem estudante, nem violino. Pode sentir, como sentiu Picasso, o aspecto superintellectualizado do motivo de comprehensão, de criação, que tomou seu ponto de partida, seu “elan”, no aspecto—estudante, garrafa de rhum, violino, etc.

O Sr. Flexa Ribeiro incorre ainda num erro:—considerar Cézanne como o precursor do cubismo. Cézanne só tem contacto com o cubismo, por intermedio de Picasso, mesmo assim por intermedio de um aspecto de Picasso. Cézanne viu demais a natureza, e com uma technica pobre, quiz expressar aspectos, que só com a liberdade trazida pela redolução cubista podiam ser expressados. Resultado: a desharmonia *real* nos planos da sua pintura. O Sr. Flexa Ribeiro esquece ainda que o

o cubismo não é nem pode ser considerado como finalidade artística, como fim de expressão. O cubismo deve ser considerado como meio de estudo. Não se deve fazer só cubismo. Aproveita-se o cubismo, para desenvolver qualidades, para romper com moldes, para iniciar, para recortar uma personalidade. Temos um exemplo no Brasil: Tarsila do Amaral. Tarsila do Amaral não é cubista. *Atravessou* o cubismo. Nunca sua pintura teria a significação violenta, a personalidade intensa, a supercompreensão do aspecto actual da nossa vida, não fosse a lição cubismo.

O sr. Flexa Ribeiro considerou o cubismo como finalidade. Erro grave. Não o compreendeu como meio de estudo. Erro gravíssimo. Onde ha no cubismo, liberdade, dissociação de planos, elle vê desharmonia, membros elephantisados, "doença de feiura."

O Sr. Flexa Ribeiro olhou o cubismo com olhos de classico. Clássico em 1925 é doença. Doença grave. Verdade é que ninguém tem culpa de ser doente:—o culpado da hydrophobia, não é quem foi mordido, deve ser o cão.

O Sr. Flexa Ribeiro, não tem culpa de ter sido mordido por Phydias, Miguel Angelo e outros.—P. N.

MEMORIAS SENTIMENTAES DE JOÃO MIRAMAR — Oswald de Andrade—S. Paulo. — 1925.

A primeira vez que nos appareceu o sr. Oswald de Andrade foi nos «Condemnados». Tivemos nelle um romancista nervoso, cheio de vida na sua technica pessoal. Já trahia por esse tempo um desejo sincero de renovação intellectual, e o seu estylo já era uma conquista sobre a lingua teimosa na adaptação academica. «Condemnados» já era, assim, uma realização.

Agora, nessas «Memorias sentimentaes», abandonando o exagero subjectivista em que se ia perdendo a nossa literatura, o sr. Oswald tenta uma «volta ao material», como lá vem no prefacio, apezar do «sentimentalismo racial» que vibra no «seu fôro interior».

Faz um jogo curioso da lingua. Esqueceu-se da ordem natural da nossa syntaxe (prefere uma ordem psychologica) emprestando á palavra uma vida autonoma, incisiva. Desarticula o conjuncto; faz interposição de planos, a focalizar uma linha mais do que outra. Põe num traço toda uma impressão centralizadora. Acredita assim no leitor.

E' uma tentativa curiosa essa do estylo de João Miramar. Apenas curiosa.

Deante dessa figura, um pouco dolorosa e um pouco risonha, nós sentimos o arrepio da vida desarticulada, viva, que ainda sangra nos seus fragmentos. E' a realidade, recta como um florete, a picar a epiderme, a ir mais longe, na sensividade profunda. Ha pinceladas que valem por uma téla completa: «E a terra natal espiou por um pharol a noite enfarada». «O vento batia a madrugada como um marido. Mas ella perscrutava o escuro teimoso.» Outras de um pittoresco animado: «O circo era um balão acceso com musica e pasteis na entrada».

Miramar, como toda a literatura recente do sr. Oswald de Andrade, lembremol-o em tempo, não vae além de uma tentativa. Elle podia collocar, naquellê prefacio de Machado Penumbra, a sinceridade da «Paulicéa desvairada»: «Alliás muito difficil nesta prosa saber onde termina a blague, onde principia a seriedade. Nem eu sei» — E. M.

França

FEUILLES DE ROUTE—Blaise Cendrars—Imp. H. Fortemps—Paris.

A nova collecção de poesias de Blaise Cendrars vem commentada pela ingenuidade constructiva do traço soado e tranquillo de Tarsila do Amaral. Não se pode deixar de notar a correlação que existe entre a arte da pintora brasileira e a do poeta francez. Ha em ambos a calma architectonica da linha precisa. Feuilles de Route são desenhos simplificados das pay-sagens por onde Cendrars passou. O maior interesse que desperta o livro é o de medir o abalo de uma fina sensibilidade franceza em contacto com a brutalidade do ambiente tropical. O tumulto de nosso meio physico não pregou no poeta o susto que se esperava.

“La forêt est là, me regarde, m'inquiète, m'attire
comme le mas que d'une momie”

Soffre, simplesmente, a curiosidade raciocinada de um visitante de museu. Blaise Cendrars não se abate nem sae fora de si. Com uma serenidade que indica saúde, descobre no exaggero atordoante da nossa floresta “les frondaisons cette architecture,” salienta calmamente “les masses perpendiculaires” “les fûts frères.” Entretanto, o transbordamento de volumes, o excesso de cores, a indisciplina das linhas da nossa paisagem perturbaram a sua sensibilidade poetica. Elle não colheu a sensação em estado puro. Não fez simplesmente poesia como em Monde Entier, mas tambem arte. Accordou-se, nelle, um artista plastico. Recortou arestas, salientou contornos e empregou tintas vivas. Conservou a antiga synthese, mas o fluxo lyric já não trouxe a pureza primitiva. Chegou, até, a fazer litteratura.

O Pão de Assucar lhe lembrou Wargner “bouffi d'orgueil” Entretanto, não raro, o desvio que observamos desaparece e, uma onda de ly-rismo puro rompe numa bella surpresa:

No poema S. Paulo:
“Je trouve tous mes amis
Bonjour
C'est moi”

Parece que a sensibilidade do poeta francez, não se conformando com o nosso excesso de fundo natural, teve a mais lyrica expansão ante a perspectiva humana, ja bem definida, da cidade de S. Paulo. —M. de A.

JEAN-JACQUES BROUSSON—«Anatole France en pantoufles» — Les éditions G. Crès et Cie. — Paris

Conheci, em uma pequena cidade do interior, uma respeitável senhora, obesa e ferozmente virtuosa. Muito estimada por todo o logarejo, que vivia a proclamar-lhe as riquezas e a piedade, tinha ella uma veneração, verdadeiramente mystica, pelo velho e respeitável bispo de sua diocese. Foi assim que, como uma graça vinda dos ceus, o venerado pastor, em uma de suas visitas pastoraes, entre alas genuflexas, estourar de foguetes e algazarra de sino3, moido pela canceira de, extenuante viagem a cavallo, aportou-lhe um dia á casa, empapado de suor e coberto de poeira. Antes de deitar se, o santo homem quiz um banho, que lhe foi ministrado, á moda do interior, em uma nova e grande bacia de folha. A piedosa mulher teve escrupulos de deitar fóra aquella agua servida, onde o Senhor Bispo acalmara as suas impertinentes almorreimas; lembrou-se então de a recolher em pequeninos frascos, que distribuiu depois pelas amigas, que a bebiam, aliás com grande resultado, sempre que se viam em apuros de parto.

Lendo o «Anatole em pantoufles» de Brousson vem-me á idéa aquella beata piedosa. Em todo o seu livro, nada que nos dê uma perspectiva psichologica, ligeira siquer, do amável sceptico de *Jerôme Coignard* nem do cinzelador de *Thaïs*. Informa-nos que tinha não sei quantos gorros, de não sei quantas côres, que não gostava de ponto e virgula, conta-nos, diffusamente, uma porção de libidinagens de *Anatole* e assim por deante. Emfim, agua suja em pequeninos frascos.

Dos que mais se occupam do autor do que das obras, dizia Schopenhauer que eram como espectador, detidos deante da moldura, em vez de occupados com a perspectiva, por vezes sublime, do quadro. No seu «Propos d'Anatole France», sahido ha alguns annos, *Paul Gsell*, muito mais feliz do que Brousson, não ficou como aqueles espectadores de que falla o philosopho: dá-nos um quadro magnifico de *Anatole*; em que as scintillações de seu espirito surgem emolduradas de bondade; e de uma bondade inedita, para aquelles, que só conheciam o escriptor atravez da personalidade de seus escriptos. — I

FRÉDÉRIC LEFÈVRE: «UNE HEURE AVEC...» (deuxième série)—Éditions de la Nouvelle Revue Française.—Paris.

E' um livro de entrevistas, em que o repórter, não raro, fala mais que o entrevistado, o que se lhe perdôa facilmente, por ter uma bôa intelligencia critica e senso do «a proposito». As figuras são as mais diversas: *Carlos Maurras*, *Paulo Morand*, *George Duhamel*, *Henrique Duvernois*, *Max Jacob*, *Alain*, etc. Mais uma vez,

a literatura franceza nos dá uma fascinante impressão de movimento, espantando o brasileiro incauto, que confunde movimento com vitalidade. E' facto que, em França, um homem de letras representa pelo menos uma idéa, e que o choque de principios e postulados tem ahi um alcance incalculavel. Porém não é menos certo que o espirito francez exgottou as suas reservas, e agora está batendo a portas estrangeiras, á busca de material para a sua producção. Prova: o exotismo ou melhor, o cosmopolitismo, tão do gôsto de Larbaud, Mac Orlan, Giraudoux, etc. Nada de menos compativel com as tradições do chamado genio francez. Aliás, este genio de ha muito é coisa morta: um dos seus ultimos representantes, Anatolio France, viu a sua obra morrer antes de si mesmo.

De qualquer maneira, é muito curioso o livro do sr. Frederico Lefèvre. Como informação, é mesmo excellente. Feito sem preocupação de questionario. Cada escriptor responde a uma serie de perguntas em relação com o seu temperamento, suas tendencias, suas realizações. Maurras, por exemplo, faz um discurso derramado, borbulhante de idéas, que elle fere apenas. E' extraordinario, esse homem, tão seguro no diagnostico dos males politicos e literarios do seu paiz, e que como mesinha a todoselles só encontra esta coisa immensamente rebarbativa: *un roi...* Elle fala em nome de uma tradição que os seus contemporaneos repudiaram. Mesmo assim, é perturbador. Aqui se registra uma de suas luminosas palavras recolhidas pelo sr. Lefèvre: «Ou ne naît pas libre. On peut le devenir.»

E' ainda recommendavel neste volume a entrevista com Jacques Rivière, onde o director da N. R. F., ha pouco fallecido, rebate accusações de Massis, da mais palpitante actualidade. Porém todo o livro deve ser lido, embora não agrade a este ou aquelle saudoso das edições de Calmann Lévy...—C.

NOTA—O objectivo desta secção é limitado. Não pretendemos fornecer ao leitor uma visão de conjunto da producção literaria nacional, e muito menos da estrangeira. Essa tarefa, difficil de ser realizada no Rio ou em S. Paulo, seria impraticavel em Minas, que mantêm escasso intercambio intellectual (?) com os outros Estados, e do estrangeiro recebe apenas o que lhe enviam os editores portuguezes e francezes. Mesmo dos ultimos, muita coisa não chega até as Geraes, ou, se chega, é com um atrazo desanimador. Assim, não promettemos senão aquillo que está em nossas mãos: uma critica nem sempre justa, porém sempre bem intencionada.

Mas... valerá a pena falar de intenção em crrtica? O que de interesse a um julgamento é a paixão que o anima, isto é, a dosá

de humanidade que elle contém. Esperamos, pois, que ninguem se indignará se dissermos que esta secção será *honestamente apaixonada*. Eis a nossa melhor defesa.

—Os autores que desejarem honrar-nos com o envio de suas obras poderão endereçal-as nominalmente a qualquer dos nossos redactores, ou, indistinctamente, á redacção (Avenida João Pinheiro, 565).

IRARIGOAN

(Continuação)

Movimentaram-se lhe vivos na memoria os apparatus a que junto d'aquelle marco assistira. Evocou, assim, a figura do homem, envolto por uma longa veste, erguendo aos ceos um objecto bello como um pequeno sol ! Lembrou-se que ao attentar para a contricção dos extranhos, parecera-lhe aquelle espectaculo um culto de um deus desconhecido.

E uma duvida pairou em seu espirito ! Porque Tupan não fendera com um raio aquelle madeiro ? !... Pois, Tupan não era omnipotente ? ! Seria que aquelle fosse mais forte que Tupan ? !...

De manso e manso, as palpebras de Irarigoan baixaram, como si uma grande tristeza pesasse sobre ellas. Já não mais para a sua alma existia a illusão de que as vagas do Oceano vinham do infinito !... Além, vivia um povo mais forte que o seu ! O deus daquella gente era mais poderoso que Tupan !

O Sol, muito baixo, coalhava de sangue o dorso movel do Oceano. No occaso rubro, o grande espirito de Irarigoan anteviu o proximo occaso de sua raça !

A frente do cacique pendeu para o peito. Seu perfil de bronze abateu-se. Atormentava-o o remorso de se ter deixado atordoar pelo deslumbramento ! Assoberbava-lhe a mente, suffocando-o, a necessidade irreprimivel de voar, de ir alem da distancia que a vista apoucada limitava, encarcerando o vôo do pensamento para o ignoto ! No delirio, exagerava se-lhe na consciencia o poder do gesto, como si um só gesto seu houvesse bastado para sustar a aproximação das grandes naus !

E' que a dor de Irarigoan era maior que a grande dor que adivinhava fatal para sua raça. Pois, na revolta suprema contra a Fatalidade, anniquilava-o o supplicio sem termo do arrependimento !

Expediente

“A REVISTA” publica-se mensalmente

Assignaturas para todo o Brasil:

Anno 12\$000
Semestre 6\$000
Numero 1\$000

Toda e qualquer correspondência
 deverá ser dirigida á Redacção e
 Administração.

Avenida João Pinheiro, 565

BELLO HORIZONTE



Encatrega-se de gerir os negócios
 de «A Revista» o nosso redactor
 Gregoriano Canêdo

NOTA Figuram neste numero alguns erros de revisão, mais ou menos graves, que nos escaparam devido ao accumulo de serviço. Não os indicamos; preferimos confiar no leitor intelligente.

A REVISTA

SUMMARIO

PARA OS ESPIRITOS CREADORES .	Redacção
SOBRE A PSYCHO-ANALYSE. . .	Iago Pimentel
DA POESIA MODERNA	Emilio Moura
CRITICA PHYSIOLOGICA	Martins de Almeida
MEUS VERSOS.	Carlos Drummond
O CARTEIRO.	Godofredo Rangel
MULHERES	A. J. Pereira da Silva
NOCAUTE...	Mario Ruis
NATAL.	Onestaldo de Pennafort
A PESCA DA BALEIA	João Alphonsus
O POEMA MAIOR.	Wellington Brandão
UMA PAIXÃO EXTEMPORANEA. . .	Alberto Deodato
CABRAL E SEUS PRECURSORES. .	Orozimbo Nonato
A MONTANHA AZUL.	Carlos Góes
MOMENTO BRASILEIRO	Magalhães Drummond
A' NOSSA VITALIDADE.	Gregoriano Canêdo

OS LIVROS E AS IDÉAS — MARGINALIA

Casa Aurea

*e a casa de artigos de luxo que tem
em Bello Horizonte os mais variados
sortimentos de Calçados, Chapéus,
Camisas, Gravatas, Meias, Collarinhos,
Lenços e Perfumarias.*

**O record em preços
Qualidades e
Variedades**

Teleph. 420

Avenida Affonso Penna, 502

**Drs. Abilio Machado,
Pedro Aleixo e Mil-
ton Campos**
ADVOGADOS

Av. do Contorno, 1550
(Escriptorio)

B. Horizonte

Dr. Julio Soares

Assistente de clinica
cirurgica da Faculdade
de Medicina e da Santa
Casa de Bello
Horizonte

**Cirurgia geral e
vias urinarias**

Cont.: 1 ao 5 — Rua da Bahia, 908
(Altos do 'Parc Royal')

Tel. 955 — Res.: Santa Casa

—Bello Horizonte—

Salão Santos

*Sala para senhoras e
crianças*

Pilotonico Santos

O maior inimigo da caspa,
O melhor tonico do cabelo.

Bello Horizonte

Andrade

ALFAIATE

Phone, 351

Rua da Bahia, 992

Bello Horizonte

A REVISTA

Fabrica de Calçados "Bellorizonte"

O mais resistente!

O mais barato!

O de mais acceitação!

Rua Platina -- Caixa Postal, 57

..... BELLO HORIZONTE

Albino Cangiano

Alfaiate

Rua da Bahia, 917

Senhoras e Senhoritas !!

Calçados finos, meias, gravatas, etc. na

Casa Versiani

Avenida Afonso Penna, 572 — Bello Horizonte

A RENISTA

Caixa Postal, 14

End. Tegr. "PAPEIS"

PAPELARIA E LIVRARIA OLIVEIRA, COSTA & CIA.

Avenida Affonso Penna, 1050 e 1052

TELEPHONE 1 5-8

*Deposito de papeis
em branco*



*OBJECTOS DE
ESCRITORIO*

Lytographia, Typographia, Encadernação
e Pautação.

LIVROS DE DIREITO, LITTERATURA, ENGENHARIA
E ESCOLARES

Armazens Guarany

443 - Avenida do Commercio - Telephone, 310

—o— Grandes armazens de bebidas finas e conservas de todos os procedencias —o—

Unicos distribuidores dos productos da Companhia Gervejarla Polar

PASCO DA COMPANHIA GRACIEMA

GUARADÁ ESPUMANTE ZADOTTA

*Agua Salutaris — Fernet branca — Whiski mineiro — Vinho
Guarany — Manteiga Veado*

ENTREGA RAPIDA PARA QUALQUER PONTO DA CIDADE

Unico estabelecimento na Capital que se acha especialmente preparado para o
systema de distribução em duzias e onde os senhores do interior encontram
de tudo e melhor podem ser bem servidos

BELLO HORIZOOTE

Fumem

só cigarros e charutos

Flôr de Minas!

São os melhores

Rua da Bahia, 884

Bello Horizonte

Sociedade de Motores Deutz

Otto Legitimo Ltda.

Machinas para lavar madeira
«Kiesling-Leipzig»

Machinas para officinas mechanicas
Machinas para produzir gelo
etc., etc.

Matriz: Rio de Janeiro
RUA DA ALFANDEGA, 103
Caixa Postal, 660



Filial: Bello Horizonte
Avenida Affonso Penna, 930
Caixa Postal, 103

End. Telegraphico: « OTTOMOTOR »
Telephone, 1059

Loteria do Estado de Minas Geraes

*Extracções em
Julho:*

Dia 7 200:0000\$000

Dia 13 200:0000\$000

Dia 17 100:0000\$000

Dia 23 100:0000\$000

Dia 30 100:0000\$000

Companhia Dias Cardoso

Estabelecimento de primeira ordem

*Papelaria — Livraria — Typogra-
phia — Armario — Cofres de
Ferro — Prensas*

MACHINAS DE ESCREVER

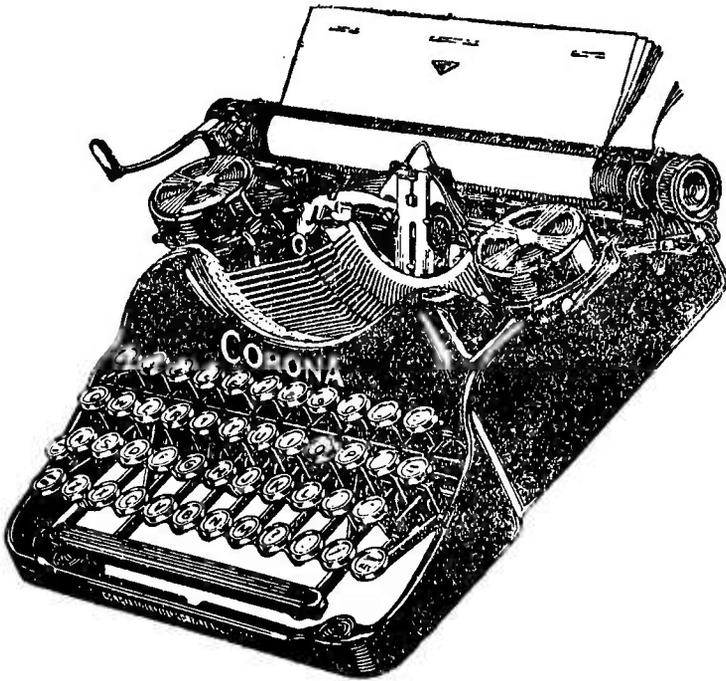
Rua Rio de Janeiro esquina da
Praça Sete de Setembro

BELLO HORIZONTE

A REVISTA

CORONA

COM TECLADO UNIVERSAL



Tão valiosa como duas machinas communs, porém, mais barata do que uma.

A «Corona Quatro» presta no escriptorio o serviço de varias machinas pesadas. Tem o valor de uma commum no escriptorio e outra em sua casa

Alfeu Felicissimo

Secção de machinas de escrever e moveis de escriptorio
Rua Rio de Janeiro, 620 — Bello Horizonte

Confeitaria Estrella

— DE —

CASTRO & MORATO

O «Estrella» é hoje em Bello Horizonte uma casa de elite, frequentada pelas famílias do escól e preferida pelos academicos de *linha*. Tornou-se, não só pela presteza e amabilidade dos seus serviços de *garçons*, como também pela modicidade de seus preços, a confeitaria querida da nossa sociedade.

Bahia, 1.005

O «Estrella» brilha de dia e de noite!

Phone 120

Albino Cangiano

ALFAIATE

Rua da Bahia, 917

Senhoras e Senhoritas !!

Calçados finos só na

Casa Versiani

Avenida Affonso Penna, 572 — Bello Horizonte



ESTÁ VISTO

Camisas lindas e
roupas brancas
em geral.

Ternos sob medida.

Perfumarias, etc.

Tudo a preços
modicos.

Faça como eu vá

Ao Trocadero

AVENIDA AFFONSO PENNA, 708

A REVISTA



Roupas sob medida

Roupas feitas

Vestuario para meninos—Calçados—Chapeus
Camisas — Gravatas — Pyjamas — Meias — Collarinhos

Os melhores artigos

— Os melhores preços

Alfaiataria Guanabara

— AVENIDA AFFONSO PENNA, 805 —

Dr. J. Martins Vieira
MEDICO

Ouvido, nariz e garganta ☒ Consultorio: Avenida Affonso Penna,
934
(Palacete Alvaro dos Santos)—2. andar

DAS 13 HORAS EM DEANTE

B E L L O H O R I Z O T E

A REVISTA

DIRECTORES:

MARTINS DE ALMEIDA
CARLOS DRUMMOND

REDACTORES:

EMILIO MOURA
GREGORIANO CANÊDO

Para os espiritos creadores

Falámos aos scepticos; chegou a vez de falarmos aos espiritos creadores. Trazemos outra serenidade. Vimos reafirmar a nossa orientação no sentido da mais franca nacionalização do nosso espirito. Ha no nosso tempo uma volta á realidade. Não nos abismamos mais nas mentirosas ideologias das gerações passadas, que fantasiavam a nossa terra com côres chimericas. Soffremos uma approximação mais intima, um contacto mais vivo do nosso meio. Eis porque cabe a nós uma obra de dura disciplina e de serenidade constructiva. Precisamos não só de actos de intelligencia mas, sobretudo, de actos de fé. Ha uma necessidade inadiavel de affirmação em todos os sentidos. Entrando em choque com a vida real, temos de confiar na nossa força para não cahirmos na inacção e no indifferentismo. Não queremos atirar pedras ao passado. O nosso verdadeiro objectivo é esculpir o futuro. Ahi estão problemas essenciaes da nacionalidade exigindo uma solução immediata. Pretendemos realizar, ao mesmo tempo, uma obra de criação e de critica. Deixamos a cada collaborador a mais ampla liberdade de ponto de vista e de opinião. Apenas desejamos imprimir ao nosso trabalho uma unidade em harmonia com a nossa tendencia nacionalista. Sem preconceitos rigidos. Sem exclusivismos estereis. Procuramos concentrar todos os esforços para construir o Brasil dentro do Brasil ou, si possivel, Minas dentro de Minas.

Acolhemos com sympathia o regionalismo. Apro-

veitamos nesse movimento alguns reflexos do nosso ambiente, a originalidade local do nosso interior.

Si bem que pretendamos caminhar noutro sentido: dominar pelo espirito o nosso meio e não nos escravizarmos a elle. Mas é preciso superpormos vontades identicas para crearmos um espirito nacional. O esforço intensificado de cada um nesse mesmo sentido constitue o fecundo trabalho subterraneo das raizes. A nacionalidade se vai formando á custa das dolorosas experiencias individuaes.

Não podemos desprezar a menor contribuição. Presentimos o perigo enorme do cosmopolitismo. E' a ameaça de dissolução do nosso espirito nas reacções da transplantação exotica. Não podemos offerecer nenhuma permeabilidade aos productos e detricos das civilizações estrangeiras. Temos de recompor a nossa faculdade de assimilação para transformar em substancia propria o que nos vem de fóra. Ahi está outro movimento nacionalista que traz tambem os seus fructos: o primitivismo. Este vem, sobretudo, humanizar a nossa consciencia intellectual, despindo-a de seu character olympico. Ha muito que precisavamos deixar a nossa inacessivel Turris Eburnea e acabar com a aristocracia orgulhosa do pensamento, para tomarmos parte na humanidade, na nossa humanidade. Devemos comprehender que o nosso papel é viver e não contemplar o espectáculo quotidiano.

Na verdade, um dos nossos fins principaes é solidificar o fio das nossas tradições. Somos tradicionalistas no bom sentido.

Oppomo-nos a qualquer desbarato da nossa pequena herança intellectual. Si adoptamos a reforma esthetica, é justamente para multiplicar e valorizar o diminuto capital artistico que nos legaram as gerações passadas.

Dissemos que eramos um órgão politico. Nas relações internas, a nossa orientação está definida no sentido da centralização do poder. Tanto na politica como na letras, ameaçam-nos perigossimos elementos de dissolução. Anda por ahi, em explosões isoladas, um nefasto espirito de revolta sem organização nem idealismo, que tenta enfraquecer o nosso organismo social.

Para combatel-o sentimos a necessidade do governo ser a funcção de uma vontade forte, de um espirito dominador. Si o poder fôr se tornando peripherico em vez de centralizar-se, teremos a dispersão das forças latentes do paiz. No momento actual, o Brasil não comporta a socialização das massas populares. Só uma personalidade inflexivel dirigida por uma bôa comprehensão das nossas necessidades pode resolver os problemas maximos da nacionalidade. Nas relações exteriores do paiz, as nossas condições momentaneas estão exigindo uma posição, não dizemos estrategica, mas, pelo menos, tactica das classes dirigentes em relação ao elemento estrangeiro. Não podemos dispensar o seu concurso. Ahi está a immigração que, acolhida em massa englobada, é perigosissima á formação actual dos nossos caracteres. Poderá pertubar ainda mais o estado da nossa mestiçagem psychica. Não podemos impedil-a mas podemos organizal-a. A creação de nucleos de colonização é uma medida para o momento. Traria a vantagem de impedir o caldeamento irregular dos typos mais dispares e de ir estendendo a urbanização dos nosso interior. Coherentes com o nosso programma nacionalista, somos pela reforma da nossa constituição. Esta apresenta uma pomposa fachada de federalismo norte americano e traz um fundo decalcado do liberalismo inglez. As nossas leis fundamentaes nasceram sob influencia do romantismo politico do segundo imperio. Foram constituídas pelo idealismo vago, o verbalismo sonoro dos ultimos representantes daquelle nosso brilhante e dissolvente parlamentartismo. Ha um desaccordo profundo entre muitos dos principios constitucionaes e a nossa mentalidade social. Precisamos annular essa desproporção. As nossas leis devem ser tiradas da observação directa da vida brasileira, e não copiadas dos modelos estrangeiros.



Sobre a psycho-analyse

IAGO PIMENTEL

(Especial para A REVISTA)

Sobre a doutrina de Freud ou psycho-analyse, tão divulgada, tão mal conhecida e tão mal interpretada, procuraremos dar aqui, em ligeiros traços, um rapido apanhado, remettendo o leitor, que tiver interesse em melhor conhecê-la, á leitura de uma serie de conferencias, feita pelo proprio Freud, em 1909, na Universidade de Clark, nos Estados Unidos, cuja publicação iniciaremos no proximo numero desta revista e onde se acham succintamente expostos todo o historico e evolução da doutrina.

Freud tem uma concepção dynamicica da vida psychica, que elle considera como um systema em evolução de forças antagonistas ou componentes; só uma pequena parte dessas forças constitue o *consciente* do individuo, em opposição a outra parte, o *inconsciente*, composto de elementos muito mais numerosos e, sobretudo, muito mais activos no determinismo da actividade mental. Estes ultimos elementos, em geral de conteudo erotico, estando, muito frequentemente, em opposição com as tendencias da personalidade consciente do individuo, educado e submettido ás coersões moraes, ethicas e sociaes da civilisação, ficam como que regeitados no inconsciente e ahí são martidos por uma força de *resistencia*. Mas, por estarem reprimidos, esses elementos, não perdem o seu dynamismo e continuam permanentemente a influenciar os phenomenos psychicos, esforçando-se constantemente por virem á tona da consciencia, que não os podendo tolerar na brutalidade de sua oudez, só os recebe disfarçados e desfigurados e os exteriorisa, simbolicamente, por meio de varios phenomenos: no homem são, por tendencias artisticas, literarias, particularidades do caracter, sonhos, etc.; no doente, por obsessões, hallucinações, delirios, dissocições da consciencia da personalidade, em uma palavra, por symptomas de nevrose e psycho-nevrose. Tal é, em resumo, a doutrina de Freud ou psycho-analyse.

Como muito bem diz E. Regis, a doutrina de Freud não deixa de ter grandeza, e a grandeza não só de uma doutrina psychologica, mas tambem, como já o fizeram observar, de uma doutrina religiosa. Assim se explica a sua repercussão e a vehemencia apaixonada com que tem sido, quer defendida, quer combatida.

Freud não é o que se possa chamar propriamente um philosopho. Sua theoria surgiu simplesmente da observação de um medico que, preocupado com dar allivio a seus doentes, procurava, para lentar removê-los, interpretar os symptomas extranhos, e até então mysteriosos, das nevroses e psycho-nevroses. "Antes de tudo, impelliu-me a necessidade pratica", diz o proprio Freud.

E foi assim que, explorando minuciosamente, analysando com paciente curiosidade a alma de seus doentes, ao espirito do grande obser-

vador surgiu todo um vasto e deslumbrante mundo desconhecido, que não só vinha dar explicação dos symptomas morbidos de que se occupava o medico, como ainda vinha offerecer a chave do enigma das mais variadas manifestações psychicas.

Evidentemente, o que mais choca a quem se inicia no estudo da psycho analyse, é o papel que Freud entrega ao instincto sexual, que, em sua opinião, domina, por assim dizer exclusivamente, toda a actividade da alma humana. Mesmo espiritos, que, pela sua cultura pareciam dever estar emancipados de preconceitos, não têm deixado de oppor formal resistencia em aceitar aquella asserção. Mas essa própria resistencia, esse escrupulo, natural no homem civilisado, tão orgulhoso da sua pretensa superioridade em abordar desassombadamente o problema sexual, é justamente mais uma confirmação do papel dominante daquelle instincto; é uma especie de revolta intima da consciencia moral e esthetica do espirito culto contra a fealdade revoltante da verdade sopitada. Quem, com effeito, de animo isento, voltar-se introspectivamente para si ou observar serenamente as manifestações mais intensas e mais sublimadas da alma humana—a arte e a religião—não poderá deixar de se curvar deante da realidade, desagradavel; talvez, mas inilludivel como uma evidencia: religião e arte, desde as suas mais simples até as suas mais transcendentexpressões, não passam de um manto, mais ou menos espesso, mais ou menos transparente, em cujas dobras se esconde, se embuça se ou desfigura o instincto sexual. E' so levantar o manto e querer procural-o; infallivelmente elle lá estará, transfigurado no extase dos mysticos ou hediondamente nú, nas tentações hallucinantes dos anachoretas.

Serem satisfeitos é a finalidade dos instinctos, essas forças cegas da natureza. Satisfazer aos instinctos é procurar o prazer; reprimil-os é provocar a dôr. E o principio hedonico dirige todos os seres: a procura do prazer e a fuga ao soffrimento. A ameba, infinitamente pequena, que sob a objectiva do microscopio, foge á gotta de acido, é o primeiro exemplo, no mundo organico, de um ser fugindo ao soffrimento. Como todos os animaes, o homem nasce apenas dotado de instincto; sua tendencia natural seria pois, como no selvagem e na creança, satisfazel-os plenamente. Coagido, porém, pela moral e as exigenciãs de sua cultura, tem de soffreal-os e, como a ameba que foge á gotta de acido, o homem foge da realidade dolorosa da vida para os dominios da nevrose, do sonho, da arte e do delirio mystico, em cujo symbolismo aneia por encontrar a satisfação dos desejos incontidos.



Da poesia moderna

EMILIO MOURA

A poesia tornou-se um terreno onde é perigoso andar a critica a desejar uma systematisação para todo momento. Melhor. Não poderemos rotular essa ou aquella tendencia, a satisfazer uma velha mania. Temos que encarar a poesia, não numa corrente determinada ou numa determinada attitude: é preciso parar deante de cada temperamento e sentir esse temperamento na sua esthesia particular. Libertação absoluta? Absurdo! Somente não poderemos dizer: «A poesia do nosso momento é desta ou daquela maneira», etc. etc. Cada musa reflecte uma tonalidade diversa, varia, e possui a sua dóse de maior ou menor emotividade creadora, de anseio desinteressado ou daquelle que procura libertação numa escalada renovadora. Falamos, de vez em quando, em poesia intellectualisada e em néo-romantismo. Mas isso são aspectos generalizados, feições dentro das quaes pode haver um infinito de caractéres. Os processos intellectuaes obedecem a impulsos muito interiores. Nem sempre conseguimos penetrar a fundo a significação caprichosa do fio que nos vae conduzindo. A propria psychologia tem a sua mascara leviana. Em arte principalmente. Deante de tão confusas e, ás vezes, tão incoherentes directrices estheticas, o espirito se desillude. Contenta-se em apurar o maximo de belleza ou de verdade artisticas de uma obra. As ideas nascem e morrem num bailado aereo ou pesado; as emoções surgem e desaparecem, cada uma trazendo o seu momento de vida, o seu rythmo, a sua legenda. Nós ficaremos á espera daquellas que serão as nossas, que resolverão com certeza uma equação pessoal. Porque nem todas as idéas poderão ser as nossas idéas. Podem ser admiraveis. A intelligencia tem o direito de reconhecer-o, mas a sensibilidade possui o direito de repudial-as, no momento em que aquella tentasse uma realização. As idéas não valem pela sua origem, pela sua maior ou menor originalidade; mas sim pelo que ellas possuem de electricidade creadora, pelo poder que ellas adquiram, acaso, de adaptação a um espirito, a uma sensibilidade. Estes poderão renovar-as até á propria identificação absoluta com ellas. Então, espirito e idéas, esthetica e sensibilidade creadora viverão como se uns nascessem dos outros, como um fluido que se irradia. E' um trabalho creador em que entra muito do nosso esforço subconsciente, desse tantalismo curioso da nossa psyché, na escala da nossa intellectualislação. Cada temperamento tem que realizar a sua intima modelação. Uma esthetica é

assim uma realização pessoal, é o jogo de todas as conquistas intellectuaes e de todo a trama da nossa emotividade. Não pode ser uma disciplina para uso geral, e somente com habilidade poderemos enquadrar um certo numero de artistas numa dada tendencia. Principalmente num periodo de inquietação. Ensaíamos todas as directrizes. Cada pouco de argilla recebe o toque vertiginoso da nossa sêde renovadora. O sr. Oswaldo de Andrade escrevendo «As memorias sentimentaes de João Miramar» e o sr. Guilherme de Almeida creando o rythmo novo da «A fruta que eu perdi...» ou do «Meu» não resolveram o problema da nossa literatura, não realizaram, em definitivo, a expressão literaria, que deve ser a do nosso momento. Cada um delles encontrou, ou imagina haver encontrado (não sejamos affirmativos) uma solução que só vem resolver o «caso» de cada um delles. E fizeram bastante. Em arte, como na vida, o difficil é encontrar-se o caminho. Somente, na arte, aquelle «passo distrahido a que se refere o sr. Raul de Leoni é eliminado pela necessidade constante de uma auto-critica rigorosa. A argilla não realiza milagres de automatismo. Requer o trabalho vigilante dos dedos, soffre a influencia multiforme de todas as fatalidades ambientes. Do contrario ella poderia viver, tanto na razão directa, como na inversa da nossa cultura. Ora, isso é o que justamente se afasta da verdade de tudo o que já se tem realizado. No proprio lyrismo a intelligencia tem a sua acção permanente. A analyse illumina-o na sua objectivação. Intellectualismo puro? Essa tendencia é uma face curiosa da poesia moderna. Já não é o hermetismo dos symbolistas: é um esforço pela «expressão», um anseio de synthetisar, extrahindo-se dos motivos aquillo que elles têm de essencia e de vida, as linhas basicas para a obra de arte. Rapidez de emoção, agilidade de linhas, de côres e rythmos.

A entrada de certos elementos mais ou menos prosaicos, de assumptos quotidianos na poesia moderna só pode ser considerada como uma intelligente reviravolta. Ha notações finas e deliciosas, linhas profundamente emotivas e admiravelmente delíneaveis em themas que se acreditavam vulgares ou ante poeticos. Já ha um mundo fóra do Olympo. É muito mais curioso. Ahi as idéas não adquirem solemnidade ou belleza apenas pela emoção da attitude, pela elegancia da linha. As imagens não tendem á estatuação, mas ao movimento e á vida: agitam-se, ondulam, nesse perpetuo rythmo de humanisação. São idéas que vivem ao nosso lado, emoções primitivas; linhas ou côres que dizem, com desembaraço, de algum momento de electricidade creadora. Ha uma pureza de linhas, uma simplicidade de côres que serão, sempre, uma seducção caprichosa. Ellas bastariam á nossa intima necessidade de realização, á objectivação do nosso anseio especulativo. A nossa ten-

dência é para realizar essa simplicidade—simplicidade synthetisante. Toda a emoção de um momento pode estar numa linha rápida e fugitiva, numa notação passageira. Sem moldura nenhuma. O excesso de moldura foi o que desviou o parnasianismo de sua probabilidade realizadora. Num soneto, por exemplo, a moldura, ás vezes, eram treze versos; o quadro,—a idéa ou o fio da emoção provocada—a «chave de ouro». As linhas essenciaes perdiam-se em desalinho. Interrompia-se o fio emotivo, o movimento interior anulava-se frequentemente. E' nessa rapidez de pinceladas, nessa synthese objectiva e subjectiva é que está o effeito mais natural e mais expressivo dessa poesia de agora. O elemento qualificativo predominando sempre para a imaginação creadora. Os scepticos acreditarão num periodo agónico para a poesia. E collocarão esse periodo na actualidade.

«Tempos de prosa!» Entretanto a actualidade está impregnada de poesia, a patentear uma seiva de natureza virgem. O conceito de poesia pode ter variado. Acreditamos que sim, para aquelles que, no nosso momento, não se recordam mais da maneira como a comprehendia um Carlyle. Poesia que não é somente estribilho, harmonia—sujeição eterna do «eu» que sente e que pensa a uma limitação em essencia, e não formal simplesmente, a uma canalisação academica; mas poesia que é puramente «expressão», fructo de um anseio psychologico. Já Laforgue a queria dessa maneira. Esse anseio, essa sêde libertadora, na sua realização artistica e objectiva, poderá produzir o lyrismo commovido e ingenuo, doce ou perverso de um Manuel Bandeira; ou o intellectualismo de um Luiz Aranha. Em todos os dois casos temos poesia. A maneira porque sentem e realizam essa poesia é que se fez differente.

Mas será preciso tantos gyros, mais ou menos inuteis para que se chegue a tudo isso? A belleza continúa a ser aquella deusa amavel e leviana, filha do capricho dos homens e da ironia dos deuses. Os antigos conseguiram symbolos harmoniosos para tecer a sua trama inponderavel: realizaram-n'a com um sorriso de doce ou impiedosa sabedoria. Hoje os tempos são outros. Mas a belleza ainda vive nas retinas enamoradas. E' uma arvore maravilhosa. E si é alta em excesso, façamos por colher, ao menos, os fructos que estão ao alcance dos nossos dedos. E esqueçamos a fabula de La Fontaine...



Critica physiologica

A PROPOSITO DE MANUEL BANDEIRA

MARTINS DE ALMEIDA

Já que estamos fazendo uma revisão de valores estheticos, precisamos de um criterio. Um criterio seguro e bem nosso. Não seria máo tomarmos os dados physiologicos como pontos de orientação e, algumas vezes, como elementos de avaliação. No momento actual, a nossa critica não pode ficar entregue aos conhecimentos geraes da arte estrangeira. Borboleteiará ao redor dos livros, como tem feito até aqui, si jogar apenas com aquelles dados culturaes. Trará sempre uma versatilidade caprichosa de impressões e uma volubilidade ondulante de pensamento. No nosso minuto constructivo, é perigosissimo o character dissolvente das apreciações no dominio do espirito. A psychologia, que offerece os elementos de mais valor, só dispõe, entre nós, dos primeiros delineamentos da nossa mestiçagem psychica. A historia não fez, ainda, a projecção de sua perspectiva na arte brasileira. Não fallemos da sociologia. A massa heterogenea e movediça dos nossos agrupamentos falseia quasi sempre a posição que se toma nesse terreno.

Venho propor que nos orientemos pela physiologia. A maior idèa que teve certo escriptor allemão foi de apresentar objecções physiologicas a Wagner. Precisamos fazer o mesmo a muitos artistas brasiliros. A maior parte das nossas obras de arte é formada de impressões que se crystallizaram a flor da pelle. Falta-lhes profundidade corporea. Os nossos espiritos creadores muito se deixam levar pela plasticidade de cèra dos tecidos. Tudo o que vem do exterior se grava ligeiramente á superficie do corpo e, ahí, é reproduzido. O artista expreme da epiderme, como se fosse uma espinha, as emoções sentimentaes e intellectuaes. Dahi a nossa arte constituida, quasi toda, de preconceitos, artificialismos e copias. A' optica superficial da nossa critica tem passado despercebido esse fundo physiologico da criação. Ora, para crearmos uma obra de arte temos de viver-a. «La vie est un fait physique» diz o saber multiseccular de Claud Bernard. Eis porque o pensamento deve se fazer carne. E' preciso que cada sentimento sangre.

Uma idea de verdade não pode deixar de fazer o percurso fecundo do aparelho circulatorio. Não se admittem valores abstractos na arte pura. A intelligencia não é uma excrescencia nem a sensibilidade um tumor. Ha uma solida vida de conjuncto das cellulas. A' meditação puramente cerebral, eu contraponho a meditação profundamente corporea. Não é indifferente que o critico tome a pulso ao artista. Ha estados d'alma que correspondem a disgestões mal feitas. Ahí está a critica do Sr. Duque Estrada que indica menos um modo de ser da sensibilidade do que um estado angustioso dos intestinos que nada assimilam. Ha uma lassidão pesada e morma de pensamento que correspon-

de a uma falta de flexibilidade de musculos. O Sr. Alberto de Oliveira, por exemplo, exprime nos seus versos um rigidez corporea.

Entre nós principalmente, a creação artistica tem estado, quasi sempre, ligada a condições morbidas do organismo. Chego mesmo a pensar que só muita gymnastica, cultura physica, banhos frios seriam capazes de estabelecer o equilibrio organico e, conseqüentemente, artistico da nossa sensibilidade.

Estou bem longe de collocar a critica como um appendice das «Lições de Physiologia Experimental». Podemos lembrar Remy de Gourmont, que teve a larga comprehensão da physiologia da arte. Qualquer systematização nesse sentido seria uma forma do ócio scientificismo litterario de Brumetiére. Fallo dos factos physiologicos como pontos de orientação para o juizo esthetic. Eis o caso de Manuel Bandeira. Vem confirmar que ao critico não é indifferente a maneira pela qual o poeta respira. Mario de Andrade, sempre adiante de nós todos, se fez physiologista para estudal-o sufficientemente Apalpou-lhe o peito. Auscultou-lhe. Pediu-lhe que gritasse 33. Seguiu o curso da doença desde o encontro do poeta com ella. Dahi, uma segura visão critica. Explicou excellentemente a função psychica da molestia na arte do autor de Carnaval. E não se enganou. Principalmente para o estudo da obra de Manuel Bandeira, não podemos desprezar os elementos que a physiologia nos fornece. Ahi está a sua tristeza formada por um desequilibrio organico e não artificializada por uma convenção de escola. Ninguém tolera mais o preconceito da melancolia. Tivemos um seculo inteiro de lyricas choradeiras rimadas e escandidas. Basta. Temos physiologicamente a liberdade de sermos tristes ou alegres a qualquer momento ou as duas cousas ao mesmo tempo. O artificialismo vae desaparecendo cada vez mais da poesia de hoje. O poeta é obrigado a por o seu subconsciente a nú. Mas em Manuel a tristeza é um estado da carne. O poeta é melancolico de uma maneira corporea. Muitos de seus versos vêm de um sangue empobrecido e de uma respiração imperfeita. A sua enfermidade afinou-lhe os sentidos e augmentou a receptividade da realidade exterior. E realmente, não foi elle o primeiro que soffreu a pressão da atmosfera da nossa época? Não foi elle quem deu os signaes annunciadores de uma renovação artistica que se preparava na sensibilidade contemporanea? Não advinhou nada. Tudo andava no ar. Manuel teve a comunicação subconsciente antes de todos. Parece estar mais perto da realidade do que qualquer outro. Dispõe com facilidade dos dados immediatos dos sentidos. Principalmente em Manuel Bandeira a sensação não vêm atravez dos canaes competentes. Podemos dizer que é um espirito em carne viva. O menor contacto do mundo visivel produz resonancias dolorosas no seu ser. E vae achando um sabor de vida profunda em cada pedacinho da realidade. Guarda uma grande humildade na sua attitude contemplativa deante da nossa natureza. E' um empobrecimento de seiva animal que o impede de luctar contra a hostilidade ambiente e não o uso da formula romantica de inadaptação. Não tem a fibradura rija para tomar a posição perpendicular no nosso meio e tentar realizar, em arte, o equilibrio da nossa paisagem natural como o estão fazendo Mario de Andrade das ultimas producções, Ronald de Carvalho, Guilherme de Almeida do "Meu"

Não é preciso ter ligeireza e flexibilidade de musculos para se escrever Dansas? Não é preciso ter perfeita constituição organica para se conseguir o rythmo tranquillo de Inscipção? E Malabarismo não é uma expressão rythmica de força e agilidade corporeas?

Afinal, demorei neste ponto de vista para clarificar e justificar algumas tendencias de Manuel Bandeira. Não se pode reduzi-lo a um simples caso physiologico. E' uma das maiores e mais indefiniveis sensibilidades do nosso tempo. E' o mais poeta dos nossos poetas. Compreendeu e aprofundou melhor que ninguem alguns aspectos simples da vida ordinaria. Exprime nos seus poemas uma grande verdade sentimental. Traz o mais puro intimismo psychologico. Como encontrar versos que contemham mais poesia do que Noite Morta? Certamente que elle teve a sua phase de artificios e convencionalismos poeticos. Em Cinzas das Horas regulou os seus versos com o convencional tic-tac rythmico. Despreendeu, de accordo com as normas, em determinados logares e minutos, certa quantidade de substancia poetica. Nelle, essa phase passou mais rapidamente do que em qualquer outro. Que salto de Cinzas das Horas ao Carnaval! Este ultimo é um livro isolado da epocha em que surgiu. Não falemos do susto da platéa. Manuel desalinhou a symetria forçada do rythmo e poz dissonancias na musica plan-rataplan do antigo verso. Despertou a nossa sensibilidade do torpar que lhe vinha das phrases melodiosas da poesia. Trouxe uma das maiores creações poeticas que possuímos —Os sapos—em que um pensamento ironico das cousas flue numa onda de lyrismo puro. Deu uma inedita qualidade intellectual a algumas de suas poesias sem lhes deturpar a natureza intima. Precedeu com uma intuição maravilhosa a essa tendência intellectualista do movimento moderno. Afastou-se, depois, daquella corrente. Não teve força para submeter o seu temperamento profundamente emotivo a uma disciplina quasi classica. Debussy, a Fina, a Doce Ferida e outras poesias já indicavam que a sensualidade dissolvente da musica desequilibraria-o. O seu ultimo livro nos mostra Manuel inteiramente entregue a sua sensibilidade. Fez-se mais confidencial, mais intimista, mais terno, menos ironico. O poeta torna-se um miniaturista musical.

Rythmo Dissoluto já é por si só um excelente commentario. Indica que no seu autor o sentimento do rythmo se desfibrou. Eis ahi o residuo do symbolismo que permaneceu em grande parte dos poetas modernos. A musica continúa a exercer uma attracção perigosa e a desfazer a harmonia typica da poesia.

Nós sabemos que os symbolistas libertaram essa pobre poesia com sacrificio della mesmo. Romperam os «rythmos immoveis da esculptura» que a mumificavam para lhe darem os «rythmos em movimento» da musica. Chegaram a dissolver-a realizando a conhecida profecia de Taine. Deu-se a decomposição do rythmo. Desagregaram-se os atomos da phrase poetica. Neste caso, a libertação foi a morte. Alguns espiritos modernos já reconstruíram o rythmo com um pouco de desenho para que a poesia voltasse a ser ella mesma. Eis aonde eu queria chegar. E' ainda um resto de symbolismo o «rythmo dissoluto» dos versos de Manuel Bandeira.

E' preciso que eu diga que estou explicando e não condemnando o autor de «Poesias». Sinto-o immenso na sua maneira de exprimir. Só lamento que não possa tomar parte activa no nosso momento constructivo. A sua poesia tem um character dissolvente. O poeta não emprega nem de leve os elementos de equilibrio das artes plasticas. Compreendo que seu animismo achou uma expressão definitiva. A fluidez de sua substancia poetica foge a menor pressão linear. Aceito como a melhor e mais verdadeira a solução que nos apresenta do seu problema intimo.

Foi uma monstruosidade Manuel ter empregado o cinzel penetrante dos parnasianos para dar forma a suas idéas e sentimentos. Só uma technica delicadissima, modificando-se a cada aspecto observado, poderia exprimir o maximo delle mesmo. Trabalhou para o bem lyrico da humanidade quem como elle reduziu, ao contrario daquelle sapo «cancioneiro aguçado», a Forma a formas desta maneira:

SONETO

A noite... o silencio...
 Se fosse sò o silencio!
 Mas essa queda dagua que não pára! que não pára!
 Não é dentro de mim que ella flue sem piedade?...
 A minha vida foge, foge, e sinto que foge inutilmente!
 O silencio e a estrada ensopadas com dois reflexos interminaveis...



Meus versos

CARLOS DRUMMOND

1—CORAÇÃO NUMEROZO

*Foi no Rio
eu passeava na Avenida quazi meia noite
bicos de seio batiam nos bicos de luz estrelas inumeraveis
havia a promessa do mar
e bondes tilintavam
abafando o calor
que soprava no vento
e o vento vinha de Minas*

*Meus paraliticos sonhos desgosto de viver
a vida para mim é vontade de morrer
faziam de mim homem realejo inperturbavelmente
na Galeria Cruzeiro quente quente
e como não conhecia ninguem a não ser o doce vento
nenhuma vontade de beber eu disse acabemos com isto*

*Mas tremia na cidade uma facinação cazas conpridas
autos abertos correndo caminho do mar
voluptuosidade errante do calor
mil presentes da vida aos homens indiferentes
que meu coração bateu forte meus olhos inuteis choraram*

*O mar batia em meu peito já não batia no cais
a rua acabou quêde as arvores a cidade sou eu
a cidade sou eu
sou eu a cidade
meu amor*

2—MUZICA

(A PEDRO NAVA)

*Uma coiza triste no fundo da sala
Me disseram que era Chopin
A mulher de braços redondos como pernas
martelava na dentadura dura*

*sob o lustre respeitavel
 E considereí nas contas que era preciso pagar
 nos passos que era preciso correr
 nas dificuldades...
 Enquadrei o Chopim na minha tristeza
 e na dentadura amarela e preta
 meus cuidados avoaram que nem borboletas.*

3-IGREJA

*Tijolo
 andaimes
 água
 tijolo
 o canto dos homens trabalhando trabalhando
 mais perto do céu
 cada vez mais perto
 mais
 mais perto
 mais
 A torre*

*E pelos domingos a litania dos perdõis o murmurio das invocaçõis
 Ha um padre que fala do inferno
 sem nunca ter ido lá
 Pernas de seda ajoelham mostrando giôlhos
 Um sino canta a saudade de qualquer coiza sabida e já esquecida.
 A manhã pintou-se de azul.
 No adro ficou o ateu
 No alto fica Deus
 Domingo...
 Bem bão! bem bão!*

(«Minka terra tem palmeiras»)

O CARTEIRO

GODOFREDO RANGEL

(Especial para A REVISTA)

Ha certas antipathias, bem como sentimentos exactamente antipodas, que decorrem, como efeitos fataes, da natureza do cargo publico ou funcção social exercida por alguém. A presença de um medico, confort; a de um advogado, inquieta; do mensageiro do telegrapho, sobresalta. Sua simples presença desperta «mecanicamente», em nós, esses sentimentos. Como esses, os que exercitam outras profissões. E'-nos particularmente sympathica a vista do carteiro de nossa rua. Ao aspecto do maço de correspondencia que elle sustem nas mãos, em nossas veias corre mais acelerado o sangue, em éstos de esperanza. Não sei que encanto singular ha nas cartas que vamos receber de suas mãos. Naquelles pequenos rectangulos claros como que demora a realização de todos os desejos que são a nossa razão de viver. E' uma aventura imprecisa que vae, talvez, cahir em nossa vida e quebrar-lhe improvisamente o monotono rumo.

Com que alvoroço de silenciosa felicidade estendemos a mão para receber as mensagens desconhecidas que sua mão nos offerece! Somos taes quaes os jogadores de què nas fala Anatole, á espera de que seu numero saia. Não nos lembram as más noticias possiveis, aggressões de inimigos, mordidas da inveja anonymsa, novas de lucto ou de molestias. Aguardamos unicamente o alvorecer de uma ventura nova. E a viva emoção desse momento breve, marca, muita vez, no transitio acinzentado de nossos dias de labor e tédio, como em um ponto de luz, nosso unico momento de fugaz ventura.

Depois... a desillusão. Aberta a correspondencia, evaporou-se o impreciso delicioso que nos acelerou o sangue. Uma carta é um reclamo commercial; outra, nos enche de apprehensivos cuidados sobre a saude das pessoas que amamos ou sobre nossos negocios; nalgumas vêm maçadoras incumbencias que sacrificarão porção preciosa e irrestituivel de nosso tempo; mesmo as boas novas, se por acaso chegam, não tem o encanto do imprevisto e por isso nunca motivam a intensa felicidade que esperavamos. Emfim, é a propria monotonia da vida que mana do interior das sobrecartas dilaceradas, confluindo para a morosa correnteza de nosso existir, que prosegue seu curso monotono, aggravado de mais uma sobrecarga de preocupações.

Entretanto, apesar de tudo, cada dia a agradável sensação se renova e é-nos sempre grata a presença do carteiro.

(Fragmento)

*Mulheres...***A. J. Pereira Da Silva**

(Especial para "A REVISTA")

*Ha mulheres de olhares seductores
 Que não fitamos nunca sem tormento.
 Entretanto são frageis como as flores
 E nós, os homens, fortes como o vento...*

*Ha mulheres de olhares seductores
 Cujos graos de volupia é tão violento,
 Que nos vibra os instinctos inferiores
 Ou nos perturba o nosso pensamento.*

*Ha mulheres de olhares seductores
 Como a luz matinal de um céu nevoento.
 Essas nos deixam todos os languores
 E calefrios do Enternecimento.*

*Ha mulheres de olhares seductores
 E tão fataes no seu clarão ciumento,
 Que a Senhora Santissima das Dores
 Devia conservar-as num Convento.*

*Entretanto, são frageis como as flores
 E nós, os homens, fortes como o vento...*

NOCAUTE

(Especial para "A Revista")

MARIO RUIZ

Acabo de ler um artigo. Isto é notavel. Ainda sou um sujeito de paciencia. No final, fiquei sabendo que todos os excessos de um delicioso seculo 20 provêm de uma alteração imbecilissima da glandula thyroidea. Pouco depois li outro artigo. Entrevista. Talvez o "Jornal do Commercio" a ache interessante. Tambem o Sr. Gastão de Carvalho, remanescente do verismo italiano. Tambem a platêa do Municipal, que enriqueceu os archivos escolasticos de suas galerias com a mascara barbadissima do Sr. Petrus Verdier, pintor de sujissimos tombadilhos, que não perdeu um só concerto do pianista Brailowski. Ah! é este o cavalheiro que deu a tal entrevista. E' o Sr. Brailowski quem acha que só uma dôr esquisitissima, um alanceado sofrimento-torquemada nos termos exactos do ribeiro pinheirismo, podem fazer nasce arte. Ou Arte. Questão de linotypista.

Está ahí. Num mesmo dia, dois cavalheiros pretendem justificar esse pessoalissimo problema da Arte com cousas que ainda mais vêm complicar a escura situação. Por que terá a humanidade precisão de socorrer-se desses elementos para comprehender as expressões de seu cerebro? Talvez medo de assombrações. Ou não. Pouco importa. A verdade que tudo isso não está certo.

Anedocta. Eis ahí a synthese dessas opiniões. Por ellas o poeta Baudelaire, que teve sem duvida mais dores que Dante, seria o mais formidavel poeta da terra, se acaso, tambem por ellas, o Sr. Oscar O' Flahertie não fosse ainda maior, pois teve a dôr bisnáo de uma cadeia. Não pode dar certo esse negocio. Arte é arte. Vida é fora da arte. Dôr é fóra da arte e da vida. Não digo que não possa entrar em ambos. Póde. Mas não tão profundamente que venha motivar a eclosão (sic) de novos rythmos. Isso é uma questão toda pessoal. Nem a guerra produziu a desorientação intellectual annunciada. A guerra foi um pretexto que a sociedade encontrou para fugir aos preconceitos que já desejava abandonar, antes do conflicto. O Sr. talvez não concorde, não é, Sr. Coelho Netto? E' verdade. E' possivel que o Sr. esteja sentindo as dôres da uma arvore que se pôrou diante dos golpes de um lenhador. Oh! um lenhador. Como é que veio isso parar nesta chronica? Acho esquesitissimo. Ora essa! Toca o bonde. Mas a Arte não poderá nunca aceitar essa dependencia. Nunca houve nada tão independente. Se não devemos ser loucos, não sejamos escravos. E' muito mais interessante. Querer subordinar a Arte ás dores pode convir aos medicos. Tambem aos classicos. E aos criados de quarto, que serão esthetas fataes. Mas essa attitude trar-nos-ia um inconveniente. Teriamos certamente que affichar (purissimo gallicismo) varios livros descriptivos das vidas dos artistas. Si não comprehenderiamos nada da Arte. Puro Anacreonte. Oh, meu longinquo Alfredo de Musset! Oh Bruno! Vocês se apagariam na penumbra pallida da incomprehensão! O que talvez fosse melhor. (Vozes gritam que não). Mas eu nunca poderia ser um artista. Esta conclusão me serve. «E' modestia. Não. Nunca foi modestia». Oh! Oh! Oh! arte com «a» pequeno

NATAL

ONESTALDO DE PENNAFORT

(Especial para A REVISTA)

*A noite desce, lenta, no jardim
e estende sobre as arvores e os lagos
vãos de neblinas mais suaves e vagos
que perfumes de lyrio e de jasmim.*

*A noite sonha que não tem mais fim
com seus olhos somnambulos e vagos.
Parece que andam a passar reis magos
com urnas de myrrha, incenso e benjoim...*

*No céu, a mesma estrella dos pastores
conduz... O luar é um halo em torno ao mundo
perfume, feito luz, da alma das flores.*

*E o luar, e a sombra, e os astros, e a agua, e o chão...
ao seu silencio de extase profundo,
abre-se a flor, triste, da solidão.*

A pesca da baleia (*)

JOÃO ALPHONSUS

(Especial para A REVISTA)

A sereia plangente soou. Resoou. Caras acres vieram ao tombadilho. E ao ruído monótono da machina, que o abalava da pôpa a prôa numa trepidação continua, o pequeno vapor costeiro ladeou cautelosamente filas de vassourinhas que surdião das ondas á guisa de boias, enterradas nos bancos de areia. Depois começou a singlar o braço de mar, mais ligeiro na boa vontade da maré enchente. De ambos os lados, baixios extensos. Um conhecedor ciceroneava:

—O pharol do Pontal do Sul. A Barra que já foi cidade. Hoje nem povoado. O mar já lhe lambeu a maior parte das ruas. Lá estão dentro do mar os restos de uma igreja. Acolá, aquillo alvo, são os ossos de baleias pescadas.

—Pescam baleias por aqui?

—Pescaram. Ha muitos annos que não apparece nenhuma.

O logarejo tristonho, que a sanha do velho glutão verde lambia aos boccados, foi ficando atraz. Veio um trecho de praia despovoado e longo. Contrastando com o rasteiro do resto da vegetação, ou em claros de areia chocantes como calvicies, havia coqueiros, muitos coqueiros. A sereia soou de novo mais demoradamente. Chegavam. As caras acres se refaziam na certeza do fim do supplicio. A prôa embicou rapido prá ponte carcomida do modesto porto. Uma atracação demorada. Azafama trapalhona. Gritos. Pragas obscenas.

Josephino olhou. Acocoradas ao sol rijo, umas casinhas dorminhocas espiavam. Os telhados de zinco tremulos na canícula. Um cata-vento preguiçoso rodava gemia. Pela paysagem toda coqueiros. Muitos coqueiros. Sempre coqueiros. Seu tio, celibatario obeso e negociante de madeiras, aproximou-se de braços abertos, um grande riso no carão tisonado.

*

Começaram os dias de pasmeira melancolica. O tio morava em frente do braço de mar, cujas aguas subiam e desciam na maré incantavel. De raro em raro atracavam a velha ponte pequenos cargueiros. Lá ficavam alguns dias numa lufa-lufa de marítimos e estivadores. Chegavam pela estrada de ferro trens de carga trazendo tóros gigantescos ou saccas de café. De caféiros e florestas distantes. Era toda uma riqueza que passava praos porões dos navios, aproveitando o trabalho de alguns habitantes e diante da indifferença dos outros, que viviam de pesca, de indolencia. Toda uma riqueza que ia pra longe sem beneficiar o pobre

(*) Pra melhor comprehensão de alguns trechos consultar os filmes com lobos do mar e escumas de pesca. N. do auctor.

porto. Quando os cargueiros largavam, pejados até ao convés, tudo re cahia numa suprema inercia, que os gemidos do catavento tornavam mais triste, mais intoleravel . . .

Elle desesperava. Era alli que viera curar-se do seu nojo da vida, de sua NAUSEA INFINITA . . . No emtanto !

Percorria os compartimentos da casa, nervosamente, ou ia deitar-se á sombra da mangueira que havia perto das ondas. Uma grande ancia denirvanizar-se. De indenticar-se com a preguiça ambiente .

*

Queria agora ter contacto com os habiantes do logarejo estagnado. Diante da sanguieira do poente—um poente longinquo no baixio da outra margem—ia largando um hiate esguio. Lento lento . . . No fundo da paysagem a mulher de preto agitava um lenço. Elle a olhava de longe. No crepusculo triste aquella saudade . . . Foi andando. A mulher foi-se definindo vulgarissima. O vestido preto desbotado manchado. Os tamanços de velludo preto sujo com bordados vermelhos. Mas o rosto moreno bonito.

—Tem muita saudade delle?

—Delle quem ?

—Do embarcadiço.

—Si «tienho» . . . Ora! depois delle vem outro . . .

Rodou agilmente num dos saltos dos tamanços. Enfrentou-o sorrindo os dentes claros em que havia bem no meio uma pequenina carie.

—Quem sabe si não será você ?

Affastou-se num riso. O corpo esguiu não ondulava esguiu e forte. De sobriedade masculina. A desenvoltura cynica não causara repulsa a Josephino. Alli não havia alma . . .

*

A noite cahia sempre maciamente depois do dia fornalha. De todos os lados o luceluzir silencioso dos vagalumes. Nenhum fremito de aza retardada no espaço. Percebia-se o esmaecer gradativo da luz. Algum ruido que se ouvisse era como uma ordem de silencio, mysteriosa e imperativa. De silencio fecundo. De bemfazejos esmorecimentos.

Irrompia nos mangues ephemeros da maré plena a orchestração dos sapos, que se calariam quando a maré baixasse. O sapo ferreiro bati a compasso em tantans continuos e cantantes. Noite a dentro, nevermoreescamente, uivos, urros, ladridos, mugidos, gemidos...

Oh! as noites infinitas do seu degredo voluntario... Insomnia. Abre a janella. O vento traz-lhe o cheiro da maresia e o marulho das ondas. Não pode dormir suffocação pelo calor. Alem do calor, ha *alguma coisa* que não deixa elle dormir. Ha pouco um rumor ergueu-lhe as palpebras. Rumor? Não. Coisa alguma escutara. Nada sentira materialmente. Tinha sido qualquer coisa indefinível que o fizera erguer-se repentinamente, como a um incubo medievo... A tenebrosa epoca dos incubos tão longel Entretanto...

A' esquina o lampeão está palpebrando morrente. Nas outras esquinas, os outros já apagaram. Os sapos incansaveis nos mangues como num desespero. E o ruido rascante rouquenho do moinho enferrujado a

cada lufada... Os habitantes dormem, indolentemente resignados. Está sò. Está consigo mesmo. Nasce-lhe no intimo a absurda certeza de que alguma coisa mysteriosa vae acontecer irremediavelmente...

Vivia as noites num estado horrivel. A estagnação infantilizava-lhe o espirito exausto. Voltavam temores dormidos das assombrações da meninlce...

*

A's vezes a mulher cynicá surgia. Ouvira que se chamara Maria Araponga. Passava por elle cheirando aervas selvagens e sempre rindo a pequenina carie ..

*

Apesar de tudo, só desejava continuar vegetando alli mesmo. Mas numa casinha sua. Si não pudesse materializar-se como o tio, amigo das piadas de Boccage, Emilio de Menezes e Rodrigo Gesteira, mandaria vir os seus livros. Compraria outros. Pouco dinheiro lhe bastaria. Mas onde arranjal-o?

O veleiro Itan, chegando por uma clara madrugada, trouxe a insolita noticia de ter sido vista uma baleia aboiando fora da barra. Era um meio... O tio emprestou-lhe o dinheiro. Sentia-se agora outro, azafamado, quasi alegre, a contractar os homens. Iria com elles. Desejava apreciar de perto—*soffrer* o arrojo dos pescadores de sua baleia...

O tio procurou dissuadir-o. Explicou-lhe á maneira audazmente primitiva daquella pescaria excepcional. Cada qual por si, caso a baleieira adernasse. E si de braços com a morte, tentasse apegar-se a alguém, este se defenderia a soccos. Josephino respondeu num sorriso calado. Que lhe valia a vida?

*

A baleieira foi-lhe parecendo cada vez mais fragil emquanto o pequeno veleiro que a rebocara, retornava um pedaço de mar para lançar ferro á espera. A impressão de um crescente isolamento... O veleiro ficou-se no horizonte inquieto. Primeiro um ponto branco, pequeno, pequenissimo, que logo se desfez—a vela logo amainada. Depois um ponto escuro, menor ainda, minusculo, quasi invisivel.

Os remeiros fizeram alguns movimentos machinaes e morosos, como invadidos pela mesma preguiça que azeitava o mar. E abandonaram os remos inuteis ainda. Todos silenciavam pacientemente. Deixavam repousar os musculos pra melhor aprestal-os á hypertensão do imminente ar-rojo. Cabeceavam mollemente ao balanço olhando as vagas. De vez em quando, cançados da immobilidade, respiravam fundamente. Os corpos rijos buscavam novas posições repousadas. Embora affeitos á pesca, a empresa rarissima commovia-os. E os olhos permaneciam fixos, como si esperassem que a força unanime de um só olhar accioso fizesse vir á tona o cetaceo.

Josephino porem impacientava-se. Começava a sentir o cheiro desagradavel dos corpos tão proximos, castigados pelo sol matutino, ja impiedoso. Poz-se tambem a olhar as ondas. A oscillação parecia-lhe marcar um escorrer viscoso de tempo, ao influxo de uma pendula gigantesca que se movesse na asonia submarina...

Os remos num rythmo heroico! João da Cruz o negro arpoador agitantando-se desmesuradamente na prôa meneou sobre o corpo de aço o arpão de aço... O esforço do lançamento diminuiu a arrancada... O negro teve o grito selvagem da victoria:

—ARPOADA!

O cabo armado ao arpão fugia na fenda feita na prôa rapido raspando rr fugindo fugindo até! O barco fragil arrastado numa esteira do sangue... Os ouvidos na vertigem do vento! A cada rabanada irritada de monstro os homens esvasianço o barco inundado! esvasiando como machinas! COMO MACHINAS!

*

—Corta o cabo! Corta!

Revoltava-se em vão contra o pavor immenso, incoercivel, estúpido... A coragem do mestre ironizou asperamente:

—Deixa de besteira, moço!

—Corta!

—A baleia *está no gato?*

Um outro homem decifrou com absurda tranquillidade:

—O sr. paga a baleia?

Sem resposta elle aniquillou-se no fundo encharcado. Porque aquella covardia? Podia morrer, morrer... E os seculos no vento!

*

—Vae encurtando o cabo... Ella não pode resistir muito tempo ainda. Prepara a lança, João da Cruz!

—Acho que é cedo. O bicho está duro!

Mas a onda repentina avolumando-se sobre! E o pavor infinito...

—Corta a corda pelo amor de Deus! Eu pago!

O mestre tirou a faquinha de bordo e golpeou o cabo reteso. Os olhos desapontados seguiram a ponta desaparecer...

Tinham sido arrastados durante horas pra longe sem rumo. Olharam praos lados. Horizontes movediços vasilos já na tarde... Levantaram do fundo o pequeno mastro com a vela molhada. Encaixaram o mastro e abriram a vela, pra que o sol quasi horizontal a seccasse. E começaram a navegar vagorosamente, ao influxo do vento brando na vela pesadissima, numa incerteza. Onde estaria o veleiro?

*

Noite a dentro, os homens foram-se despindo. Tinham queimado tudo para chamar o veleiro. Queimavam agora as vestes. Espectralizavam-se gigantescos e nús aos bruxoleios. O silencio do mar allucinadamente calmo ganhou-os. E elle ausente no fundo encharcado...

*

Só pela madrugada elles enxergaram a vela [branca do veleiro que navegava tambem incerto à procura.

*

O olhar do tio obeso teve um brilho de colera e amorteceu num desprezo. A mão rude botava o dinheiro na mesa. O preço da baleia... Vagorosamente. Com a lentidão de um supplicio chinez...

Lá fora a alma do logarejo estagnado escancarava-se numa gargalhada homérica.

E a mesma noite sem remedio nos mesmos lampeões palpebrando no mesmo catavento gemendo...

*

Perambular na sombra seria melhor do que ficar no quarto enorme, cujas paredes dançavam ao clarão inquieto da lamparina. A sombra nirvanizadora... O lampeão da esquina extinguiu-se. Outros luceluzam agonicos. Os coqueiros crescendo nos relampagos que feerizavam os horizontes. O ceo sem estrellas...

Ia num S de resistencia contra o vento humido. O vento sul começara rijamente, annunciando borrascas na fulto mar. Era o vento que vinha da sua cidade longe. Que passara pelos alpendres das trepadeiras. Pelo pequeno jardim com rosas...

Seguia a estrada de ferro. Aquelles trilhos conduziam a outros formigamentos da mesma humanidade odiosa...

—Que diabol! Você não enxerga ?

Um relampago illuminou-os. A Araponga de preto gargalhou um sarcasmo. E na sua voz quebrada:

—Ah! E' você... Toda gente está-se rindo de você... E medrosos commigo ... nada!

.....

Na tempestade desabada o trem [parava ESMIGALHADORAMENTE...

De NAUSEA INFINITA - romance *manqué*

Caravellas (Bahia)—1922.



O POEMA MAIOR

WELLINGTON BRANDÃO

Arte, Divina apaziguadora dos tormentos do meu espirito,
como é doce a tortura da tua consolação !

O teu beijo penetra a minha alma, e a minha alma se abre
como os lagos quiétos, em circulos immensos e sonoros, em circulos
immensos e sonoros que se desdobram indefinidamente pelo
Infinito...

Poesia do Indefinivel, musica do Immusicavel, tormento es-
tuante e fêrvido do Silencio !

Estrella guieira do meu Pastor Espirito...

Ariadne luminosa e casta, que fias em oiro casto e lumino-
so o fio dos meus extases irrevelados, o fio dos meus sonhos in-
conhecidos, o fio das minhas dores mais placidas e profundas...
Arte. Pairas sobre os meus dias mentirosos como o meu unico céu
constellado de estrellas.

Pairas sobre as minhas noites verdadeiras como o unico sol
da minha vida.

Bendigo o misterio que colou os meus labios nas tuas pe-
gádas luminosas e imperceptiveis !

Bendigo o misterio que gerou o meu Destino, de sombra tua,
de mariposa visivel na tua luz invisivel !

Bendigo o misterio que projectou o meu espirito, como um
projétil pequenino e sonóro, nos circulos immensos do teu des-
lumbramento !

Bendigo o misterio que semeou no meu coração os gérmens
das tuas arvores que frondejam no Infinito, as sementes dos teus
jardins que desabrócham em Deus !

Bendigo o misterio que trespassou a minha alma da tua Dor
suprema, que constrinjiu a minha alma nos cingulos doces das
tuas supremas Angustias !

Bendigo ò Arte, o misterio que paralisa em minha bôca a
revelação do meu segredo !

Eras tu que cantavas, no canto embalador de Mamãe, para
fechar-me os ólhos cismadores e rebeldes ?

Eras. Eu me lembro das estrellas, no céu alto e longinquo,
sobre a paisagem adormecida...

Eras. Eu me lembro do ritmo grato e doce do berço, sob o
céu alto e faiscante, que constellava no rectangulo da janella como
uma bençam para o meu Lar...

Eras. Eu me lembro daquelle canto, que era como a surdina suave de todos os cantos que a minha ternura não poudo cantar !

A Vida se me espraizou ao olhar, como um deserto povoado de gritos e de risos...

E a dor da Vida levantou-me os punhos crispados de terror e heroismo...

Mas tu me puzéste as mãos immateriais e compassivas sobre os meus ólhos ardentes, para que as minhas lagrimas rebentassem na dor mais profunda da resignação e da esperança !

Meu desespero esteve prêtes a alçar a sua adaga inutil e chammejante sobre a Vida

Eu queria decepá-la, de um golpe ousado, que deixasse no vazio e na inercia de tudo uma repercussão cantante e dolorosa como a Vida!

Então, ó arte compassiva e maravilhosa, tu me explicaste o sentido da Vida: a Dor, o Desalento e a Desesperança em tumultuoso atropêlo para Jesus, aquelle teu filho que ensinou a sabedoria do Coração...—o Odio, a Luxuria e a Inveja em carreira desapoderada para Socrates, aquelle teu outro filho que ensinára a sabedoria da Justiça...

O sentido da Vida: a onda immensa de dores e impiedades subindo, como um mar de trevas, as montanhas successivas, em cujos cumes, successivamente, o canto de seus filhos renova a esperança da Vida !

E eu pude seguir, ó Arte, pelo deserto povoado de gritos e de sombras, carregando; muito alto, sobre elle, o meu coração varado pela tua graça, para que o meu coração se esparzisse sobre a Vida num chuva de lagrimas e de bençams !

E si tu não me explicasses o sentido da Vida ?...

Arte. A Vida, sem a ternura, a Vida, sem o sonho, a Vida, sem a dor, seria como as charnécas desoladas onde os lobos uivam longamente...

Tu reuniste os teus filhos no teu grande Lar maravilhoso e casto, ao rédor da tua Lareira de heroismo e bondade.

Tu és a Mãe de meiguice immensa: tu contas historias tão profundas aos teus filhos pensativos !

O vento uiva. O mar estronda. As arvores se estórcem como fantasmas shakespereanos. O céu ri sarcasticamente o riso tenebroso das faiscas. A Vida referve em sombra, desdobra-se nos sete circulos concentricos do seu desespero. A Vida se multiplica num turbilhão de braços descarnados e silenciosos, que tacteiam e apalparam a Mentira piedosa que adejou no Alto...

Então, ó cavalariana gentil, nua e resplandecente como a Verdade, do alto do teu corcél de bruma e neve, trespasas o Universo com a tua lança chamejante !

Uma paixão extemporanea

ALBERTO DEODATO

Aquelle baile, por falta de assumpto, constituiu, por muitos mezes, o prato do lugar, bicado em todas as portas e todas as casas em que morasse mais de uma pessôa. Diziam então que, na casa de d. Nica, na manhã seguinte, commentou-se á porta a reunião politico-social da casa do juiz. Pela manhã, cedinho, embarafustaram-se, pela casa das Segismundo, os convivas da vespera. Ninguem, naquelle amplo dormitório de telha van, pregara os olhos. Sobre tres largos catres de casal encolhiam-se aos pares Visuca e Lalá, Chininha e Fulô, Fifi e Nanoca. Falaram sobre o baile no resto da madrugada e áquellas horas em que chegavam as visitas, estavam todas de olhos abertos, em camisa, cabellos desnastrados, olhos de tresnoite, o quarto no desalinho costumeiro; sobre as janellas escancaradas, escovas de dente e graxas de sapato, os vestidos amarrotados pelos pregos e cadeiras, meias e sapatos pelo chão e, em cima do vestido preto de seda de Visuca, ronronava, vadio e molle, o gato da casa... Na parede, pendurado dos pregos registros de Santo Antonio e S. José e dos tornos das camas pendiam rosarios negros e grossos. Só Visuca levantara e, desde seis horas que estava catrapiscando, da janella da rua... Quando voltaram do baile, altas horas, foi necessaria a intervenção de d. Nica para não haver briga no quarto... Lalá discutira com Nanoca por causa do Rosa, que, na opinião de Nanoca, ficara completamente bebado e Fulô chamou Visuca de marafona que se andava arreganhando para o promotor... Quasi havia sopapo.

—O promotor!, exclamaram, admiradas, as visitantes' sentadas pelas camas e canapés...

—O promotor!, affirmou Lalá, sentando-se na cama e pregando um grampo nos cabellos...

—Não faça isso, Chininha!, gritou Fulô de sob os lençõs. Parece uma egua dando pontapés!...

—Commentaram á farta o baile que a todas agradou, embora, Lalá viesse de lá aperreada porque não gostava que o Rosa marcasse quadrilha...

—Fulô, muito santa, foi reparada no par constante com o Maneco da pharmacia.

—Eu?! exclamou, fingindo admiração a Fulô, abotoando a camisa por onde se pendurava um peito comprido e murcho... Fallam de mim, e a Violeta do seu Florindo?!

—Violeta era uma sem-vergonha, aparteou Lalá. Teve o desplante de dançar agarradinha com seu Serapião do Sumidouro, um homem casado, com quatro filhos e cabello branco!

Apartearam que tanto era sem-vergonha elle como ella, porque si um tinha o lar, a outra tinha a virgindade e o nome p'ra zelar,.. Depois de Violeta, veiu o cardapio completo dos que foram ao baile; a gordura de d. Santinha estava parecendo cousa e não passou despercebido que ella dançava muito agarradinha com o Tónico Sapateiro...

—Que homem immoral!, exclamou a Vicentina, filha do escrivão do segundo. Não danço mais com elle, agarra muito a gente!

—E d. Santinha é filha de Maria!, observou outra.

—Que peccado!

—E viram a santidade da Bitu, do seu Inuocencio? lembrou-se outra.

—Santinha, aqui, esganiçou Nanoca, pulando em fraldas da cama e puxando a palpebra com o indicador do pau ôco... Ella é mas é uma cadela! Tinha confessado hontem mesmo e, de tarde, estava sozinha no quarto com o Prudencio...

—Sozinha?!, emendaram as filhas do Segismundo.

—Virgem! exclamaram todas.

A Bitu era, na opinião dellas, a vergonha do Partido. E não pensassem que ella era muito caranguejo. Ha tres dias viram-na entrar na casa de Bertholini... Anda levando e trazendo. Tudo que se passava nos caranguejos elles lá sabiam. E era a Bitu, apostavam, que levava... Naquelle dia mesmo já ouviram commentarios na outra praça sobre o baile... A empregada do Bertholino dissera no Rio, onde lavavam, que foi uma cachorrada...

—Cachorrada? o que foi cachorrada?, pergunta a Vicentina.

—De certo o baile de hontem!

—Cachorrada são os bailes que elles dão na casa delles e em que não vae ninguem...

—Tamem andam dizendo que a gente não tem oratorio para guardar o promotor...

—Isso até mette odio. Dá vontade de matar todos os pestes dos pata-chocas!, exclama, irada, Vicentina...

Cantarolando e arrastando as chinellas de peito bordado na ponta, a Visuca entra no quarto:

—Elle ainda não acordou, disse descuidada...

—Elle, quem?, indagam avidas.

Visuca corou e sorriu.

—O promotor! declara Fulô, que estava zangada com a irmã.

—Mentira!, exclamou fracamente Visuca.

Nair, intelligente e ironica, accrescentou:

—Pensa que eu não vi?

—Mentira... aparteava Visuca, a meio sorriso, torcendo o torno da cama...

—Dançaram par constante... juntinhos... fallaram baixinho...

—Mas que mentira!

—... e no fim você bebeu o resto do calice em que elle tomara vinho do Porto...

—Quem lhe disse?, perguntava Visuca, sorrindo, amollecida, virando os olhos... Mas que mentira, gente!...

—Quem ver ella dizer... mas que mentira, gente! pensa que é verdade mesmo, bradou indignada Fulô. E' mentira mesmo que o promotor não te ligal

Visuca corou e, quando enraivecida, perdia o pó de arroz da educação. De punhos cerrados, marchou para a irmã.

—Si elle não me namorou, muito menos a ti, sem-vergonha, que elle tem olhos para ver...

—Tens ovos de Perú, aparteou calmamente Fulô...

—A tua bocca desdentada...

E dahi passaram aos nomes feios, grandes, horriveis. A's tantas, Visuca, de dentes cerrados, agarrou-se ao pescoço da irmã, em fraldas... A' porta do quarto, appareceu a rachitica figura do Napoleão Bonaparte. Ao ver as duas agarradas, alheias á intervenção das visitantes, gritou muito fino, tapando os olhos:

—Ail! Acuda, seu Segismundo!

E, em breve, enrolando um cigarro de palha, muito calmo, o Segismundo, ao ver o quadro, coçou a cabeça e exclamou:

—Vocês não me respeitam?!

—E' esta peste, gritou a Visuca!

—Essa sem-vergonha, aparteou Fulô.

—Virgem Mãe de Deus!, exclamou o velho. Nica, acode as meninas...

D. Nica desgrudou as filhas que, em lados oppostos, cahiram em pranto escandaloso sobre a cama...

O sol, no quintal, amornava já as bolas de ouro das laranjeiras carregadas...

Do romance—*“Flôr do cardo”*



Cabral e seus precursores

S. TOME'

OROSIMBO NONATO

Hoje em este dia, vinte e nove de Dezembro, dia de S. Tomé, caiu-me aos olhos, por acerto, uma pagina de Constancio Alves sôbre as tribulações desse glorioso discipulo de Jesus; o qual discipulo, segundo o illustre academico, não merece o oblivio em que o relegaram os crentes, á conta, quiçá, do momentaneo scepticismo com que duvidou da ressurreição de Cristo, sendo, por isso, confundido com a presença real do Divino Mestre e com aquellas palavras de belleza eterna, porque divina:—

«Tu creste, Tomé, porque viste; bem-aventurados os que não viram e creram.

Anda o nome veneravel de S. Tomé liado á nossa historia por uma lenda que, talvez, ainda persistiria, se a voz de Roma não viesse fulminar as atoardas em que ela se fundava.

Antes de Cabral, antes, muito antes, veiu ao Brasil um homem vestido, alto e corpulento, de barbas longas e cans.

A esta personagem extraordinária chamaram os indios Sumé.

Era o proprio S. Tomé; o qual, repulso da cêga gentilidade houve de convolar á India, deixando, porém, em pedras sinais de suas pisadas.

Estariam os pés do Santo, de volta das riscosas peregrinações pelos Brasis, teridos e maltratados de cardos e de urzes, mas belos, daquella belleza que encantava a Isaias, o profeta:—*Quam pulchri super mentes pedes annunciantis praedicantis pacem!*

O caso era assim narrado pêlos cronistas de antanho:—

E' publica voz e fama, por tradição imemorial, que á Baía de Todos os Santos, entre a abominanda gentilidade, veiu um dia o bem-aventurado S. Tomé a derradicar praticas selvagens, a dar bataria a costumagens bárbaras, a ensinar, pela pregação e pelo exemplo de sua vida irreprochavel e puríssima de Cristo Jesus a doutrina verdadeira.

O Apostolo, porém, com que mirasse ao fim supremo de salvar as almas, não descurava dos corpos, de feição que ao mesmo passo que aos indios lhcs, a muito grande afã, incutia a Verdade, atentava para suas comodidades materiais.

Ensinou-lhes o cultivo da mandioca, raiz branca, tamanha como cenoura, de que faziam pães, e da banana de S. Tomé, mui saborosa.

Fingiram os selvagens, a principio, com palavras e mostras de ledice, acolher em boa sombra o Santo; mas «como al diziam com as linguas e al tinham nos corações,» desvelaram descridos, alfim, sua danada tenção de o matar e comer,

Instigados, talvez, de seus pagès e bajancos, cujas trafulhas o Apostolo infatuava, levaram-no os indios, entre barbatas e ameaços, até a uma praia alvadia, chamada do Embaré, de onde o Santo, mais

ferido da ingratidão que do temor, menos pavoroso que maguado, d uma passada de meia légua se pôs em salvo e foi á ilha de Mará eda á India; para, após tribulações longas de contar, santamente rematar a vida em Meliapor, do Reino de Narsinga; onde, com o coração em jubilos celestes, recebeu a palma suprema do martírio.

Como os gentios não usavam escriptura, nota Fr. Vicente do Salvador, não ha da estada do Santo mais prova do que se achar uma pé-gáda impressa «em uma pedra em aquella praia, que diziam ficara do Santo quando se passou á ilha, onde, em memória, fizeram os portuguezes no alto ùa ermida do título e invocação de S. Tomé.»

Sebastião da Rocha Pita, com o natural vigor de seu estylo colorido, dando noticias de algumas dũvidas sôbre o caso, forceja por demonstrar o injudicioso dessas duvidas, fundadas somente na dificuldade de trânsito, ainda incognito, do velho mundo para o novo.

A objecção não é cabal a destruir a fama e está naturalmente destruida, assevera, «com o transito que á America fizeram os seus primeiros habitantes».

Demais, observa com agudeza, Cristo Senhor Nosso mandou aos seus Apostolos prégassem o Evangelho a *todas as gentes, por todo o mundo*, e não consta que outro Apostolo viesse ás regiões americanas, tantos seculos habitadas antes da Redenção.

Sacerdotes da maior suposição, Pedro de Ribadaneira, o glorioso Provincial Manuel da Nóbrega, jesuitas ambos de dois, colheram directamente a tradição entre os indigenas e a julgaram benemerita de fé, por verisimil e constante.

De ser o Apostolo S. Tomé o que nas Americas prégon a doutrina evangelica, affirma muito a siso Rocha Pita, ha provas materiais, mostras irrecusaveis:—cruzes com letras e figuras que declaravam o proprio nome do Evangelista, como escreveram Brulio, Gregorio Garcia, Fernando Pizarro, o Bispo de Chiapa e o renomeado Justo Lipsio; e sinais, em pedras, do seu cajado e de seus pés.

Apesar de semelhantes argumentos, a dũvida, no seio da propria Igreja, entrou de trabalhar e desfez a tradição. «Não é licito reputar milagrosos fenomenos que cabem na força da natureza». A Santa Séde, suprema autoridade do Catholicismo, nunca foi fácil a admitir milagres a que não robarem provas onipotentes. E não eram desse calête as que acompanhavam a tradição da vinda do Apostolo ás Americas.

Omnis fallatia tempore clauditur.

A Santidade do Papa Urbano VIII, em 1632, pôs termo a qualquer disceptação e repeliu definitivamente a veracidade da fama que se dizia colhida entre os gentios.

O voto venerando do Papa Romão já era, naturalmente, conhecido de Fr. Gaspar da Madre de Deus, historiador da Capitania de S. Vicente; o qual escreveu em pleno século XVIII.

Nega o monge beneditino, vigorosamente, a veracidade da tradição.

Para ele os vestigios nas pedras—fundamento da lenda—são «tão naturais como as pé-gádas de galinhas, cães e outros animais que vemos estampados em ladrilhos».

«Se bem examinarem as célebres pé-gádas de S. Tomé, tão decantadas no Brasil e em outras partes da América, hão de conhecer que to-

das se veem gravadas em certas castas de pedras a que alguns filosofos chamam vegetativas.

A experiencia mostra, e os fisicos modernos ensinam que a dureza das rochas é adquirida, e não congenita com ellas. As pedras vegetativas a seu modo crescem com camadas de ùa materia branda, que pelo tempo adiante se torna rija. Depois da primeira camada estar petrificada, ajusta se sôbre ela outra da mesma natureza e brandura, a qual tambem se torna dura, depois de conclutinada com a primeira, e os incrementos successivos fazem que a pedra antiga tome maior corpulencia. e assim se vae aumentando».

• (Toda essa argumentação está acreditada com extenso texto latino de um gratissimo doutor).

Conclue, assim, victoriosamente o cronista mór da Ordem de S. Bento:—

«Se, pois, algum índio pizasse o rochedo quando a sua superficie estava mole, havia de succeder o mesmo que acontece quando as gallinhas passam por cima dos tijólos frescos, porque ficaria impresso o pé do índio, e depois de dura a massa. onde tivesse pizado, ficaria a sua pégada no rochedo, e tão firme como o da gallinha no tijolo cozido».

Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatão, escritor do Nove Orbe, não se contenta só com a vinda de S. Tomé ao Brasil e dá-lhe companheiro na perigosa evangelização: — um menino de cinco ânos, talvez o seu Anjo da Guarda.

Fr. Gaspar confuta-lhe vigorosamente os argumentos e, aproveitando a menção, combate o ensino cronista dos frades menores de que os filhos do Serafico S. Francisco foram os primeiros que, depois de S. Tomé, trabalharam entre os gentios brasilienses na vinha do Senhor

Quanto ao outro argumento, de que algum Apostolo devêra ter vindo ensinar a verdadeira Religião ao gentios, pois o Senhor mandou pregassem o Evangelho a *todas as gentes*, foi respondido que a missão cometida aos Apostolos não se limitava á vida destes Apostolos, entendendo-se que a ordem se dirigia. não a eles só, senão tambem a seus successores:—comprehendido o que, o argumento desavulta de importancia e perde todo momento.

Restaria talvez meditar em como, depois da Redenção, por dilargados tempos, falecidos de qualquer ensino e pregação, permitiu a Providencia ficassem os gentios em ceguidade completa, envoltos nas trevas da ignorância da Verdade, com perda, talvez, de muitas almas, se a essa meditação, algo defesa, não dêsse cabal resposta o pensamento, humilde e cristão, do Conde de Barcelos, no Livro das Linhagens:—As coisas ordenadas de Deus, veem áquilo que a Ele praz e não assim como os homens pensam

.....

Em tudo isso pensei neste dia de hoje, vinte e nove de Dezembro, dia de S. Tomé

E mais que o esvaecimento da lenda foi resultado da applicação do metodo que o proprio Tomé, antes de ser grande santo, preconizava:—ver para crer.

Sinais iniludiveis de sua vinda á América nunca foram vistos. E os posteros repelliram, alfim, a tradição.

Descreram; porque não viram

29-Dezembro-1924

A MONTANHA AZUL

CARLOS GÓES

Das janellas de seu palacio mirifico costumava o joven Rei deter-se a contemplar, maravilhado, a linha de montanhas perfiladas no horizonte, por onde se estendia o territorio de outro reino vizinho e amigo.

Vistas de longe, esfumadas na bruma, as montanhas do paiz confinante vestiam-se de um leve tom azulino, de um tenue azul quasi ceruleo. E o joven Rei mortificava-se de despeito, ao lembrar-se de que as montanhas de seu paiz eram vulgarmente verdes, como o são todas as montanhas, e só as do paiz convizinho fugiam a essa vulgaridade, de que os seus olhos andavam entediados.

Afigurava-se-lhe uma injustiça dos deuses, sinão um agravo á sua religiosidade sempre manifesta, aquella disparidade de cor, que tanto realçava o aspecto de terras alheias fronteiras ás suas, e ás suas obumbrava-as na mesma tonalidade gasta e sediça.

Então o joven Rei, pretestando uma visita de cordialidade ao soberano, do paiz vizinho, deliberou verificar de perto o singular encantamento. Poz-se em marcha com sua vistosa comitiva. Emquanto ia a caminho, levava os olhos fitos no horizonte, póstos nas montanhas azues que se recortavam ao fundo, como se fossem os pannejamentos de uma apothese de magica.

A' proporção, porém, que se avizinhava o termo da jornada, começou de notar, com grande espanto, que a tonalidade maravilhosamente azul se ia a pouco e pouco transmudando para o verde vulgar das paysagens vulgares — e que essas montanhas eram eguaes a quaesquer outras, com as mesmas arvores espinhosas, as mesmas serpes venenosas, os mesmos insectos nocivos, os mesmos

(Contlnúa no fim da revista)

Momento brasileiro

II

MAGALHÃES DRUMMOND

(Especial para A REVISTA)

Em todos os dominios da actividade collectiva, revela-se esse esforço, resae essa tendencia, prepondera esse designio. Aqui, mais exuberante, mais vehemente, gritador, emphatico, estouvado, irreverente e francamente econoclasta; de onde em onde, mais calmo, mais ductil, mais maneiroso, mais condescente, mais paciente, menos apressurado e mais tolerante, mais disciplinado e mais organisador; aqui, ali, acolá,—por toda parte mais profundo do que o que sob essas formas se mostra, e mais organico, mais estructural, mais instinctivo, mais intrinseco, mais silencioso, mas tambem mais perseverante, mais inacessivel ás reacções adversas, mais obscuro, mas madreporico e teimoso, esse esforço brasileiro, assim proteiforme, esse anceio brasileiro, assim diffuso e profundo, essas aspirações, essas afflicções e essas esperanças brasileiras ahi estão, por toda parte, agindo, sem descanso e sem fadiga,—ahi estão circulando, de continuo, no sangue da vida brasileira, e ahi o estão hematosando, e se integrando nelle, lhe augmentando a dosagem de elementos nobres, e, assim, aperfeiçoando no organismo nacional as condições de vitalidade. E, dess'arte, em todos os dominios da actividade, dos mais instinctivos aos mais bem e mais constantemente controlados pela intelligencia e pela vontade.

No dominio idiomatico, já se operou uma perfeita differenciação entre o «portuguez» falado pelo brasileiro e o «portuguez» falado alhures, mercê, isso, da transfusão, no velho idioma, de elementos linguisticos absorvidos do indio, do negro e, principalmente, dos grandes *rushes* immigratorios europeus, e mercê tambem das influencias do meio cosmico. Os «modismos» brasileiros que o grammaticismo intransigente por tanto tempo condemnou e prescreveu da lingua ensinada nos compendios e lecionada nos collegios, esses «modismos» incorporam-se definitivamente na lingua a que enriquecem com uma maior opulencia vocabular, e a que enobrecem com um mais forte e mais precioso poder de expressão, e a que embellezam com modulos novos de uma nova e maior doçura. Já não se fala aqui a doce lingua portugueza,—fala-se a lingua brasileira ainda mais ductil, mais plastica, mais modulada, mais musical, muito mais expressiva, muito mais espiritual, muito mais humaua, muito mais linda. Já uão se pensa em «portuguez», pensa-se em «brasileiro»: a differenciação idiomatica não se fez só nos symbolos, nas formas de expressão do pensamento, mas se mostra já, principalmente, no maior poder de evocação dos nossos termos. Destes nós possuimos já não só o sentido verbal, senão tambem todo o conteúdo emocional e ideologico.

Na arte—em todas as suas manifestações—prepondera o «assumpto brasileiro» e vae já adeantada a formação de uma «technica bra-

sileira». E o *brasileirismo* que predomina nos assumptos já não é o «indianismo», aquelle *brasileirismo* posticho, inoportuno. «temporão», anachronico, porque apenas retrospectivo, porque creado exactamente no preciso momento em que o indio desaparecia do scenario da vida nacional—diluidos e absorvidos quasi totalmente na mestiçagem os remanescentes da guerra de exterminio. O «*brasileirismo*» em arte já não é aquelle de ficção e de oitava dos—versos de Gonçalves Dias e dos romances de Alencar e que só poderia viver enquanto durasse o resão, aliás bem duradoiro, da forte e formosa imagem auditiva creada pelo maravilhoso poder verbal desses dois grandes escriptores. Muito longe disso. O *brasileirismo* que ahi está hoje imperando em a vossa literatura é o *brasileirismo* organico, intrinseco, estructural de Euclides de Cunha, de Bilac, de Arinos e de Catullo: é o retrato,—á agua forte, do brasileiro em sua actual sedimentação ethnica; é a projecção da mentalidade do brasileiro, tal qual a deixou formada o caldeamento de raças, em transfuzões e permutas seculares. Este, o «*brasileirismo*» com raizes no nosso sub-solo ethnico e que ha de durar porque se entronca e se enseiva naquelles elementos mesmo a que, com razão, Euclides da Cunha chamou de «cerne da nacionalidade».

E porque não só nos plainos e nas montanhas do interior vive o brasileiro, senão tambem nas cidades litoraneas ou que do litoral se abeiram,—o «*brasileirismo* literario»,—embora sempre o mesmo no seu *subtractum* e nas suas aspirações, reveste tambem feições em que a vida brasileira se reflecte, em ra brasileira ainda, mas adoçada já dos aspectos rusticos e asperos em que nellas e espe!ham as hostilidades do nosso *hinterland*.

Com differenças apenas de technica, ahi estão representando essa feição menos inculca ou poderia dizer menos virginal, menos nativa, da nossa vida a obra de Lima Barreto, a de Ronald, a de Mario Sette, a de Olegario Mariano, a de Paulo Barreto (de Paulo Barreto, de “Mulheres e Espelho”) e a de Alberto Ramos, a de Mansueto Bernardi, a de Homero Prates e a da nova escola paulista. Ha em todas essas manifestações artisticas o mesmo afan de fixar e reflectir a nossa vida; ha nesses trabalhos todos a preocupação dominante, imperiosa, ineluctavel e, atravez todos os obices, vitoriosa, de fazer arte brasileira. Sente-se que esses artistas todos acham se em intimo consonio espiritual com a grande hora nacional em que vivem, sente-se que sua arte é, mcsmo antes de tudo, para elles, uma “forma de felicidade”, percebe-se que elles sentem-se, antes de tudo, órgão da «resonancia espiritual» da sua epocha e do seu povo; sente-se que na sua arte o que elles querem, antes de de tudo e acima de tudo, é gritar bem alto o seu orgulho e a sua alegria de estarem vivendo—no seu tempo—a vida da sua gente. Ha na arte dos Guilherme de Almeida, dos Mario de Andrade e do grupo juvenil d’«Estética», principalmente esse grito instinctivo, irreprimivel, de almas felizes por se sentirem em harmonia com os seus patriocios, do seu tempo. Ha quem combata a chamada «escola paulista» e a toda a nova corrente, e ha mesmo quem lhe vaticine vida ephemera. Eu, ao contrario, c eio que ella vae durar, e penso que della passarão apenas os exaggeros de technica. Della caducará somente o que haja de artificioso. Mas, na sua essencia e nas suas intenções fun-

damenteas ella ficará, porque, emquanto a isso, se enradica nalgo de muito estavel e que é a constituição intima da *psyché* nacional e porque procura servir algo de muito real ou seja ás aspirações e ancelos do Brasil actual. Ella ficará, porque ao artificialismo prefere a arte, á pura verbiagem prefere a forma como expressão e só emquanto expressão do pensamento. Ella ficará, principalmente, porque, ao envez de pretender reflectir estados d'alma alheios, ao envez de pretender dizer das aspirações e dos desesperos, dos desfallecimentos e dos ancelos, das inclinações e dos odios que torturam a alma de outros povos;—quer apenas dizer das afflicções e das esperanças da nossa gente. Ella ficará, porque a viver morrenuo com viver a fingir que se dóe de alheias dores e a fingir que se enthusiasma com idéas alheias, prefere viver a torturante delicia dos temores, dos perigos, dos desalentos, das esperanças e dos enthusiasmos dos patricios do artista e companheiros seus da mesma hora de viver... Poder-se-ia dizer que a característica da arte brasileira deste momento está em que nella o artista não é mais um evocador de scenas ou preteritas ou vividas por outrem, não é apenas um espectador, nem se figura tampouco um mero actor, porque se sente bem um personagem mesmo do drama aspero e intenso, do drama violento e real da vida, do qual as obras d'arte, afinal, não vão sendo senão projecções,

E não só no verso e no romance, assim é.

Na pintura, na musica, no theatro ao arremedo da sensibilidade esthetica que só percebia belleza em assumptos estranhos, substituiu-se uma sensibilidade brasileira que se aperfeiçoa, se differencia e se apura dia a dia, e que, dia a dia, mais se affaz á contemplação e á percepção da belleza ambiente.

Ahi estão,— para confirmar o assérto,— na pintura: a obra de Baptista da Costa, a de Guttman Bicho, a de Ferrigno, esta embora ainda um tanto accentuadamente regional, a dos Irmãos Thimotheo, a de Chambeland, a de Helios, a de Leopoldo Gottuzzo, a de Parreiras (não me refiro ao Parreiras do escanhoadissimo e theatral Fernão Dias e da scena maravilhosamente anachronica da supplicio de Felipe dos Santos,—refiro-me ao grande, ao victorioso Parreiras das «Sertanejas» e da «Flor Brasileira...», a de Anibal Mattos, vencendo serenamente a indifferença do meio e culminando e esplendendo nesse magnifico clarão de arte que é a sua «Matta Illuminada»; e a obra admiravel de singeleza e de verdade desse sincero e perfeito artista que é o nosso grande e tão esquecido Fernandino Junior...

Na caricatura, a obra de Raul —um prodigio de talento, de agilidade e de espirito, a obra de J. Carlos, impeccavel, perfeita, ambas nitidamente brasileiras, já se distanciam e differem da caricatura pesadona e «casca-grossa» de uns tantos «mestres» consagrados alhures,—tanto quanto a graça esvoaçante se distancia e differe da chalaça balôrd...

Na musica, a obra original de Glauco Vellasquez, a de Nepomuceno tão emotiva, tão fundamentalmente nossa no seu sentimentalismo, e a obra magnifica do genial Villa Lobos,—inconfundivelmente nacional nos seus motivos e na sua maneira,—formam bem a magestosa proto-phonía annunciadora de mais uma forma de libertação espiritual brasileira.

No theatro, os trabalhos de Renato Vianna, de Carlos Góes, de Oduvaldo, de Abbadie, de Alberto Deodato, de Pujol e de tantos e tantos outros ahí estão projectando para a luz da ribalta, em excellentes affirmações victoriosas, esse mesmo espirito brasileiro de agora para o qual o assumpto em fóco é o assumpto brasileiro, a vida brasileira, tal qual a estamos vivendo, uniforme nos seus objectivos e ao rythmo do mais intimo e mais essencial do seu metabolismo, embora, com as differenças externas em que nella se reflectem os matizes propriamente locais. O palco brasileiro já não é mais o lugar em que se diffama a boa gente do interior, ridicularisada, enxovalhada e calumniada por uns idiotas que, envergonhados de sua parentella, fingiam (mas só para si mesmos o fingiam) affinidades com outras gentes, principalmente com a França. Compare-se a «Capital Federal» com o «Mano de Minas»...

Hoje sem duvida rimo-nos ainda no theatro a proposito dos nossos cacoêtes e defeitos. Rimo-nos, porem, sentindo que esses defeitos e cacoêtes são nossos e não alheios, como se afigurava aos «moços de talento» que no Rio de Janeiro divertiam o estrangeiro, ridicularisando e calumniando a patricios cuja belleza moral estava tão longe e tão acima da embotada sensibilidade dos seus detractores.

Mas,—o que mais interessa ainda aos intuitos deste ensaio é assinalar que a obra theatral brasileira vive e vence, interpretada por actores perfectos, aqui nascidos, aqui educados e representando por uma maneira exclusivamente nossa. Confronte-se, com sinceridade, o trabalho de Italia Fausto ou o de Leopoldo Fróes com o dos melhores artistas que nos visitam, e diga-se se não ha ou não uma seiva nova e rica, dando viço e vida propria ás nossas creações de arte...

Entretanto essas manifestações todas do espirito brasileiro no dominio artistico mostram o phenomeno apenas na sua parte mais superficial, interessam, apenas, quanto muito á epiderme do organismo, formam, poder-se-ia dizer a «pasta aromal» do facto em estudo, meros effluvios, simples emanações que são de uma actividade bem mais profunda e bem mais generalisada.

O phenomeno de coordenação, de organização de elementos e de unidade de orientação e de eurythmia de actuação que tem a sua representação no que eu chamo o «momento brasileiro»—tal phenomeno, digo eu, tem manifestações vindas de muito mais profundas regiões da *psyché* brasileira.

E' o que ensaiarei mostrar, de seguida.



A' nossa vitalidade

Gregoriano CANÊDO

Um appello vibrante acaba de accordar a alma joven do paiz. Dirigido á mocidade por um elevado espirito de escól que é o representante brasileiro junto á Sociedade das Nações, veio ao encontro do palpitante entusiasmo da nova geração de moços. Aquelle aparelho internacional, fecundo de realisações vultuosas, procurando interessar-nos pelo ideal que o anima no saneamento da paz e do amor entre os povos, recorre ao sentimento nobre e acolhedor de idéias boas do Brasil moço. E não foi semeado o estímulo em chão rebelde, porque d'ahi é que ha de brotar a «ideia-força» constructiva da grande obra de concordia e alliança entre os homens. E' na geração turbilhonante de seiva e de vida, que reside o órgão gerador das maiores actividades humanas, firmado pela genetriz da intelligencia.

Tratando-se de aproveitar a cooperação sadia da juventude patriótica em pról de uma instituição universal de relevancia notavel, a do Brasil vê na palavra do embaixador illustre, um impertérrito dever de brasileiro a cumprir. Julga-se capacitada a corresponder á confiança que mereceu.

A porção de cerebros pusillanimes que grita quotidianamente a «decadencia da mocidade», representa de morbida que é, a infima parte morta da nossa vitalidade. Somos uma gente de fortes e capazes. Este postulado é o galardão de salvamento do Brasil. Contemol-o. A pertinaz e obsessora convicção desta verdade fal-a retinir a todos os ouvidos e as energias multiplas e dispersivas se hão de reunir em torno d'ella. Teremos assim o encorajamento bastante, intremulo e consciente de emprestar á Liga das Nações, o concurso da nossa mentalidade e o apoio moral do nosso prestigio. Estejamos certos que, a essa instituição que tão enorme somma de beneficios está prestando á humanidade, seremos uteis e pioneiros valerosos do seu progredimento. Resôe pela mocidade inteira o brado desse movimento de patriotismo e que o éco estimulante de fraternisação não se apague e não se fraqueie ás primeiras repercusões. Ao contrario timbre-se e avolume-se de embate a embate cada vez mais sonante e eloquente. Confunda-se n'uma vibração unisona das forças vivas da nação, em volta do programma traçado pelo grande ideal que de humanitario é christão, aspirador da concordia e do amor universaes.

E' á mocidade aproveitavel que se recorre, a esta hora, para garantia e segurança do futuro promissor reservado á Sociedade que synthetisa no mesmo pensamento de unidade, o pensamento de todas as gentes; que reúne na mesma alliança de harmonia, no labor commum da ordem e trabalho, sob o calor da mesma flamma de liberalidade, todas as aggremações humanas sobre a terra. Asseguraremos um logar de destaque e de brilhantismo á nossa excellente Patria no convivio das outras si, pela observaucia sã e despretençiosa ao manifesto do eminente diplomata patricio, lançado ao enthusiasmo e criterio do Brasil moço, convenceremos que o facto nacional, na opinião geral dos sociologos é a emanação do facto universal. Quanto mais os estreitarmos, maior consequentemente, se afigura a influencia do grande sobre o pequeno. Crescer o Brasil, portanto, no ambito das relações internacionaes é torral-o engrandecido como potencia de vitalidade poderosa.

Nesse «desideratum» manifestou-se, intelligentemente, á juventude brasileira que milita nas escolas e academias, o preclaro titular das Relações Exteriores do paiz, fazendo-se arauto do alvitre enviado á mocidade pela conspicua personalidade do digno interprete brasileiro junto ás nações. O appello chegado até Minas, teve o applauso vehemente da classe estudantina. O enthusiasmo vibrante da Minas nascida com a Republica despontou nos corações e rebôou pela Montanha da Liberdade inteira, quando a mentalidade scintillante e creadora do moço que timonêa os destinos mineiros, sentiu e identificou o grandioso momento que a Patria vive, elaborado por esse movimento de idéas. Ao esclarecer a vida publica do Estado ao Parlamento Mineiro, o que o fez fugindo do costumeiro refrão, com brilho e elevação de vistas, o chefe illustre do governo abriu um capitulo que é licção de civismo e ao mesmo tempo um brado carinhoso de alerta ás energias viciaes, afim de que volvam as nossas capacidades mentaes o contingente de suas reseruas á collaboração solicitada. O nosso ambiente pacifico onde a semente das iniciativas desse jaez sempre encontra fertilidade, não deixará perder-se nas quebradas do indifferentismo, o appello vibrante que lhe registra n'um alto documento publico o incansavel gestor das nossas actividades. Daremos dess'arte o testemunho de veracidade ás palavras do estadista conterraneo, que affirmam confiantes a fructificação no ambiente tranquillo de cordialidade acolhedora do povo mineiro, da arvore bem-dita da paz entre os homens.



Os livros e as idéas

Brasil

«EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES» — Ronald de Carvalho — 2ª edição — Anuario do Brasil — 1925

O classicismo para Ronald de Carvalho é um modo de ser. O poeta nasceu classico. Desviou-se para o simbolismo (o que, no seu tempo, era a melhor maneira de ser inteligente), mas logo voltou á sua lejitima paizagem espiritual. Um equivoco muito desculpavel em paiz de critica pobre e mal aparelhada transformou os «Epigramas» em livro revolucionario. Julgamento das apparencias, confuzão da fórma com o fundo. Pois eu vejo nesse delicioso «Epigramas» o livro de versos mais classico até hoje apparecido no Brazil. Que claridade que robustez que linha verdadeiramente tradicionais !! A poesia brasileira era ou frouxa ou dezalentada ou barulhenta ou neutra. Ronald de Carvalho criou a *medida*, qualidade muito da Grecia, como já descobriram uns cavalheiros sem que-fazer .. Logo espirito grego. Mas si Ronald é helenico, não é felizmente helenista nem helenizante. Por um lado esqueceu o Olimpo e toda a canbada mitologica. Nenhuma reminiscencia livresca turva a linpidez de seus versos. Por outro lado é bastante honesto para não propor á nossa admiração os temas sedijos que o minuciozo Commellin fornece a *bon marché*. Seu conselho é bem diferente:

«Cria o teu rythmo a cada momento».

.....

«Não esgotes jamais a fonte de tua poesia,
 enche a bilha de barro ou o cantaro de granito
 com o sangue de tua carne e as vozes do teu espirito !
 Cria o teu rythmo e criarás o mundo !

O grande milagre dos «Epigramas» é conciliar a *maneira* grega (maneira de pensar e dizer, inpropriamente chamada assim) com a sensibilidade brasileira, que é riquissima em Ronald. Por muito tempo «Os sertóis» de Euclides da Cunha foi tidô como a

verdadeira expressão, em proza, do nosso genio literario. Faltava a essa expressão uma correspondente em poezia. Verificou-se agora que o livro de Euclides é de fato um grande livro brasileiro, mas que a psiquê nacional tem muitas outras facetas, a que correspondem muitos outros modelos de esteriorização... Sob esse novo ponto de vista, os «Epigramas são tão brasileiros quanto «Os sertões». A nossa paizagem ai está fixada em algumas de suas nuanças mais sutis e mais características,—não em todas, o que facilmente se esplica: A sensibilidade do poeta é demaziado polida para aceitar alguns excessos alarmantes do nosso *habitat*.

Alguns versos colhidos ao acaso:

«O sol queima as couves dos quintaes desertos.»
 «O ar das chacaras cheira a capim melado,
 eervas pisadas, a baunilha, a mato quente e abafado.»

«A terra é morna como o corpo de um passaro,
 como o corpo de um passaro sob a plumagem lustrosa.»

são notações precisas e penetrantes que nos dão bem a medida de como Ronald de Carvalho transportou para os seus poemas o ambiente brasileiro.

Técnica? Mesmo a técnica dos «Epigramas» não é mais considerada revolucionaria. A este passo da nossa evolução poetica desapareceu todo cuidado puramente formal. Escreve-se como se pôde. Não vale a pena atacar certos principios de escola aclimados no Brazil, porque esses principios perderam toda a significação. O que nos interessa é qualquer coisa de mais profundo e mais grave: é a fuzão da terra com a arte, purificando a primeira e universalizando a segunda. — C.

SEARA DE EMOÇÃO—Wellington Brandão—Anuario do Brasil—1925.

O sr. Wellington Brandão é um poeta de extrema delicadeza, que acha na vida um sabor agri-doce, e vae colorindo como pôde a imagem nem sempre suggestiva da realidade. Não é de largo vôo, não. Mas é de vôo quasi sempre seguro, e faz versos macios, velludosos, acariciantes. Ha uma doçura muito particular em «A cantilena que me adormecia», «O doce remorso», «Recordação». Essa doçura dá o tom geral do livro. Essa doçura nos faz suppor que, para o sr. Wellington, a poesia é um fluxo do coração, como para outros o é do cerebro, e como, para muitos outros ainda, é uma simples erupção cutanea.

Ha no livro um grande amor á natureza, a quem o autor chama de «santa», com o exaggero proprio dos amorosos. Felizmente, elle não estima somente os seus elementos decorativos, mas tambem as suas forças e energias potenciaes. Compõe um hymno «em louvor do que semeia»,

e, mais adiante, offerece um soneto «aos paes dos pequeninos lavradores». Sempre a lembrança—ia dizer: a obsessão—da terra generosa, que, acolhendo a semente, logo a devolve multiplicada em fructos.

Haveria uma palavra a dizer sobre a technica do sr. Wellington Brandão, que ainda não se aproveitou das acquisições da campanha modernista, mas que, louvado Deus, não é a indefensavel technica parnasiana. O autor pratica satisfactoriamente o verso polysyllabo. impropriamente chamado de «verso livre» (leia-se, a respeito desse engano tão comum, o opusculo de E'duard Dujardin: «Les premiers poètes du vers libre»), Acho pouco. O «verso livre» já deu o que podia dar, manejado por Mario Pederneiras, Ronald de Carvalho e outros. Exgottou-se. Ah! Como eu gostaria de ver o sr. Wellington desenvolvendo o seu legitimo temperamento poetico num campo mais vasto e mais arejado! A poesia modernista, já o disse alguém, é a poesia do ar livre. Proponho este conceito á sua meditação.—D.

Portugal

SOB A GARRA DO SONHO— Ruy Gomes

O Sr. Ruy Gomes teve a gentileza de nos offerecer a collecção de seus máos contos. Não adopto nem receita nem formula mas esse genero de prosa tem um character que lhe é proprio. Exige certas faculdades que o jovem escriptor portuguez absolutamente não possui.

Antes de tudo uma agilidade de espirito para apanhar, precisar e corrigir certos aspectos da realidade. Ora, o sr. Ruy Gomes soffre uma absoluta falta de movimento e não tem o mais leve contacto com a vida. Isto é mau. Não se quer a minucia realista dos detalhes, a copia servil dos factos, a documentação, o rigorismo da technica descriptiva, a psychologia de receita. Não! Mas o sr. Ruy Gomes nem ao menos atravessou o Fialho de Almeida. Parou na Morgadinha do Val Flôr. Anda atrazadissimo. Preoccupa-se com o enredo. Quer prender por um fio a imaginação das donzellas de vinte annos.

Assim como um poeta parnasiano faz os seus versos, o auctor de «Sob a Garra do Sonho» procura encaixar as peças de seus contos para que tenham desfechos apraziveis.

E' um romanesco. E' um imaginoso da peor especie. Quando pensamos que a alma portugueza em face da renovação intellectual contemporanea ia perder a sua crosta de sentimentalismo, eis que ella se nos apresenta mais grossa e mais solida no sr. Ruy Gomes. Elle carrega consigo todos os detricos do velho romantismo das pallidas Elviras.

Como poderiamos apreciar as suas semsaborias fantasiosas? Não possui a mais ligeira intuição psychologica nem o mais leve poder de observação. Falta-lhe a apprehensão synthetica dos factos intimos e dos factos exteriores. E' incapaz de delinear com firmeza o perfil moral ou physico de uma physionomia. Não consegue fixar as linhas essenciaes de

uma scena». Não chega nunca a condensar em traços fortes uma descripção. Fica sempre a dourar como uma pilula a epiderme da vida. Falsifica todos os aspectos da realidade. Apanha os factos mais superficiaes para os moldar ao enredo. Suas figuras são inteiramente apagadas. Não teem côr nem vida. Alguns romancistas, outr'ora, tiveram exito em crear typos da media humana a fim de figurar o ambiente em que se moviam. Sem offerecerem a resistencia de uma personalidade, essas creações se apagavam sob a pressão das cousas circumstantes que se desenhavam nitidamente. Recuava-se o fundo humano para se apresentar o decoro exterior da vida. Em «Sob a Garra do Sonho» nem uma cousa nem outra. Nem personagens nem scenarios.

O estylo do sr. Ruy Gomes é o mais meloso possivel. O espirito ao lê-lo vai escorregando commodamente na doçura correntia de suas phrases bem feitas e banaes. E' incapaz de dar precisão linear ás expressões e tom unido ás palavras como a composição do conto exige. Ostenta uma opulencia de imagens gastas e desbotadas que farão phrenesi nos leitores dos romances de capa e espada. O primeiro conto é da mais chata banalidade. Eterna historia. Uma heroína bonita e elegante. Sonhos e phantasias. Adoradores. Mais tarde: desillusão. Vem o marido indesejado. Adulterios. Logo em seguida com pontualidade, o arrependimento. Afinal, reconciliação. Tudo isto em tintas leves, em imagens floridas, em phrases correctas com pronomes bem collocados. Ora bolas! Sr. Ruy Gomes, fazer contos não é dedilhar guitarra nem compor modinhas ás eleitas suburbanas.

No segundo conto o escriptor portuguez cae na melancolia como num poço. Afundou-se naquella tristeza que encrostou a alma de seus avoengos. E' ella que dá côr a todas as paysagens e a todos os estados d'alma. Artificialização barata da melancolia. Como é enluctado o ambiente do 2. conto! Vejam o titulo: «Romagem Dolorosa». Depois desse titulo abre-se um scenario de fazer chorar. Longe, num sino de igreja, batiam trindades.

«Luz melancolica do crepusculo». «Em duas alas como uma procição, os platanos». Mais longe: a sombra fatal dos choupos, os caramachões de lilazes. Tudo isso coroado de visões evocativas, saudades de puro quilate portuguez e pedaços do passado.

Nos outros contos a mesma intensa banalidade romanesca.—M. de A'

França

XX^e SIÈCLE—Benjamin Crémieux—Nouvelle Revue Française —Paris.

Não sei si ainda será tempo de falar dêste livro de Crémieux, mas tenho certeza que sempre é tempo de falar de Proust, Larbaud, Romaine e Giraudoux. Ora, é justamente sobre Proust que Crémieux escreve o maior e mais inportante capitulo de «XX^e siècle», dando-nos a primeira

vizão de conjunto dessa obra tão caluniada e louvada, e afinal tão incompreendida. Bom capítulo. Ecelente capítulo. O autor de «Sodome et Gomorrhe II» é analisado com lucidez e penetração, e ainda com boa dose de simpatia intelectual. Acho imprescindível esse coeficiente de simpatia no estudo duma obra literaria ou artistica, sem o que o estudo se arrisca a sair um chôcho relatorio ou um injusto libélo. Crémieux porém chega a simpatizar de mais, como no caso de Proust, cujo estilo é justamente a auzencia de estilo e que confunde perturba dezespera o leitor. Pois não é que o sr. Crémieux afirma não haver estilo mais dinâmico do que este? Eu tambem tenho uma opinião sobre Proust. Dois pontos: é o autor mais difficil do século 20. Não que ele seja obscuro, malarmêsco, isso não. Mas escreve mal. Os periodos não acabam nunca; arrastam-se por entre um cipal de conjunções prepozições pronomes pessoais o diabo. Vocês já leram «A' l'ombre des jeunes filles en fleurs»? Um sacrificio. O resultado paga o sacrificio. Mas este em si é duro de mais. Homem de pouco tempo, acostumado á velocidade, estou bem lendo o «Grand écart» de Cocteau, onde o personagem principal, Jaques Forestier, «chora depressa». Pois o tempo que gasto em ler todo o «Grand écart» não chega para um capítulo de Proust, que requer disposição especial do espirito, atenção sempre vijilante, etc. Fazer paralelo é tollice, mas eu me atrevo a dizer que Cocteau se oferece ao leitor, enquanto Proust se subtrai. Lê-se o primeiro (sentimento de posse e de abandono, gôzo espiritual, penetração mútua); o segundo é lido (necessidade de esforço, luta mesmo, para obter a vitória, que não dá aquela dupla sensação nem a de fuzão das duas personalidades). Martins de Almeida notou que os livros de Marcelo Proust tanto podem ser lidos de traz para diante como de diante para traz (o 2.º volume antes do 1.º). O que está de perfeito acôrdo com a opinião comum de que Proust «compose mal, autrement dit il ne compose pas...» Alias em seus livros o que nos interessa não é a anedota, é a psicologia, levada ao infinito, dos personagens, a desconpozição e reconpozição pasmoza dos caractéres, o *dom de vida* intimo secreto e multiplo, que o leitor só chega a descobrir depois de vencer a idiozincrazia do estilo. A esse respeito a critica de Crémieux é admiravel: mostra-nos as raizes profundas e dolorozas de que se nutriu esta obra que além de ter valor inestimavel como estudo psicológico é «o quadro de costumes mais completo realizado em França depois da *Comedia Humana*».

Proust foi um doente um ipersensível. Crémieux acentúa nele o desenvolvimento anormal da memoria e imaginação dando como produto sensibilidade ipertrofiada. Estes os meios naturais de que dispoz para «renovar segundo sua estética a vizão do mundo e do homem». E' numa palavra o romancista do subconciente. Sua obra nos fornece dados importantissimos para o estudo das relações entre conciente e inconciente.

Valery Larbaud é outro grande escritor estudado por Crémieux. Com excessivo entusiasmo. Convém sorrir da profecia (para daqui a 100 anos) dum Larbaud-clube á maneira do Sthendal-clube e doutras sociedades igualmente divertidas. Isso de clubes é meio cacéte, não acham?

Estupenda a sóva em Pedro Benoit «o homem de menos imaginação entre todos os francezes vivos». Sim senhores, gostei de fato.—C.

L'EUROPE GALANTE—Paul Morand—Bernard Grasset - 1925

Afinal, é bem verdade que o esforço consciente se faz inconsciente e que as idéas se fazem sentimentos. A nacionalização do nosso pensamento em pouco traz a sua correspondência á sensação. A gente já vai perdendo a admiração que se desperdiçava com muito coizó internacional. Mesmo entre os espiritos modernos. Ahi estão os representantes do novo cosmopolitismo. Ha entre elles um aliás, muito interessante: Valery Larbaud. Mas este intelligentissimo camarada escreve, por exemplo, coisas para La Nacion collocando-se no ponto de vista do leitor de cultura franco-hespanhola e procura, ao mesmo tempo agradar ao elemento italiano do culto publico de Buenos Ayres.

Ora, isso irrita ao nosso sentimento brasileiro que começa a se reduzir a uma unidade perfeita. Paulo Morand nos dá em «A Galante Europa» uma manifestação completa do espirito cosmopolita que o anima. Restaura muitos aspectos do velho bricabraque romantico. Submette o seu temperamento á pressão dos ambientes mais diversos. Mostra, muitas vezes, um gosto vivo e original do meio exotico. Outras vezes dá a impressão de distancia ou, antes, de recuo em face desse meio. Em seus contos transparece a curiosidade racionada de um espirito dilettante. Descreve os aspectos superindustrializados de Essen, recorta com nitidez uma paisagem russa, delinea o perfil moral e o traço politico de um portuguez, desenha a figura calma e saudavel de uma hollandeza.

E' interessante observar-se que os traços bem definidos de seus typos não tem fixidez nem estabilidade. Parece que se movem a todo o momento, dando diversas faces a uma mesma personagem. O mesmo acontece com suas descrições, cujas linhas bem accentuadas modificam-se a cada instante, imprimindo diversos aspectos a um mesmo logar. Em certo momento o proprio auctor põe em relevo a observação que fiz: um individuo em dada occasião «se choisit ce masque enigmatique, mort qu'il doit à L'Extreme Orient.» Os contos da «Galante Europa» são simplesmente interessantes. O exotismo de Paulo Morand não passa uma forma de dilettantismo literario e de espirito decadente. E' um romantico ainda. Preocupa-se com o excepcional em prejuizo do humano. Intromette-se dentro de seus typos para levar-os a actos extranhos. Falta de psychologia. Creio que nessas aventuras sentimentaes pelos paizes estrangeiros, Paulo Morand conservou o seu fundo francez. Mas o desperdiçou. Chegaria em pouco a exgottal-o. A tendencia cosmopolita é profundamente dissolvente. Apoia-se em um grande erro. Não dou fé a uma verdade extra-patria. Os valores internacionaes merecem pouco credito. O escriptor só adquire a plena força creadora em contacto com a atmosfera natal. Só é comprehensivel o cosmopolitismo como meio de educação, como força disciplinar. Isto para um povo de energia primitiva e fundo ethnico como o russo.

Mas a França é uma civilização fatigada. Paulo Morand soffre o exgottamento da sensibilidade gauleza. Busca a surpresa de intensas sensações. Inventta novos sobresaltos para os nervos gastos. Quer excita-

ções em meios menos requintados do que o seu. Vejam o seu gosto absorvente pela Russia. E' um decadente. E' um cançado. Não traz consigo um excesso de força creadora capaz de resistir, intacta, ás mais variadas pressões ambientes. Reactivos muito fortes costumam dissolver a base. Em nenhum momento Paulo Morand enriquece o seu mundo interior. A continua mudança do decôro da realidade impede a assimilação profunda dos factos exteriores. Devemos abolir o mais depressa possivel a importação de livros como «A Galante Europa» em que se observam a troca facil de costumes, o desperdicio de energia creadora, as vagabundagens de um espirito dilettante. — M. de A.

A MONTANHA AZUL

(Continuação da pag. 42)

miasmas deleterios a subir das aguas putrefactas, o mesmo lodo a alcatifar o chão cavado de fendas insidiosas.

Grata sensação de allivio desopprimiu-lhe o peito. Um sorriso, de que havia tanto tempo andavam viuvos os seus labios, crispou-lhe a bocca; os olhos lampejavam-lhe effluvios de alegria.

—Altos deuses! Quanto fui injusto em julgar mal de vossos propositos! Miragem, pura miragem o que eu suppunha fosse uma iniquidade do destino.

Ocorreu-lhe então contemplar a planura distante de sua terra; a que dava costas, e de que já começava a nutrir saudades. Volta os olhos na direcção da patria querida, e quasi ficou estarrecido de pasmo:

Ao longe, recortadas no horizonte, esfumadas nas meias tintas do crepusculo proximo, as montanhas verdes de sua terra eram agora nitidamente azues, taes como as do paiz vizinho e fronteiro, que tanto tempo o haviam trazido illudido e deslumbrado!...



MARGINALIA

Alphonsus de Guimaraens

Alphonsus morreu ha alguns annos, num dia 15 de julho. O tempo decorrido entre a sua morte e este 15 de julho passado nada fez, ou quasi nada, em beneficio da sua memoria. Já é tempo de cuidar a nossa critica literaria de render ao poeta admiravel do «Septenario das Dores de Nossa Senhora» a sua homenagem verdadeira, fazendo uma revisão criteriosa da sua obra. Esta vae ficando de lado, uma parte espalhada em edições raras e mais ou menos humildes, outra parte, inteiramente esquecida dos editores. Poucos conhecem as obras completas de Alphonsus; pouquissimos são os estudos que nós possuímos sobre essa obra. De um lado, a falta de fontes onde se pudesse procurar o fio desses estudos; de outro, o criminoso desleixo da critica dos nossos dias. Entretanto está ahi materia bastante para um ensaio recommendavel sobre alguns dos aspectos mais profundos e sempre novos da nossa psychologia: o lyrismo de Alphonsus, o seu temperamento de benedictino amoroso, de mystico iluminado.

Vivendo para a sua poesia, elle realizou ainda o recolhimento fecun-

do e nobre de uma «turris-eburnea». Hoje seria um retardatario. Não comprehendemos aquelle seu alheamento da vida, aquella attitude de puro contemplativo, desinteressado das pequeninas cousas terrenas. A vida moderna está ahi, a exigir da nossa actividade intellectual o maximo de pragmatismo possivel. Não temos mais os puros artistas, os poetas, puramente poetas, como o era Alphonsus. Ha negociantes que são artistas, advogados e engenheiros que são poetas, pintores, etc. Em primeiro logar—a realidade, a vida quotidiana, a lucta; depois—Arte. Alphonsus, ao contrario, viveu sempre num desinteresse total por essa realidade quotidiana.

Mas não foi apenas um poeta, como muita gente; foi um grande, um raro poeta. Soube crear o seu rythmo e modelar a sua alma. O seu feitio intellectual não era um capricho da intelligencia. Nelle havia uma relação intima e verdadeira entre a *expressão* subjectiva e a realização verbal; entre a sua poesia e a propria essencia de sua personalidade. Creou, assim, o seu symbolismo. Só nelle poderia enquadrar o seu mysticismo de raizes impereciveis, e que foi uma das mais altas expressões do nosso espirito religioso. 2ª edição de Verlaine?

Apezar de todo o artificialismo do início e das influencias estranhas, Alphonsus ficou sendo Alphonsus. A essencia de sua obra permaneceu intacta. Foi esse o maior milagre de sua arte renovadora...

O centenario de Bernardo Guimarães

O centenario do nascimento de Bernardo Guimarães, situado em 15 de Agosto, põe novamente em fóco a figura, por tantos titulos original, desse romancista mineiro. Louvemos este oportunidade, que poderá servir a algum critico intelligente para rever a obra numerosa de Bernardo e firmar sobre ella o depoimento da geração actual. Impõe-se este depoimento. O autor da «Escrava Isaura» é hoje, por assim dizer, uma figura lendaria em nossas letras. Completamente esquecido pelos intellectuaes, só o leem os meninos de 15 a 18 annos, que não vão procurar nelle a significação intima de sua obra, mas apenas a trama das aventuras de seus romances. Isto para não falar em certa classe de admiradores (restricta, felizmente), que de Bernardo Guimarães só aprecia o que elle fez de máo, a poeira de seu espirito, duas ou tres poesias clandestinas e eroticas. Ha dedicações que valem por inimizadas... Assim tambem a dos que se agarram a todas as arestas, saliencias e reintrancias de sua personalidade, vindo em tudo a marca do genio, e que apenas logram despertar no publico consciente um sorriso de ironia e incredulidade.

Desprezada por uns, mal interpretada por outros, a producção literaria de Bernardo Guimarães está a requerer um exame, entre-severo e carinhoso (a severidade não ex-cieue o carinho) dos intellectuaes sobre que pensam as responsabilidades da nossa renovação mental. Ronald de Carvalho deu inicio ao inquerito. Sua «Pequena historia da literatura brasileira» contém uma pagina que esboça com felicidade o perfil do romancista ouro-pretano. Mas é curta e superficial, em virtude da natureza e das proporções do livro onde se insere. Desejariamos ver a analyse retomada e desenvolvida pelos dois ou tres criticos realmente cultos e de bom gosto, que o movimento modernista já revelou. Bernardo Guimarães é um caso e uma lição. Cumpre situar esse caso na evolução geral do romance brasileiro, esquadrial-o, penetrar-lhe a essencia, e classifical-o. A lição precisa ser estudada e depurada, pois quasi todas as lições são um pouco falsas e um pouco verdadeiras. Não se diga que um homem de talento desperdiçou a sua vida em Minas Geraes tentando compor uma synthese do nosso ambiente physico e moral, e que o recompensamos com a nossa indiferença. P... maiores que sejam os seus defeitos (defeitos que são, em ultima analyse, os de sua época), seria impossivel negar ou deprimir o character brasileiro de sua obra, que marca um ponto na evolução do romance nacional (1) e nos offerece

(1) Esta é a opinião de Ronald de Carvalho, na «Pequena historia» (pag. 275, 2.ª edição). Sylvio Romero vê ainda nos livros de Bernardo Guimarães uma fonte para o estudo das «transformações da lingua portugueza na America».

abundante documentação para o estudo dos costumes e sentimentos da população colonial de Minas, a par de uma visão, muitas vezes soberba, da nossa paizagem. Nunserá demais accentuar o exuberante nacionalismo do velho Bernardo, indice e ponto de partida de uma tendencia sadia e justa que, infelizmente, veio degenerar no obtuso regionalismo de alguns mediocres literatos contemporaneos. A historia do sertanismo pôde ser representada por uma linha qué, partindo de Bernardo, tem em Affonso Arinos o seu ponto culminante e, consequentemente, o inicio de sua decadencia... Bernardo foi o lyrico do sertão, Arinos foi o psychologo; os que se seguiram não passam de copistas ou mystificadores sem importancia. Mas a figura do velho narrador de Ouro Preto nos apparece como digna de nossa attenção, reclamando um estudo minucioso e seguro, que não poderá mais ser adiado.

O NOSSO APPARECIMENTO

Somos immensamente gratos a todos os nossos brilhantes e generosos confrades que, com palavras de franca sympathia e, mesmo, de entusiasmo, noticiaram o apparecimento do primeiro numero d'«A Revista». A escassez de espaço não nos permite transcrever, como era nosso desejo, as amaveis expressões de que se serviram os nossos collegas. Mas aqui ficam os nossos agradecimentos a todos, e, entre elles, ao «Minas Geraes», «Diario de Minas» e «O Horizonte», desta capital; a «A Patria», «O Paiz» e a «Gazeta

Expediente

«A REVISTA» publica-se mensalmente

Assignaturas para todo o Brasil:

Anno 12\$000
Semestre 6\$000
Numero..... 1\$000

Toda e qualquer correspondencia deverá ser dirigida á Redacção e Administração.

Avenida João Pinheiro, 565

BELLO HORIZONTE



Encarrega-se de gerir os negocios de «A Revista» o nosso redactor Gregoriano Canêdo

de Noticias», do Rio; a »Gazeta Commercial», de Juiz de Fôra; ao «Oeste-Jornal», de Dôres do Indayá; ao «Monte Carmello», de Monte Carmelo; á «Cidade de Patrocínio», de Patrocínio; á «Estrella do Sul», de Estrella do Sul; etc., etc.

Destacamos as calidas e honrosas palavras de Aripino Grieco, o puetrante critico literario da «Gazeta», que, em seu folhetin «A margem dos livros», foi inexcédível de gentileza para conosco.

Uma instituição formidável

Si houvesse de ser apontado um índice eloquente sobre o brilhante período de evolução atravessado pelo Brazil nos últimos trinta annos, de nenhum outro se poderia cogitar com mais justiça do que do «seguro de vida». E si houvesse de ser indicada, entre as instituições desse genero, a de mais adeantadas iniciativas, a grande pioneira graças a cujo influxo o benefico movimento tem irradiado por todo o Brazil, não poderia deixar de ser citado esse Instituto modelar de previdencia que é «A Equitativa dos Estados Unidos do Brazil»

Os algarismos dos seus balanços, as cifras dos seus beneficos, a escala em que elles têm augmentado de anno para anno, desnorteiam os calculos mais optimistas, frustram as mais ousadas previsões. São resultados que por um lado fazem honra ao espirito de previsão do brasileiro e dão o quilate das administrações que se têm succedido á frente da grande empresa; mas por outro lado tambem traduzem o trabalho desses milhares de homens, verdadeiros missionarios do bem, que, por todo este immenso paiz, vão, de porta em porta, como prodigiosos creadores de segurança e de bem estar, apontando o meio de escapar ás eventualidades adversas da sorte, afugentando a pobreza, incentivando a economia, despertando os individuos para a consciencia das suas responsabilidades para consigo e com os seus.

A Companhia de Seguros «A Equitativa dos Estados Unidos do Brazil» já consagrou mais de cinco lustros á realização de seu programma, com o resultado de se contarem por milhares, muitos milhares, os orphãos, as viúvas que nella encontraram o necessario amparo no dia da adversidade. Durante vinte e sete annos que tem de existencia, foi a Equitativa uma incansavel distribuidora de riqueza. A somma dos beneficos por ella feitos alcança nesse periodo a formidavel somma de rs. 51.650:654\$120, um algarismo que indica em realidade uma fortuna material, mas que representa tambem, por certo, dezenas de milhares de familias que encontraram n'«A Equitativa», um esteio seguro no dia em que a adversidade transpoz traiçoeiramente a soleira dos seus lares, e assim escaparam ás dependencias, ás subserviencias humilhantes que são a herança da pobreza.

No ultimo balanço de contas da grande empresa brasileira, não é, porem, aquella a unica cifra que move á surpresa e ao assombro: as demais correm parellas com ella, como é facil verificar pelas referencias que abaixo vamos dar:

**Só durante o anno passado distribuiu a Companhia aos seus segurados beneficos no valor de.....
4.573:310\$223, assim discriminados:**

A REVISTA

Sinistros pagos em dinheiro á vista: rs. 3.127:815\$823.

Emprestimos a juros modicos aos proprios segurados: rs. 304:915\$637.

A receita global da Companhia foi de rs.
14.611:272\$929. sendo:

Premios: rs. 13.133:590\$630

Renda do patrimonio social: rs. 1.477:682\$299.

Ao fim do anno findo, as reservas technicas da Companhia elevavam-se a rs. **28.072:483\$520.**

A Equitativa, para cobertura dessas reservas, possui um activo de rs. **35 573:675\$956.**

Em apolices da divida publica o activo da Companhia, segundo o balanço encerrado a 30 de junho de 1294, accusava a importancia de 14.407:357\$550; os bens de raiz eram representados pela somma de rs 8 234:946\$665; os emprestimos sob caução de apolices em vigor elevavam-se a 2.574:981\$546 e os sobre hypothecasa 244:657\$565; em depositos legaes e com banqueiros. na Europa, nesta Capital e nos Estados, possuia a Companhia naquel a data, rs. 5. 76:601\$622. A estas parcelas devem se accrescentar a garantia no Thesouro Federal, representada pela quantia de 200:000\$; os moveis e utensilios da séde e filiaes no valor de 154:409\$340; o dos juros e a uguerues a receber, attingindo a rs. 384:067\$000; e mais 1.649:067\$059, representando as agencias e filiaes; 995:738\$220, importancia de premios differidos; 729:000\$, valores hypothecados em garantia de emprestimos; 60:000\$, caução da directoria; 692:200\$, fianças de corretores, parcelas estas que, todas sommadas, levando-se ainda em conta o saldo de 70:039\$689 existente em caixa, elevavam o activo da Companhia ao total de 35.572:675\$956.

Os nossos leitores que desejarem mais amplas informações poderão pedil-as á Succursal de Minas, proficientemente dirigida por um moço de talento e de iniciativa, o sr. Oscar Netto, á praça 7 de Setembro, nesta capital.

Sorvetes, bebidas finaa, fructas exccllentes, etc.

O verão ahi vem. Não deixe você de ir visitar o

Trianon E A **California**

(Rua da Bahia)

(Av. Affonso Penna)

A REVISTA

SUMMARIO

POETICA!	Manuel Bandeira
SAMBINHA.	Mario de Andrade
PYJAMA.	Guilherme de Almeida
BROADWAY	Ronald de Carvalho
MALAZARTE	Martins de Almeida
"VIDA OCIOSA"	Emilio Moura
SOBRE A PSYCHO-ANALYSE	S. Freud
POEZIA E RELIJIÃO.	Carlos Drummond
OS CAPRICHOS DA SORTE	Godofredo Rangel
MOMENTO BRASILEIRO	Magalhães Drummond
ALEGRIA	Pedro Nava
FAZE DE TUA DOR UM POEMA.	Antonio Chrispim
CAVACO	Juscelino Barbosa
SABEDORIA	Abgar Renault
POBRES DOS POBRES QUE AMAM!	Mario Casasanta

OS LIVROS E AS IDÉAS — MARGINALIA

Casa Ultimo Modelo



DE

Hurtado & Dallariva

Especialidade em calçados finos sob medida

Tem sempre em deposito grande quantidade de calçados para senhoras e creanças.

A casa «Ultimo Modelo» encarrega-se com a mais cuidadosa execução, de remetter para fóra da capital, calçados sob
—::— medida —::—

Rua Caetés, 525

Bello Horizonte

A REVISTA

Andrade

ALFAIATE

Rua da Bahia, 992 — Phone, 1110 — Bello Horizonte

Casa Confiança

E' o armazem de moveis e tapeçarias onde se
abastece a elite da capital

Avenida Affonso Penna, 522 — Telephone. 670

BELO HORIZONTE

Sortimento completo
de calçados, chapéus de
sol e de cabeça, perfu-
marias, gravatas,
collarinhos, camisas, ce-
roulas, artigos para pre-
sentes, tendo sempre
grande stock de chapéus

“A Nacional” DE

Eleuterio Mendes Campos

Telephone, 693 — Avenida Af-
fonso Penna, 1.000

Bello Horizonte

ESTADO DE MINAS

**Loteria do Estado de
Minas Geraes**

500 contos

8 DE SETEMBRO

A unica no Brasil que distribue 80% em premios

Inteiro, 140\$—fracção, 7\$

Casa Giacomo

Alfaiataria D. Pedro II

Rua Rio de Janeiro, 620

Telephone 403

(Junto á «Companhia Dias Cardoso» e canto da Praça Sete de Setembro)

BELLO HORIZONTE

**Irmãos
Longo**

Casa especial de generos e
— molhados finos —

Rua do Esp. Santo, 511

Telephone. 339

Bello Horizonte

Gosta de bons pratos?

VÁ AO

Restaurant Bohemio

DE

Bernardo & Lucas

**Asseio, bons preços,
e presteza**

A cosinha desse estabelecimento é a primeira de Minas, no preparo de carne (o beef por excellencia...)

Rua Rio de Janeiro n. 371

A REVISTA

Bebam

As cervejas e o delicioso
guaraná da

**Companhia Cervejaria
Americana**

Unicos depositarios nesta praça:

Senna & Companhia

PHONE IIII

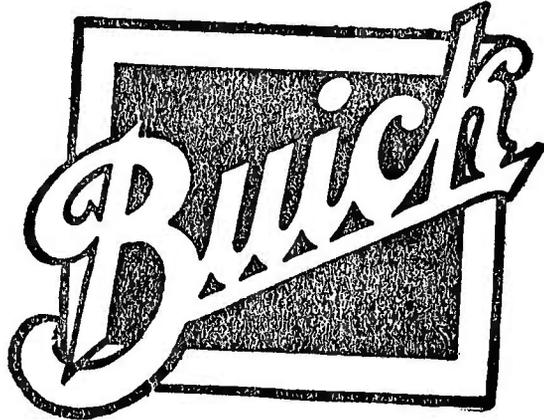
436-Avenida do Commercio-436

Bello Horizonte

A REVISTA

NOVOS MODELOS

PARA



1926

GRANDES MELHORAMENTOS
MAIS FORÇA
MAIS ELEGANCIA
UM PRIMOR !

UNICOS AGENTES AUTORIZADOS

RAMIRO G. SANTOS & CIA.

CASA THEMIS

227 - Rua S. PAULO - 335

Altaiafaria D. Pedro II

Não ha duvidas! Não se discute!

Não ha melhor talho, não ha gente melhor para cortar e fazer um terno do que os contra-mestres e os officiaes dessa importante casa!...

Verifiquem, depois verão!

Rua Rio de Janeiro, 620

PHONE, 403

(Junto á «Companhia Dias Cardoso» e canto da Praça Sete)

Bello Horizonte

A REVISTA

Loteria do Estado de Minas Geraes

100:000\$000

18 DE JANEIRO CORRENTE

CASA GIACOMO

Sorvetes, bebidas finas, fructas excellentes, etc.

Não deixe você de ir visitar o

Trianon E A **California**

(Rua da Bahia)

(Av. Affonso Penna)

ALFAIATARIA

→ DE ←

Alfredo Coscarelli

Com grande pratica em Roma e no Rio de Janeiro

Rua S. Paulo, 413

— *BELLO HORIZONTE*

Companhia Italo-Brasileira de

Seguros Geraes

Prefiram sempre
esta Companhia
PARA SEUS

*Seguros de Vida. Infortunios, Trans-
portes e Contra Fogo.*

Capital realizado: 5.000.000\$090

Agentes em todo o Brasil
e no estrangeiro.

SEDE

SÃO PAULO

Rua 15 de Novembro, 26

Benedicto Conceição

*Agente da Companhia
Brasileira de Seguros Geraes*

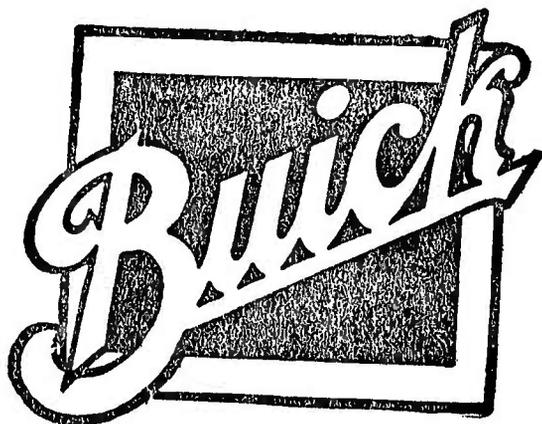
Rua da Babia, 906

Bello Horizonte

A REVISTA

NOVOS MODELOS

PARA



1926

GRANDES MELHORAMENTOS
MAIS FORÇA
MAIS ELEGANCIA
UM PRIMOR !

UNICOS AGENTES AUTORIZADOS

RAMIRO G. SANTOS & CIA.

GASA THEMIS

227 - Rua S. PAULO - 335

Altaiafaria D. Pedro II

Não ha duvidas! Não se discute!

Não ha melhor talho, não ha gente melhor para cortar e fazer um terno do que os contra-mestres e os officiaes dessa importante casa!...

Verifiquem, depois verão!

Rua Rio de Janeiro, 620

PHONE, 403

(Junto á «Companhia Dias Cardoso» e canto da Praça Sete)

Bello Horizonte

A REVISTA

Calçados finos para senhoras e crianças

PREÇOS SEM COMPETIDOR

CASA FORTINI

A. Fortini

Av. Aff. Penna, 536 -o- Bello Horizonte

Irmãos Longo

— Casa especial de generos e molhados finos. —

Rua do Esp. Santo, 511 -- Telephone, 339

Bello Horizonte

Casa da Onça

— DE —

Carlos Lupini

Especialidade em calçados sob medida:

Luiz XV, calçados de estylo.

Rua S. Paulo, 387 -- Bello Horizonte

A REVISTA

DIRECTORES:

MARTINS DE ALMEIDA
CARLOS DRUMMOND

REDACTORES:

EMILIO MOURA
GREGORIANO CANÊDO

SUMMARIO

POETICA	Manuel Bandeira
SAMBINHA.	Mario de Andrade
PYJAMA.	Guilherme de Almeida
BROADWAY	Ronald de Carvalho
MALAZARTE	Martins de Almeida
“VIDA OCIOSA”.. . . .	Emilio Moura
SOBRE A PSYCHO-ANALYSE	S. Freud
POEZIA E RELIJIÃO.	Carlos Drummond
OS CAPRICHOS DA SORTE	Godofredo Rangel
MOMENTO BRASILEIRO	Magalhães Drummond
ALEGRIA	Pedro Nava
FAZE DE TUA DOR UM POEMA.	Antonio Chrispin
CAVACO	Juscelino Barbosa
SABEDORIA	Abgar Renault
POBRES DOS POBRES QUE AMAM !	Mario Casasanta

OS LIVROS E AS IDÉAS — MARGINALIA

Todos os trabalhos que publicamos são ineditos e es-
peciaes para “A REVISTA”

Poetica

MANUEL BANDEIRA

*Estou farto do lirismo comedido.
Do lirismo bem-comportado.
Do lirismo funcionario publico, com livro de ponto, expediente,
protocolo e manifestações de apreço ao
sr. director.*

*Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no dicionario o
cunho vernáculo de um vocábulo.*

*Todas as palavras,—sobretudo os barbarismos universais.
Todas as construções,—sobretudo as syntaxes de excepção.
Todos os ritmos,—sobretudo os inumeraveis.*

*Estou farto do lirismo namorador.
Politico.
Raquitico.
Sifilitico.
De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si
mesmo.*

*De resto não é lirismo.
Será contabilidade, tabela de co-senos, secretario do amante
exemplar com cem modelos de cartas e as
diferentes maneiras de agradar às moças, etc.*

*Quero antes o lirismo dos loucos.
O lirismo dos bêbedos.
O lirismo difficil e pungente dos bêbedos!
O lirismo dos clowns de Shakespeare.*

Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

Sambinha

MARIO DE AMDRADE

Vêm duas costureirinhas pela rua das Palmeiras ..
Afobadas braços-dados depressinha
Bonitas, Senhor! que até dão vontade pros homens da rua.
As costureirinhas vão explorando perigos.
Vestido é de seda.
Roupa-branca é de morim.

Falando conversas fiadas
As duas costureirinhas passam por mim.
«Você vai?»

«Não vou não».

Parece que a rua parou pra escuta-las.
Nem os trilhos sapecas
Jogam mais bondes um pro outro.
E o Sol da tardinha de Abril
Espia entre as palpebras sapiroquentas de duas nuvens.
As nuvens são vermelhas.
A tardinha é cor-de-rosa.

Fiquei querendo bem aquellas duas costureirinhas...
Fizeram-me peito batendo
Tão bonitas tão modernas tão brasileiras!
Isto é...
Uma era italo-brasileira.
Outra era africo-brasileira.
Uma era branca.
Outra era preta.

BROADWAY

RONALD DE CARVALHO

Chato, pardo-cinzento, o chão fluctua lento, molle,
o chão escorre vagaroso;
contráe-se em blocos subitos,
estica-se em flechas longas, trepidantes,
dispara, de repente, em riscos elasticos,
gira,
rodopia,
turbilhona e ferve num vapor subtil de linhas e movimentos,

Aquelle chão carrega todas as imaginações do mundo!

Aquelle chão carrega isbas da Ukrania,
vinhas de Bordeus,
parques do Tamisa,
saveiros do Volga,
ambar, coraes, matrêporas das Antilhas,
guano de Mollendo,
cannaviaes de Cuba,
juncos de Shangái,
cafezaes de Ribeirão Preto,
chifres do Pampa,
fornos de Essen, fornos de New-Castle,
oleos de Tampico,
salitres de Iquique,
barbatanas da Terra Nova,
mares coalhados de ferros e madeiras,
terras gordas,
ilhas com batuques, tant-tans e redes mollinhosas,

montanhas verdes, montanhas de oxydos e cristaes,
rios onde boiam troncos, plantas, cobras e
tartarugas,
florestas de plumas, pennas e folhagens,
praias, canaes, mangues,
luzes do tropico, luzes do polo,
desertos,
civilizações...

Aquelle chão é uma paisagem em marcha.
Chão que mistura as poeiras do Universo e onde se confundem todos os rythmos do passo humano!

Chão epico, chão lírico, chão idealista,
chão indifferente de Broadway,
largo, chato, pratico e simples, como este roof liso, suspenso no ar, este roof, onde um saxofone derrama um morno torpor de senzala debaixo do sol.

(«Toda a America»)



Malazarte

MARTINS DE ALMEIDA

Na simples maneira por que se olha o ceo está compreendida uma filosofia. E' isto mesmo. De uma concepção metafisica do universo se chega sempre ao modo de ser de uma sensibilidade. A mais instinctiva maneira de sentir contém em germen uma visão abstracta do mundo. Basta olhar o espirito de Graça Aranha para se compreender que filosofar é tambem sentir.

Os principios fundamentaes da sua metafisica vem do prazer sensivel que lhe oferece o decoro exterior da realidade.

Nele, o filosofo existe em função do artista. Foi o sentimento da arte que o levou a fazer da sua filosofia uma estetica do mesmo modo que o sentimento da moral levou o filozofu judeu a fazer da sua uma ética. E está tudo muito bem. As metafisicas diferem porque as sensibilidades se desencontram.

Quasi sempre a absorvente preocupação filosofica leva á simplificação pratica da visão da realidade. A imagem que o mundo põe diante dos olhos se reduz a linhas essenciaes. Neste caso, não vemos propriamente os objectos mas apenas os distinguimos.

Mas é engraçado que Graça Aranha tem a representação a mais colorida e completa das cousas. E', antes de tudo, um creador plastico. Tem um grande poder visual ao lado do poder ideativo.

A contemplação das idéas puras não desfaz no seu espirito a precisão forte das imagens. Para ele as mais palidas abstracções assumem um contorno forte e uma cor viva. Ao mesmo tempo que pensa a substancia colorida, vê a substancia ideal.

*

Malazarte é, sem duvida, um dos livros mais representativos do espirito de Graça. «A philosophia que não se faz arte não será vida», diz numa de suas paginas. Por isso mesmo busca a expressão dramatica para fazer viver o seu pensamento filosofico. E' preciso dizer que guardamos sempre uma certa desconfiança para o teatro de ideas. Afinal, a culpa é de Cúrel e de outros. Quem mandou que elles nos impingissem as suas sem-saborias dramaticas? Vimos por demais os cordões que puxavam de um lado para outro as personagens. Ouvimos um ponto irritante perturbando estupidamente a improvisação original dos actores. Assistimos á acção se desenvolver dentro das linhas secas de uma demonstração logica. Em cada gesto excessivamente esquematico pesava um montão de teorias. Sentimos então necessidade de que a vida saltasse fora dos quadros fixos. Sem exclusão da qualidade intelectual do drama. E' a nova compreensão da relação dramatica desarticulando a mecanica teatral.

Pirandelo, melhor que ninguem, imprimindo uma precisão extraordinaria a essa relação dramatica, desalinha o desenho classico dos caracteres e dissocia personalidades irreductiveis,

Entretanto, o grande poder creador de Graça Aranha desanuvia o nosso espirito.

Malazarte é uma bella surpresa artistica. Na verdade não ahi propriamente acção material ou psicologica mas desenvolvimento exterior de operações da intelligencia. O autor deixa de lado a natureza intima de cada personagem para desdobrar as idéas que ellas representám. Não faz analyse. Não procura precisar com uma luz perpendicular as linhas indecisas do claro-escuro psiquico. Não desenvolve a realidade psicologica de uma creatura. O autor de Malazarte procede por grandes sinteses. Cada personagem sua encarna uma idca geral. Tambem pouco se preocupa com a retumbancia perigosa dessas ideas. Não faz de cada gesto uma regra de ordem moral. De cada cena uma demonstração. De cada desfecho uma conclusão. Corporifica as formas de sua visão abstracta do mundo. Compoz a legenda pelo prazer de oferecer uma festa a sua imaginação filosofica. E' raro o pensador que consegue fazer arte de tal maneira. Vejam a terminologia abstracta dos dramas filosoficos de Renan.

Graça Aranha dispoe, realmente, de um grande poder poetico. Só assim poderia animar de uma vida tão colorida generalidades puras. Nele os pensamentos não se reduzem a um simples jogo de paciencia intelectual. Não vive no mundo claro e frio da geometria. Sente a mesma exaltação deante de um belo ceo como diante de uma bela idea. E' um pensador que tem a visão evocativa das cousas. Vive no meio de uma efflorescencia continua de imagens. Por isso mesmo as suas personagens não desenvolvem a sua existencia nas linhas precisas de um teorema. Podemos comprehendel-as como creações de arte pura. Qualquer sensibilidade pode sentil-as inteiramente á parte de seu alto simbolismo. Contemplamos independentemente de qualquer significação intelectual a figura fugidia de Dionisia, o perfil mobil de Malazarte, a fisionomia dolorosa da mãe de Eduardo.

*

Na verdade ha entre a expressão dramatica e a pura concepção intellectual uma grande desproporção. Estamos bem longe da noção do teatro estatico. O drama vive da acção. O problema se impõe naturalmente. E' arriscado exteriorizar operações da intelligencia. No domínio psicologico não ha dificuldades. Um simples gesto pode ser a figura exterior de um caracter. Uma acção traz a fisionomia de um espirito.

Mas se trata em Malazarte de ideas puras expressas na forma dialogada do drama. A vida dramatica se concentra em torno de uma personagem - Eduardo—que forma o campo de acção para o entrechoque daquelas ideas. De facto, como já observou um critico, o feitio essencial do espirito dramatico é a imaginação das crises. As personagens não podem permanecer em puras contemplações nem viver simplesmente o pequeno detalhe da existencia quotidiana. Eduardo, realmente, preso ao vulto doloroso de sua mãe que representa o reflexo do seu ceo moral, atravessa momentos criticos, horas decisivas atraído pelos livres movimentos da inconsciencia tentadora de Malazarte.

Eis ahi:

«Eduardo:

—Rien ne m'arrachera d'ici. Je reste dans la même solitude ou

je puise ma force. J'y vivrai avec mes souvenirs. Mes pensées sont des revenants qui sortent du tombeau où j'ai enseveli à jamais mon inconscience...

Malazarte:

—Tu t'écarteras de la vie et tu mourras d'amertume et de tristesse.

...Et moi je suivrai mon sort, joyeux aujourd'hui, insouciant demain, et devant moi s'effacera tout ce qui doit mourir. Si tu ne viens pas avec moi, si tu ne regagnes pas la l'insouciance, si tu n'unes pas ta nature à la mienne, tu n'auras plus de repos. Les fantômes te tueront.»

*

Dá uma enorme comoção na gente a interpretação de Malazarte. Graça Aranha imprime um caracter universal ao feitiço particular dessa nossa personagem tradicional. Constitue uma lição profunda a todos os que têm deixado de lado os elementos originalísimos do nosso folk-lore

Estupendas aquellas tretas de Malazarte, tão nossas conhecidas, adaptadas á legendal. Mostram perfeitamente a força imaginativa e a agilidade e o poder de síntese e a originalidade do nosso espirito popular. Dahi, ser Malazarte um tipo de excepção na literatura mundial. E' feito de força e de ousadia. Tem astucia e malicia. Sobretudo, traz a ligeireza divina do dançarino. E é arteiro como elle só! Oferece a melhor solução ao problema da vida. Não foi bater á porta da razão para pedil-a! Não. Os pensamentos projectam uma sombra triste sobre a realidade.

Elle traz a afirmação dionisiaca da existencia. Diz sim a todas as cousas. Não fragmenta o universo. Apresenta as mil faces de sua natureza proteiforme ás infinitas modalidades da vida. Mas não basta ser multiplo, é preciso ser mobil. E Malazarte se diversifica numa infinidade de modos de ser e se multiplica em movimentos innumeraveis. E' o antipoda de Hamleto. Não repete a velha historia... a teia infinita dos raciocinios... as associações de ideas interminaveis... a lentidão immensa de uma resolução... e a distancia entre a resolução e o acto. Em Malazarte a idea é um simples pretexto para a acção. Descobriu o segredo da vida vivendo-a integralmente. Malazarte mente. As suas mentiras são as formas que revestem a verdade intima de sua natureza.

Não retorce o espirito. E' natural. Mente por necessidade organica. A superabundancia de sua seiva vital não se comporta dentro dos quadros estreitos da realidade. Elle exgota todo o possivel da vida. Então, inventa para multiplicai-a. Está longe de pensar em corrigil-a com o sonho ou a fantasia como um romântico melancolico.

Malazarte não podia encontrar melhor interprete do que o «creator do entusiasmo nacional».



“Vida ociosa”

EMILIO MOURA

Não sei de escriptor menos talhado á popularidade que o sr. Godofredo Rangel. Falta-lhe para isso aquella dose de perversidade galante e de ardor romanesco que o nosso publico procura nas suas folgas quotidianas. Terá os cem leitores de que se orgulhava Stendhal. Disso não duvidamos. O seu feitio intellectual está muito longe da vulgaridade. A sua simplicidade apparente é de um cuidadoso requinte: traz nas dobras de seu linho desprezencioso os bordados e as filigranas de um tecelão amoroso. Posue um estylo de mestre, luminoso e polido, que lhe realiza a expressão interior, com uma admiravel justeza e um brilho admiravel. Não têm vôos num arrepio ou num fremito. Mas é nesse equilibrio que vamos encontrar a sua melhor qualidade. Um vôo arbitrario pode trazer uma consequencia funesta. Ninguem se atira impunemente ás orgias da imaginação, e ás libidinagens do estylo. O auctor da «Vida ociosa» sabe disso. Procurá a «expressão», medindo as idéas e tomando o pulso da emoção creadora. Realiza, portanto, com sabedoria. E' um decadente, dirão muitos. Talvez haja verdade nessa affirmativa. «Vida ociosa» é uma obra de decadencia. Uma obra pura, virgiliana, sadia! Mas o paradoxo fica. Eu sempre encontrei nesse pantheismo dos escriptores como o sr. Godofredo Rangel, um symptoma vivo de espirito de decadencia, de um scepticismo que procura fugir a si mesmo, entregando-se ao seu ultimo derivativo.

Só quem regressou de grandes jornadas especulativas, pode provar esse sabor delicioso que ha no fundo de todas as cousas primitivas e puras.

As figuras que andam por esse livro é o pretexto que o sr. Godofredo Rangel arranjou para dizer a si mesmo, que ainda ha bondade por esse mundo, como ha belleza e sabedoria. Mas essa só existe na natureza e naquelles que não se afastaram della pela intelligencia ou pela vaidade. Creou, por assim dizer um mundo á parte; mundo de ingenuidade e belleza, pequeno universo affectivo que elle acaricia numa quasi perversidade.

Eça, escrevendo «As cidades e as Serras» esteve talvez no mesmo caso do sr. Godofredo Rangel. Em ambos a mesma ponta de scepticismo insistente e vencido afinal, por uma necessidade immanente de sentir e de crer, sem o veneno da intelligencia.

Não está isso muito longe de poder ser classificado nalguma forma de decadencia. Essa palavra têm tomado varios sentidos. Mas um fica, e esse pode ser aproveitado nesses dois casos.

A nossa epoca poz termo a esse espirito de decadencia. Mudamos de perspectivas. As cousas já não vivem no mesmo plano, iluminadas pela mesma luz do seculo passado. Somos outros, e até parece que encontramos, de novo, uma outra razão de ser para todas as cousas. Era fatal esse rompimento moderno, a exhibir as reservas inacreditaveis da nossa mentalidade que vão fazendo desse seculo vinte um momento de actividade e de sonho. A arte e a literatura dos nossos dias serão um testemunho desse estado de espirito. Virão cheias dessa nova revoada especulativa. Mas esta, somente quando for verdadeira, quando tiver raizes profundas no sentimento, poderá achar expressão para o seu tumulto emotivo. Do contrario cahirá numa copia falaciosa e num artificialismo vazio. Ora, não ha escriptor mais sincero para comsigo mesmo do que o sr. Godofredo Rangel. Não havendo sentido contactos renovadores continuou a ser o que sempre fôra. E' um escriptor que realiza discretamente, que possui a sua concepção de belleza, numa esthetica que é pessoal e sincera. Ha mesmo uma grave nota de melancolia nessa sua retirada da scena: fez-se um espectador curioso. «Para que mais?» Essa devia ser a pergunta que elle faria a si mesmo, se por acaso pensasse em justificar-se. Nós, de certo desejaríamos mais. Mas essa distancia entre dois pontos de vista, entre duas philosophias, porque, afinal, toda maneira de perspectiva pode ser entendida por uma philosophia, nada destróe da belleza dessa obra. Olhamos a figura desse escriptor sem pretender enquadrá-la numa epoca ou numa escola. Porque, se o pensamento têm de obedecer ao capricho vertiginoso do tempo, ás mil e uma voltas da sabedoria das horas, a belleza ficará autonoma e desembaraçada.

*

Toda a obra do sr. Godofredo Rangel é uma maravilha de observação, é uma pagina viva onde não sentimos um arrepio de pensamento martyrizado, numa ansia especulativa; mas por onde a vida se desenrola, num objectivismo tranquillo. A maior volupia de um escriptor é entregar-se ao leitor, viver com elle, dando, a cada momento, a sensação de que lhe está revelando a verdadeira essencia de sua alma. Isso justifica mesmo a necessidade de expressão, a tortura daquelles que sentem o imperativo das emoções, a quererem forma e transbordamento. Mas esse escriptor, ao contrario, não se entrega, nem ao menos expõe a sua philosophia, em doses pequenas e equilibradas, como é tão do gosto dos romancistas de todos os tempos. Fica de fóra, a querer

que a sua arte seja um espectáculo amavel, de cuja contemplação nos venha uma serena felicidade. E' daquelles que applicam uma contemplação puramente objectiva aos objectos mais insignificantes, e que, até numa scena de «interior» deixam o monumento imperecível de seu objectivismo e de sua serenidade intellectual. Assim, as principaes personagens do livro do sr Rangel não são o proprio escriptor, em desdobramentos reconheciveis. E' o universo, são as perspectivas ambientes, no seu rythmo puro. Recebe as impressões directamente, sem dar tempo a que ellas soffram uma acção intima e mysteriosa. Os seus gyros espirituaes não são uma viagem do espirito para o espirito, como nos dilettantes anatolianos, mas um linha serena do espirito para as cousas. Não deseja explicar o universo, nem o mechanismo de suas proprias emoções. Sente e pensa, sem que esses pensamentos e sentimentos tragam em si algum anseio de finalidade, alguma inquietude que se martyrisasse a si mesma. E' unico nessa maneira. «Vida ociosa» é uma focalisação cheia de movimento de ambientes e caractéres. Ha ahi uma identificação absoluta entre creador e criação, a ponto daquelle desaparecer e de termos a impressão de assistir a uma realidade que fosse «nossa», que existisse por um auto-milagre. Natural no caso do sr. Godofredo Rangel. Como dissemos, é elle um temperamento discreto que não ama entregar-se nas suas paginas literarias.

Ora, com todas essas qualidades, o sr. Godofredo Rangel, mais que nenhum outro, está talhado a realizar uma obra representativa. E' o que vae fazendo. «Vida ociosa» e «Andorinhas» são duas paginas vivas da nossa literatura. A primeira dessas é uma obra-prima. Não acredito, comtudo, que ficará sendo a sua obra-prima. Essa virá ainda, para maior riqueza do nosso patrimonio intellectual.



Sobre a psycho-analyse

Sigismundo FREUD

(Traducção do original pelo Dr. Iago Pimentel.

Minhas senhoras e senhores! Para mim é uma nova e estranha sensação, apparecer, como expositor, no Novo Mundo, deante de „pessoas avidas de saber. Sei que devo esta honra á ligação de meu nome ao thema da psycho-analyse; desta, por isso, tenciono fallar-vos. O mais succin‘amente possível, procurarei dar-vos um resumo sobre a historia da origem e do ulterior desenvolvimento deste novo methodo de investigação e de tratamento.

Se ha merito em haver trazido á luz a psycho analyse, não é esse um merito meu. Não tomei parte em sua origem.

Era estudante e achava-me occupado com o preparo das minhas ultimas provas, quando um outro medico viennense, o dr. Josef Buner, utilizou aquelle methodo em uma joven hysterica (1880—1882). Da historia dessa doente e de seu tratamento é que nos haveremos de occupar primeiramente; encontra-a-eis. minuciosamente exposta, nos «Studien über Hysterie» (Estudos sobre a hysteria), mais tarde publicados por mim e por Brener.

Antes de tudo, porém, uma observação ainda. Não sem contentamento, soube que a maioria dos meus ouvintes não pertence á classe medica. Não deveis pensar, com effeito, que seja necessaria uma educação medica especial, para acompanhar minhas exposições. Um certo trecho, andaremos com os medicos, mas, em breve, nos separaremos e o dr. Breuer trilhará um caminho todo seu.

A paciente do dr. Brener, moça de 21 annos, possuidora de elevados dotes intellectuaes, desenvolveu, no curso de sua doença, que se estendia por um espaço de 2 annos, uma serie de perturbações somaticas e psychicas, que bem mereceram ser tomadas a serio. Tinha uma paralytia espastica de ambas as extremidades direitas, com insensibilidade das mesmas e ás vezes, a mesma affecção nos membros do lado esquerdo; apresentava perturbações dos movimentos dos globos oculares, varias alterações da visão, difficuldade em levantar a cabeça, fosse nervosa intensa, repugnancia de alimentos e, uma vez, por varias semanas, impossibilidade de beber qualquer liquido, apesar de uma sede cruciante; apresentava ainda diminuição da faculdade de exprimir-se, que chegou até a perda da capacidade de fallar e entender a lingua materna, e, finalmente, estados de ausencia, confusão, delirios, alterações de toda a sua personalidade. para os quaes teremos, mais tarde, de voltar nossa attenção.

Se, não sendo medicos, ouvirdes fallar de um tal quadro morbido, tendereis a admittir que se trata de uma grave molestia, provavelmente do cerebro, que pouca esperança offerece de restabelecimento e que, em breve, deverá conduzir o doente á morte. Deixae, entretanto, que

vos instrua o medico: para uma serie de casos com phenomenos tão graves, justifica-se uma concepção toda outra e muito mais favoravel. Se um tal quadro apparece em uma joven, cujos órgãos vitaes internos (coração, rins) se mostram normaes ao exame objectivo, se essa joven soffreu violentos abalos emotivos e se os symptomas insulados se apartam, em certos caracteres mais finos, daquillo que é esperado, não têm então os medicos um tal caso por grave. Sustentam que se não trata de uma lesão organica do cerebro, mas d'aquelle estado enigmático, chamado «hysteria» desde os tempos da medicina grega, que pode imitar todo um sem numero de graves quadros pathologicos; não julgam então a vida em nada compromettida e, mesmo, tem como provavel. um completo restabelecimento da saude. A distincção entre a hysteria e uma grave lesão organica, nem sempre é muito facil. Não precisamos, porem, saber como se faz uma differenciação diagnostica desta especie; basta assegurar-vos que justamente o caso da paciente de Brener era um daquelles em que nenhum medico experimentado deixaria de fazer o diagnostico de hysteria. Podemos ainda, aqui, acrescentar que a doença da paciente surgiu quando ella cuidava do pae, ternamente amado, em uma grave enfermidade que o levou á morte; e que ella, em consequencia disso, teve que se afastar d'aquelles desvelos.

Até aqui, houve vantagem em andarmos com os medicos; agora, nos devemos separar. Não vades esperar que a perspectiva de um doente sob assistencia medica haja essencialmente melhorado, porque lhe foi feito o diagnostico de hysteria, em vez do de uma grave affecção cerebral organica. Na maioria dos casos, a arte medica é impotente deante das graves molestias cerebraes, mas tambem, deante da hysteria, nada pode o medico fazer. Tem de abandonal-a á natnreza bondosa, deixando ao arbitrio desta a realização de seu esperançoso prognostico. (Sei que esta affirmacão hoje não é exacta, mas, na exposiçãõ, reporto-me, com os meus ouvintes, aos tempos anteriores a 1880. Se, desde então, o problema tomou outro aspecto, nisso justamente tiveram grande parte os trabalhos cuja historia estou esboçando).

Com o facto de ser reconhecida a hysteria, pouca cousa ficou, assim, alterada para o doente; muito menos para o medico. Este, deante do hysterico, colloca-se em posiçãõ differente d'aquella em que se posta deante do doente organico. Não offerecerá ao primeiro o mesmo interesse que ao segundo, pois o soffrimento daquelle é muito menos serio que o deste e, todavia, parece reivindicar o direito de egualdade. Mas, para com elle, age ainda o medico de outro modo. Havendo, por seus estudos, aprendido tanta cousa que é omittida ao leigo, pude formar das causas das doenças e das alterações morbidas—por exemplo, no cerebro de um doente de apoplexia ou de neoformaçãõ—idéas que, até certo grão, devem ser exactas, pois lhe permitem a intelligencia das particularidades do quadro. Deante das minucias dos phenomenos hystericos, porém, toda sua sciencia, o abandona, assim como sua erudição em pathologia e em anatomo-physiologia. Não pode comprehender a hysteria; fica deante della, como um proprio leigo. E não é isso razoavel a quem aliás faz tão grande cabedal do seu saber. Os hystericos perderam assim sua sympathia e o medico os considera como os orthodoxos consideram aos herejes, considera-os como pessoas que ul-

trapassam as leis de sua sciencia; imputa-lhes toda a maldade possivel, culpa-os de exagero e de simulação intencional e castiga-os, retirando-lhes seu interesse.

O dr. Brener, para com a sua cliente, não foi passivel desta censura; embora, a principio, não contasse prestar-lhe qualquer auxilio, dispensou-lhe sympathia e interesse. Evidentemente, ella o esclareceu com os elevados dotes de intelligencia e de character, dos quaes Brener dá testemunho na historia, que compilou, da doente. Sua observação benevolente, por outro lado, encontrou o caminho, que tornou possivel o auxilio medico.

Notou-se que a doente, em seus estados de ausencia e de alteração psychica, com confusão, costumava murmurar, consigo mesma, algumas palavras, que davam a impressão de se originarem de um conjuncto que lhe occupava o pensamento. Inteirado d'aquellas palavras, mergulhava-a então o medico em uma especie de hypnose e lh'as repetia, induzindo-a a estabelecer um nexo entre as mesmas. Com o seu consentimento, reproduziu, assim, a doente, as creações psychicas que a dominavam durante as ausencias e se deixam trahir por aquellas palavras insuladamente exteriorisadas. Eram phantasias profundamente tristes, muitas vezes lindamente poeticas—«sonhos diurnos» diriamos nós—que, habitualmente, tinham, como ponto de partida, a situação de uma joven junto ao leito do pae enfermo. E, depois de referir um certo numero de taes phantasias, ficava como que livre e reconduzida á vida psychica normal. O bem estar, que se mantinha por varias horas, cedia então logar, no dia immediato, a uma nova ausencia, que era reinovida do mesmo modo, mediante a expressão das phantasias recém-formadas. Não havia como fugir á impressão de que a perturbação psychica, que se manifestava nas ausencias, era uma consequencia da incitação partida d'aquellas formações phantasistas, altamente affectivas. A propria paciente, que, nesta phase da doença, apenas entendia e fallava de um modo singular o inglez, dava a este novo tratamento o nome de «talking cure» ou designava-o, gracejando, «chimney sweeping».

Verificou-se logo, como por acaso, que, com tal limpeza da alma, podia-se alcançar mais do que a passageira remoção das perturbações psychicas, sempre reinccidentes. Symptomas somnaticos tambem desapareciam quando, em estado de hypnose, sob exteriorização effectiva, era recordado por que motivo e por meio de que ligação aquelles symptomas haviam surgido pela primeira vez. «Era no verão, tempo de calor intenso, e a paciente soffria de uma sêde ardente: pois sem motivo apparente, sibitamente selhe tornara impossivel o beber. Tomava o appetecido copo d'agua na mão, mas, logo que lhe tocava os labios, repellia-o, como uma hydrophoba. E assim ficava, por alguns segundos em uma evidente ausencia. Para abandonar a sede, vivia apenas de fructos, melões, etc. Depois que esse estado durara, mais ou menos, seis semanas, uma vez, em estado de hypnose, raciocinou sobre uma ingleza, sua dama de companhia, de quem não gostava, e contou então, com todas as mostras de repugnancia. como, entrando no quarto d'aquella, ali vira o seu cãosinho, um nojento animal, bebendo em um copo. Por delicadeza, nada havia dito. Depois de haver exprimido, ainda energeticamente, reprimido enfado pediu para beber; bebeu sem inpedi-

mento uma grande quantidade de agua e despertou da hypnose com o copo nos labios. Com isso desapareceu-lhe para sempre a pertnrbação. (Studien über Hysterie, pag. 26).

Permitti que vos detenha um momento sobre esta experiencia. Ninguém ainda havia removido um symptoma hystérico por tal meio, nem tão prorundamente penetrara a intelligencia de sua causa. Seria uma descoberta cheia de consequencias, se a expectativa se pudesse confirmar, de que ainda outros, talvez a maioria dos symptomas que apresentava a doente, de tal modo se haviam originado e de tal modo eram removiveis. Para se convencer disso, não se atemorizou Brener deante do trabalho e, methodicamente, pesquisou então a pathogenese dos outros e mais graves symptomas. Assim era realmente; quasi todos se haviam originado como restos, como residuos, se quizerdes, de impressões affectivas, que, por isso, chamamos mais tarde, «traumas psychicos» e sua singularidade se explicava pela relação com as scenas dramaticas que os haviam causado. Eram, na accepção technica do termo, «determinados» pelas scenas cujas memorias residuaes elles representavam e não havia mais mister de descrevel-os como producções solimitarias ou enigmaticas de neurose.

Um desvio apenas do que se esperava seja mencionado. Nem sempre o symptoma era o resultado de uma impressão unica, mas, na maioria das vezes, para este effeito, reuniram-se numerosos, frequentemente muito semelhantes e repetidos traumas. Toda aquella cadeia de recordações pathogenicas devia então ser reproduzida em serie chronologica e, em verdade, invertidamente: os ultimos em primeiro logar e os primeiros em ultimo logar e era inteiramente impossivel chegar ao primeiro trauma, frequentemente o mais activo, saltando pelo que se lhe seguia.

(Continúa no proximo numero)

Poezia e relijião

CARLOS DRUMMOND

O espirito relijiozo vai readquirindo os seus direitos no campo da poezia. Esta afirmação talvez provoque protestos, mas estou certo que tambem encontrará apoiados (Muito bem! Muito bem!). Não é difícil prová-la. Provo. Não tenho sôbre o assunto nenhum ponto de vista sectario. Isto é o essencial. Constato apenas. Confesso que a relijião não faz parte de minhas preocupações abituais. Ainda não cheguei á idade de crer pela segunda e última vez, isto é, definitivamente. Os moços não têm tempo de ser relijiozos; poderão sentir no maximo presentimentos relijiozos. Sua missão natural é destruir os mitos da infancia, para reconstruilos mais tarde, na idade madura. Na idade madura o homem regressa á relijião. Não tem outra coiza a fazer. Faz bem. E' um crente deziludido, mas é um bom crente. Falo dos espiritos indagadores. Os outros nunca duvidaram... E sem a duvida não póde haver convicção generosa. A duvida é a semente de tudo. A negação, esta eu não compreendo. Mas como dizia...

Como dizia, encontro na poezia moderna a influencia frizante da relijião. Entendamo-nos. Absolutamente não foi minha intenção afirmar que os poetas modernos são uns carolas ou uns savanarolas. Indiquei uma influencia. Esta influencia eziste, verifica-se, mas não domina esclusivamente. Poderia acrecentar que ela é um produto dos dias feios da guerra que o mundo inteiro vivez, porém acho isso mais discutivel. A guerra não foi um fenômeno a parte, gerador de outros fenômenos igualmente positivos e catalogáveis. Foi uma consequencia, como consequencia tem sido tudo que depois vem sucedendo. Só uma longa e intensa fermentação espiritual poderia dar em resultado a dolorosa tolice dos ezercitos que se entréespatifaram e dos povos que brigaram por um ideal muito bonito mas que afinal de contas... pilherias! Tudo isso vem de longe e é bem possivel que a guerra não tenha acabado. Mudou de plano ou de cenarios. São impreziveis os destinos do mundo dito civilizado, num raio de 100 anos apenas. Prefiro silenciar sôbre este ponto e lenbrar somente que a revivecencia do espirito relijiozo, nao nas massas porém nas elites, tem sua orijem em fatores complexos que muito antes da guerra já se faziam sentir e que se resumem todos numa pavorosa dezorganização dos valores morais e intellectuais. Irra que ninguem mais se entendia! Paulo Valery em seu saborozo «Varieté» procura descrever o que era a Europa de 1914: «Cada cerebro duma certa classe era uma encruzilhada para todas as especes de opinião; cada pensador, uma espozição universal de pensamentos. Havia obras do espirito cuja riqueza em contrastes e inpulsois contraditorias fazia pensar na iluminação dezesperada das capitais naquele tempo; os olhos pegavam fôgo e aborreciam-se...» Tudo isto somado multiplicado levado ao infinito provocou reação fulminante que se esboçou com a guerra e irá Deus é quem sabe onde. Deixê-mola ir e fixemos o papel do espirito relijiozo na poezia moderna.

No Brazil ha evidentemente um equívoco a respeito da natureza das relações entre estas duas palavras: poesia e religião. Lá ha pouco um artigo do estimável sr. Jackson de Figueiredo (um bom espirito; um espirito com quem se póde contar) e pude ver até onde leva esse equívoco. Leva ao ponto de confundirmos poetas religiosos com religiosos poetas; os primeiros são raros; os segundos proliferam e dão mostra quazi sempre de estreiteza de vistas, cantando por estenso a obra da criação, com louvores particulares a cada «florinha mimoza» e a cada «colibri adejante» e esquecendo... a mulher. Lamentável esquecimento! Mas isso é lá com eles. O fato é que não tivemos até agora nenhum poeta religioso.

--E Alphonsus de Guimaraens?

Alphonsus de Guimaraens foi admiravel poeta lirico, de inspiração melancolica e mesmo funebre; escreveu «Kiriale», «Dona Mystica», «Septenario», mas não se póde dizer que o dominasse nenhuma das grandes preocupações de caráter religioso que tornam inconfundivel a produção dum Paulo Claudel, por ezenplo. Em que passo de sua obra o poeta se propõe como tema a finalidade do homem ou os grandes trabalhos espirituais ezi- jidos para sua purificação ou o sentido místico das coizas ou qualquer outra questão da mesma ordem? O que o seduzia na religião ou melhor no catolicismo era a liturgia a pompa do cerimonial o aparelhamento suntuoso com que a Igreja cativa até os mais libertinos, convidando-os á maior das volupias, que é a da libertinagem estética. Cunpre notar ainda que ele se alistou numa escola onde Verlaine dava o tom cantando «O mon Dieu, vous m'avez blessé d'amour» e que assim, conpondo louvores á Virjem, obedecia muito menos ao temperamento que á moda. Não vou ao extremo de negar a religiosidade de Alphonsus. Mas era a de todos nós que recebemos infalivelmente a educação cristã. Tenho meditado sobre sua obra. E cada vez me convenço mais que Alphonsus foi um grande lirico vindo antes do tempo. Não achou a sua expressão. Déssemle o material de que dispõ o poeta moderno, dotado de recursos criticos inconparaveis, terrivelmente bem informado sobre a menor de suas impulsões e ao mesmo tempo respeitando o elã primitivo dessas impulsões e... os senhores veriam.

*

Conversemos. O responsavel por toda a poesia moderna em Fran- ça e nos paizes que le sofrem a influencia é o malogrado sr. João Nicolau-Arthur Rimbaud. Deste jovem se dizem coizas admirabilíssimas, incluzive a de que foi a intelligencia mais diablicamente livre que já penetrou na poesia franceza. Tenho muito medo de medalhões, credol Mas impossivel negar. Cocteau irônico fala no «pecado orijinal de Adão -Rimbaud e Eva-Mallarmé». Como todo pecado, principalmente o ori- jinal, fecundissimo. Rimbaud projetou-se violentamente em nossos dias. Sua garra aparece em tudo. Mario de Androde: «Não imitamos Rimbaud Nós dezenvolvemos Rimbaud. ESTUDAMOS A LIÇÃO RIMBAUD». Esta advertencia é util.

(*Continúa no fim da revista*)

Os caprichos da sorte

GODOFREDO RANGEL

- Meu mal—monologava o coronel Marcilio, trotando em sua besta, rumo do sitio das Codornas—foi a minha imprevidencia. Unica e exclusivamente. Não culpo o Aurelio, meu socio. Eu era de natural confiante e simples e elle ganancioso e astuto. E seus defeitos não me eram encobertos. Não fez mais do que obedecer a seu pendor irresistivel. Todos avisavam-me: «Cuidado com o Aurelio, que um dia te dará um tombo.» E eu, por um mixto de fatalismo e de indolencia, ou melhor, por indolencia apenas, que é ella que nos põe fatalistas, deixava que as cousas continuassem a correr por si. Previ este desfecho, mas nada fiz para evitalo—o que é tambem um modo de ser imprevidente. Era logico que entre dois temperamentos como os nossos se estabelecesse como um systema de syphão... O ramo maior era meu socio. Houve para este um escoamento de fortuna... E o tombo agourado veio. Escarrapachei-me. Estou pobre. E indirectamente minha ruina enriqueceu o Aurelio.

O coronel Marcilio fez um gesto de melancolica resignação, como se estivesse a explicar-se com um interlocutor invisivel. E a besta trotava, monotonamente, pela estrada do sitio.

E o curioso, continuou o cavalleiro em seu soliloquio, é o estado de espirito em que os acontecimentos me puzeram. Incapaz de cogitar em uma resolução salvadora. Para meu caso não ha, provavelmente, resoluções salvadoras. E isto traz-me uma sensação de quebranto de animo, de debilidade sentimental, incutindo-me como uma piedade vaga por tudo e por todos—pelo desagazalho em que vão dormir estas avesinhas que cruzam o céo, pelas folhas de bananeiras retalhadas pelo granizo; sinto a cada passo desejo de apear-me do animal para salvar, numa poça d'agua, um insecto agonizante, ou erguer as folhas machucadas de um pé de grama pisado pela pata de um cavallo... e um desejo commovido de abraçarme a tudo que vejo, consolando os troncos de serem velhos, as flores de serem cphemeras... E esse meu desejo de consolar é de certo, tambem, necessidade de consolação. Tolice! Fraqueza sentimental!

Era ainda a mesma «fraqueza», como lhe chamava, que o levava ao sitio do Severo, talvez seu unico amigo verdadeiro. Os outros abandonaram-no, após a derrocada.

—Muito razoavel tambem essa esquivança, meditou elle. O que entretem a amizade, são as pequen nas ou grandes mercês que entre nós permutamos, e o rico está em mais condições de as fazer, ao passo que ao pobre escasseiam-lhe os meios. Sem essas mutuas cadivas, que tambem podem ser espirituaes (em quão pouco, porém, se estimam estas!) não pôde subsistir o affecto. Succede como no amor, que é a permuta do prazer. Na affeição dos paes é que existe algo immutavel e desinteressado... Mas é porque obedecem a um cégo impulso, ao invencivel instincto que leva todos os seres vivos a proteger a sua prole. A amizade é absurda, anti-natural, se não a inspira o interesse. E eu não posso mais ser bom amigo. Empobreci.

E incoherente com os seus raciocínios, o coronel Marcílio, ex-millionario, ex-chefe politico, homem culto e generoso, ia em demanda do conforto da amizade sincera, no sitio das Codornas.

Em sua desdita, parecia-lhe que o mundo acabára, revoltado por um cataclismo e que apenas sobrevivia a casa de seu amigo, como um oasis no meio da desolação universal.

Foram confrontantes de terras, amigos de escola, companheiros na politica, e, quantas vezes, no meio das attribuições passadas, se valeram reciprocamente, quer material, quer moralmente, ou, se algum delles o necessitava, com a luz guiadora de um conselho/

Recebiam-no alli carinhosamente, rodeando o, tanto o compadre como a velha esposa e demais pessoas da casa, das maiores atenções.

Sentia-se bem entre elles, como em seu proprio lar. Sempre diziam-lhe: «Quando o compadre apparece, para nós é como se fosse dia de festa...» Qualquer trabalho que estivessem a fazer, deixavam-no immediatamente, mostrando tão boa vontade de ser lhe obsequiosos, que Marcílio espaçava suas visitas, para não turbar-lhes a labuta costumada. Esse era o dia do Severo abrir certo armario, onde eram recatadas preciosas alfaias, e de retirar dalli uma celebre chicara toda dourada, que conservavam ainda envolta no papel com que viera da loja, annos antes.—Aquelle chicara era historica, explicava Severo. Nella haviam bebido unicamente o presidente do estado, quando estivera a percorrer a zona, o bispo D. Eduardo e o querido compadre... E, quando vinha nabandeja, tinha como um emproamento de fidalga, ao lado da tigelinha azul com que serviam o café ao Mathias, outro vizinho de terras que sempre alli portava, e que não tinha, como o presidente, o bispo, ou o coronel Marcílio, titulos sufficientes para receber a excepcional distincção.

E ao evocar a affeição tão d'alma, daquelles velhos amigos, o coração de Marcílio sentia-se confortado. Elles já saberiam do desastre: Quanto pesar lhes não teria causado!

Vinha na estrada um matuto conhecido, trazendo na cabeça um feixe de lenha. Passando pelo cavalleiro, posou no chão o feixe, para tirar-lhe o chapéo.

—Bom dia, «sô» coronel Marcílio.

—Não sou mais coronel, Anastacio. Hoje o meu titulo é «sô». Perdi o que tinha, estou mais pobre do que você...

O caipira escancarou os olhos e a bocca.

—Pois devéras!

—E' a verdade. Adeus, Anastacio!

—Até outro dia, sô Marcílio!

O cavalleiro distanciou-se ante os olhos sorprendidos do rustico, que o acompanharam até sumir-se ao longe; então Anastacio repoz o feixe na cabeça «maginando» sobre as reviravoltas da sorte, e perguntando-se como poderia o fazendeiro estar mais pobre que elle, se ia tão bem vestido e montado em tão bom animal.

Ao avizinhar-se do sitio, Marcílio reflectiu:

—Que vim fazer aqui! Entristecer inutilmente com a minha presença aos meus bons amigos...

E agitado, inquieto, sentia-se arrependido e já pensando em voltar. Parecia-lhe que o fim principal de seu passeio não era tanto a ne-

cessidade de conforto, que não lhe poderiam dar e sim o de ocupar o tempo, movendo-se, fatigando-se, atordoando-se, para descançar de pensar.

Os amigos vieram recebê-lo à frente da casa, onde elle desceu do animal.

—Que felicidade, compadrel exclamaram. Soubemos de tudo e custamos a acreditar...

Emquanto o levavam para a varanda, iam multiplicando suas interjeições piedosas e maldizendo do Aurelio, causa do desastre.

—E' assim, expandiu-se Marcilio, estou hoje limpo. Ha pouco, na estrada, encontrei o Anastacio, que se mostrou admirado por eu dizer-lhe que estava mais pobre do que elle. E estou. Elle tem o seu rancho, onde mora de emprestimo. o seu pedaço de terra, que cultiva a meias, como aggregado, as suas duas mãos que sabem pegar da enxada, enfim, sua vida está equilibrada no que tende de ser. E eu? Se valia alguma coisa, era pelo meu dinheiro. Habitado desde pequeno á abundancia, não aprendi nenhum officio, não exerci profissão alguma. E agora é tarde para começar... Estou quasi velho e sem fortuna, sem credito, sem amigos. Só vocês...

Os amigos protestaram contra suas palavras de desanimo.

—Compadre, disse dona Etelvina, a fazendeira, não é pela riqueza que uma pessoa vale. O senhor, para nós e para nossa familia, será sempre a mesma pessoa. A's vezes a sorte muda... Se nosso prestimo valesse alguma cousa...

—De certo, confirmou o Severo, depois de uma pausa, retomando o fio da phrase interrompida. Se valesse alguma coisa... Mas, infelizmente, nós tambem...

E queixou-se da sorte, lastimando-se dos maus tempos, das difficuldades da lavoura, dos filhos numerosos em idade de collocar...

—Meu compadre é abastado, meditou o coronel, mas não diz isto por mal. Não será pelo receio de que eu lhe peça dinheiro. E' que um descabro destes, succedido a um amigo, nos enche de pessimismo pela nossa propria situação. Quando vemos morrer alguém é que nossa saude nos inspira maior cuidado...

E com seu desejo inquieto de agitar-se, aturdir-se, arrependia-se de ter ido ao sitio. Já poderia voltar, levando nos ouvidos o eco refrigerante das boas palavras de seus velhos amigos.

Levantou-se para despedir-se.

—Tão depressa, compadrel Ora essa! Quando mal começamos a conversar, exclamou o Severo, sem ao menos tomar nosso café. Vá arranjar-o, Etelvina...

E para o coronel:

—Não são os amigos que o deixam, é o senhor que os quer deixar...

O coronel sentou-se de novo, enquanto a fazendeira se internava para os fundos da casa.

E a prosa se arrastou ainda por algum tempo, entre longos silêncios, no tom funerario das visitas de condolencias...

O compadre Severo repetia-lhe, para o animar:

(Cuntinúa no fim da revista)

Momento brasileiro

III

MAGALHÃES DRUMMOND

Dando remate e fêcho á segunda parte deste ensaio, dizla eu que esta grande hora de affirmacão nacional tem os seus indices mais expressivos em phenomenos muito mais profundos e muito mais generalizados do que os que, ali, assignalei observados no dominio idiomatico e na orbita das creações puramente artisticas. E, em verdade, assim é, e tanto que para o documentar a difficuldade maior está precisamente em resumir os factos ou antes — e mais directamente comprovam o assérto, — tantos são elles.

O Brasil revela já uma “consciencia collectiva” esclarecida, vigilante e, — o que mais é, — capaz de, com criterio proprio, discernir entre o util, o inutil e o nocivo, — consciencia que assim, se mostra, pois, com aptidão bastante para se orientar e para velar pelos destinos da nacionalidade. Não ha nesta affirmacão demasia optimista. Factos ahi estão, — numerosos e concretos, — demonstrativos de que o brasileiro è já, não somente capaz de bem apprehender os problémas nacionaes, como tambem de lhes procurar as soluções que mais exactamente os resolvam. E è por isso mesmo que esse “criterio brasileiro” muito ajuizada, muito razoavelmente, vae pondo de parte innumerous preconceitos que, si respeitados, constituiriam intransponiveis obstaculos ao nosso natural evolver.

Um desses preconceitos era o de estar no “urbanismo” a causa principal dos nossos males economicos. Consequencia do servilismo com que por tanto tempo aceitáramos, sem o menor exame, quanta idéa nos chegasse em livros e jornaes europeus, — a these anti urbanista no Brasil revelava, apenas, incapacidade, já não digo de interpretar — mas mesmo de “ver” os nossos factos. Porque a verdade, não a verdade envolta em nevoas de mysterio, e' só p rceptivel á custa de raclocinios, mas a verdade a todos bem visivel, — é que nunca se poderiam explicar quaesquer males nossos como funcção do “urbanismo”, e isto pela simples, peremptoria e decisiva razão de nunca jamais ter existido “urbanismo” no Brasil.

Saint Hilaire, sabio de verdade, sabio dessa forte e nobre sabedoria formada no contacto da vida e no estudo dos factos em sua nua realidade, — Saint Hilaire, — grande intelligencia e grande cultura, entusiasta da nossa terra que elle viajava em grande parte e longamente — affirmara que o grande obstaculo ao progresso brasileiro estava precisamente em a nossa carencia de “urbanismo”. Quasi cem annos depois, alguns estudiosos de cousas brasileiras, encarando-as em si mesmas e não através de theorias fundas na observação da vida e do

habitat de outros povos, renovavam, actualisando-a, a these de Saint Hilaire. Afirmção contra affirmção. Os (os estudos de Saint Hilaire eram de ha um seculo e, dizia-se, não poderiam justificar ainda hoje as suas conclusões, affirmção contra affirmção, continuou prevalecendo, em theoria, a que os nossos "sociologos" tinham aprendido em obras francezas sobre problemas francezes. Em o recenseamento de 1920, vieram a publico os seus resultados, comprobatorios da ausencia de "urbanismo" no Brasil. Os nossos "sociologos" ou levam e não entenderam, ou leram, entenderam e não acreditaram nelles, pois continuam a clamar pelo combate a um "urbanismo" que aqui não existe. . . Ora, — (e aqui é que intervem o "criterio brasileiro), — emquanto esses "sociologos", preocupados em ler livros francezes e, assim, sem tempo para dar attenção ao phenomeno brasileiro, e, assim, alheados deste, continuam agarrados ao seu preconceito anti-urbanista, — a gente brasileira, com a capacidade de ver, de sentir, de pensar os nossos problemas, vae procurando resolvel-os com se esforçar exactamente por fazer o "urbanismo" que nos falta: em São Paulo, em toda a região do Noroeste, a civilisação se faz, se alastra e se consolida mercê exactamente do trabalho de "urbanisação" realisado por "empresas brasileiras constructoras de cidades". Aliás, — (e isto deve ser lembrado em louvor de capacidade de estadista de um dos mais nobres representantes da gente brasileira), — aliás essa mesma politica de urbanisação já fôra de ha muito praticada com pleno exito pelo grande e inesquecivel Affonso Penna aqui, em Minas, com a fundação de Bello Horizonte, — talvez o maior serviço até hoje prestado ao desenvolvimento do Brasil Central, — e no Acre, com a fundação das cidades que ali ficaram como postos de convergencia, de condensação e de irradiação das actividades acreanas e, principalmente, como portos de ancoragem da Lei, naquellas apartadas regiões brasileiras.

Não foi, entretanto, o preconceito do «urbanismo» o unico que o bom criterio brasileiro soube pôr de parte. Um outro houve tambem muito nocivo, porque até se dava ares de preconceito constitucional.

Refiro-me ao preconceito irreligioso em materia de educação e no que respeita ás relações do Estado com a religião catholica.

Apezar das opiniões tantas vezes manifestadas, de Ruy Barbosa e de Pedro Lessa, a interpretação officjal do texto constitucional continuou intransigentemente hostil a qualquer idéa de propulsão da «religião que, no dizer do ultimo desses grandes juristas, «si não é a nossa religião official é, indubitavelmente, a religião nacional brasileira». Pois bem: o que não conseguiu a palavra desses grandes brasileiros, vae conseguindo, silenciosa mas seguramente, o «criterio nacional brasileiro,» apercebido da necessidade de refortalecer esse insubstituivel llame de solidariedade nacional, esse imprescindivel factor agglutinante que é para o Brasil, a religião catholica. Hoje, por todo o nosso paiz, o catholicismo se reorganisa e já se pode considerar triumphante a opinião de que delle não podemos prescindir si quizermos durar como o Estado e como a nacionalidade. Este ideal catholico-nacionalista povôa a alma dos moços, vibra se avoluma em resôos magnificos dentro della, e se impõe á nacionalidade, e já illumina mesmo os documentos officiaes, tocando-os de um

alto e duradouro inealismo, como ainda ha poucos dias vimol-o refulgindo num trecho da mensagem Mello Vianna.

O facto é interessante porque, até bem pouco tempo, era tido por elegancia espirituai o menosprezo a toda e qualquer religião e especialmente ao catholicismo, havidos até então como atrazados retrogados e tacanhos os espiritos que com elle sympathissem. E aqui está mais um preconceito de que a consciencia das nossas necessidades nos libertou. Hoje, sem sermos «carólas», «beatos» ou clericalistas e,—o que é mais,—sem nos determos porque por «beatos» e «carólas» nos tomem, confessamos de publico a nossa sympathia e mais do que isto o nosso devotamento ao catholicismo, proclamando bem alto a convicção em que estamos de que delle necessitamos precipuamente para a nossa defesa contra perigos de absorpção estrangeira que bem proximamente nos ameaçam. E a respeito não deixarei inaproveitado o ensejo que, a este ponto desta minha palestra com os moços, se me offerece para lhes pedir que meditem no que acaba de nos revelar o illustre dr. Francisco Campos num consciencioso trabalho sobre o modo como a liberdade de pensamento é entendida e praticada nos Estados Unidos, e para que assim pelo que alli se faz contra os proprios cidadãos americanos, se avalie o que fariam em nossa terra a intolerancia e a prepotencia *yankee* no dia em que a obra de absorpção ultimasse a supressão da nossa independencia politica...

Não se cifram, porem, ás já apontadas, as affirmações e as victorias do criterio brasileiro.



A L E G R I A

PEDRO NAVA

Os bracinhos humildes e raquiticos
escorrem da molambada bariolada
do dominó do menino pobre

(Nem bisnagas nem conféti nem serpentinas)

Um guizo só
tinindo
retintins
fracos e continuos numa tira colorida
parece o choro cansado
dolorido
duma criancinha agonizante

Um guizo só
e os olhos da máscara
a transbordar um olhar
da mais, louca
dezordenada alegria.

Faze de tua dor um poema

ANTONIO CHRISPIM

1.º acto — NO CAFE' DAS MUSAS

A scena representa, etc, etc.

O poeta lyrico (recitando) :

— “No quadrante esquecido á margem da alameda,
nem a sombra ficou d' aquella hora feliz !
Não sentirei, já velho, a saudade de seda
d' aquella tempo azul em que eu tanto te quiz !”

O côro de azemolas :

— Bravo ! Bravissimo ! Muito Bem ! (Zurros e coices prolongados).

O poeta lyrico :

— “A noite já vem perto . . .”

O poeta satyrico (que, desgraçadamente, não fez versos) :

— E você, tão máo, quer adormecer-nos antes de chegar a noite !

O côro de azemolas :

— Atrevidaço ! Imbecil ! Zebroide ! (Chuva de pedras, assobios e garrafas sibilando no ar, como rimas.)

O poeta lyrico :

— Obrigado ! Obrigadissimo ! E' assim mesmo ! E' esta a corôa de louros . . . de louros e de espinhos ! Coragem, meu povo ! Guerra aos barbaros ! (Cae-lhe uma garrafa na testa.) Ai ! Soccorro ! Ai ! Corja de bestas ! Então vocês não enxergam ?

O poeta satyrico (illeso, atraz dum barril de chope) :

— Entre os versos e as garrafas, prefiro as garrafas. Tambem estão vazias, mas podem encher se !

O côro de azemolas (obrigado moralmente a applaudir) :

— Não é que o cabra tem a sua presença de espirito ? Ora essa !

O poeta lyrico :

— Eu morro ! Eu mo . . . rro . . .

E morre. Assistencia. Panno.

2.º acto — NO HOSPITAL

O poeta lyrico não morreu. Fôra uma syncope. No hospital, esvaído em sangue, pensado, tratado, mimado, faz versos á irmã Anna Maria.

O poeta lyrico (voz tremula) :

— “Brancura irreal de tuas mãos ! Brancura
que minhas mãos jamais hão de manchar !
Ha em ti a purissima doçura
dos lyrios . . .”

Entra um reporter.

O reporter :

— Está melhor ? Como passou ? Sua idade ? Residencia ? Doeú muito ? Como foi isso ? Quebrou a perna ? Seus livros ? O nariz vaé

bem? Apanhou? Bateu? Quantos eram? Mais de vinte? O café ficou es-
tragado? Está com somno? Tem um retrato bom?

O poeta lyrico (num sonho):

— Dos lyrios .. dos lyrios...

O repórter:

— Hein? Lyrios? ! Que negocio é esse? Falava em lyrios? Bri-
gou por causa delles? Que è de lyrios?

O poeta lyrico:

— Dos lyrios de Florensa... Uma rima em *ar*... Que diabo, è
tão facil!

A irmã Anna Maria:

— O doente não está bom. Tenha a bondade de voltar depois. O
epórter sae. O poeta lyrico descobre a sua rima em *ar*, e dá um pulo
mmenso que o repórter ainda observa, da porta. Panno.

3.º e ultimo acto (irremediavel) NA RUA

Os jornaes gritam a loucura do poeta lyrico. Um caso perdido.
A poesia nacional de Into fechado. Entrevistas. *Clichês* Comentarios.

Um transeunte:

Céos! Que horror! Enlouqueceu! Que horror! Céos! (Etc, etc. Cae
para traz)

O côro de azemolas;

—Hein? Que foi? Hein? Que foi? (Isso durante vinte e cinco minutos).

O transeunte (no chão):

—O poeta ... o poeta lyrico! enlouqueceu! meu sobrinho!

O côro de azemolas cae tambem para traz, soltando uivos e guinchos
horrorosos. Outro poeta lyrico (de pouca fama):

—Graças a Deus! Agora eu trepo!

Numerosos poetas lyricos:

—Eu tambem! Eu tambem!

Um burguez:

—Anda depressa, Serafina!

Serafina:

—Quinzinho, toma modo, menino! Olha a gente!

Quinzinho (novissimo):

—Eu quero vê... eu quero vê o que é isso!..

Um homem gordo:

—Quem? Enlouqueceu? Ah, sim.

Um homem magro:

—Coitado! tambem, a culpa foi delle.

Uma linda mulher:

— Elle vivia me perseguindo. Mas eu dei-lhe um contra!

Outra mulher linda:

—Bobo que elle foi, hein? Enlouquecer!

O poeta satyrico (atrás duma nymphá):

—Antes elle do que eu!

O côro de azemolas immobiliza-se. A noite cae como uma pedra.
Panno.

CAVACO

JUSCELINO BARBOSA

«Temos uma gravissima questão de ordem a decidir precisamente:—O cavaco será um direito adquirido, fará parte desse sagrado e inalienavel «jus vadiationis» que as tradições academicas já consagraram?

O nosso actual programma, com 80 theses a serem explicadas em 80 licções no minimo, é uma perspectiva tão aterradora que levaria logicamente á suppressão do cavaco, essa especie de exordio do curso. A vida de hoje, vertiginosa e cruel para os retardatarios e sonhadores, não admitte mais exordios nem cavacos; quer ir logo e depressa ao amago das coisas. Eu passei 8 annos ausente desta casa. Talvez dentro destes muros sagrados nada se tenha alterado; mas lá fóra houve tremendas mutações.

Nesses 8 annos dirigi estrada de ferro, fabriquei sola, abri terra e plantei batatas. Não acceito o simile do filho prodigo da parabola; esse senhor andou na farra e eu estive trabalhando. Não occulto a minha profunda e doce emoção ao me sentar de novo nesta cathedra. No meio da anarchia universal ainda é o Direito uma esperanza de reconstrucção. Estudal-o com amor é reconfortar o espirito. Vejam os senhores esse imperecivel monumento juridico da antiguidade —o «Corpus Juris», terror da mocidade estudiosa de hoje: mais do que as glorias militares, mais do que os bellos e numerosos monumentos architectonicos, foi elle que conservou e immortalizou o nome de Justiniano. Ortolan nos prolegomenos da «Legislação Romana» faz commentarios muito justos a respeito desse imperador, um dos muitos mortaes a quem a Historia denominou «grandes»! O proprio imperador diz com certa vaidade no preambulo dos Istitutos que o seu governo brilhou pelas armas e pelas leis:— *Imperatoriam magestatem non solum armis decoratam sed etiam legibus armatam...*

A biographia de Justiniano é um bello exemplo da predominancia do legislador sobre o militar atravez das perspectivas da Historia. As vezes essa mestra da vida faz com os grandes homens um trabalho de analyse de curiosissimos effeitos: distribuidas as victorias aos bons generaes, as instituições legislativas aos juris consultos, as obras primas de arte e poesia aos artistas e poetas—arranca-se a toga imperial e, sob a purpura descobre-se um reles homem que é apenas homem, isto é, fraco, as vezes dis-

forme, pequeno apesar de seu qualificativo de grande. Mas nós não somos historiadores... Justiniano foi victima de coisa parecida, observa Ortolan, não por parte da posteridade mas ainda dos seus contemporaneos.

Procopio, historiador das suas guerras, descriptor das construcções e edificios monumentaes, acompanhava os exercitos, examinava e estudava todos os planos e projectos de architectura. Naturalmente iria á larga, bem estipendiado, sem preocupações de carestia da vida, para manter o optimismo e a imparcialidade indispensaveis á verdadeira Historia. Que fez entretanto, o canalha? Depois de escriptos 8 volumes de narrativa por assim dizer official, preparou ás escondidas um novo — o *Livro de anedoctas* ou *Historia secreta*, verdadeiro libello contra os vicios e os crimes do imperador e principalmente da imperatriz. E diz sentenciosamente que o fez «para que todos os que exercessem mais târde o supremo poder se pudessem convencer, por taes exemplos, da execração que os espera pelos seus crimes» etc! Que sinceridade commovente! Oito volumes de elogios, de engrossamento e, ao fim, a confissão da propria mentira, da falsidade.

Historiadores taes são decerto o tronco ancestral de onde procedem os jornalistas que endeosam governos emquanto o Cofre das Graças não se fecha, e depois os insultam confessando assim a sua dupla torpeza.

«Uma cabana na Illyria e o throno imperial em Constantinopla» — eis as duas etapas, inicial e final, da vida de Justiniano. Nasceu em Taurisium. Seu pae chamava-se Zabatines, sua mãe Biglemiza. O seu nome verdadeiro em slavo era Upranda. Justiniano vem de Justino, nome do tio que o adoptou: a desinencia era usada para indicar a adopção. Justino foi soldado, tribuno militar, prefeito de Pretorio, depois imperador. O sobrinho adoptado acompanhou a fortuna do tio. Esteve pela Italia, junto de Theodorico, como retém deixado por Justino. Voltou a Constantinopla logo que o tio subiu ao throno e ahi perlustrou a escada das dignidades: foi *magister*, *coronel*, *patricius*, *comes*, *nobilissimus* e em abril de 527 foi creado Cesar e associado ao imperio. Meritos proprios ou influencia do tio? Procopio affirma que a adhesão do Senado foi forçada, outros historiadores sustentam que a iniciativa da proposta partiu do Senado. Quatro mezes depois, em agosto de 527 morria Justino, como se esperasse apenas garantir o throno ao sobrinho, e Justiniano em pleno vigor — com 45 annos de idade — envergava a purpura imperial. Com elle subiu Theodora, uma das grandes figuras femininas da antiguidade. Não levara ao throno uma collaboração de virtudes exemplares; muito ao contrario! Começara num circo, passara

pelo theatro e pelo celebre portico das prostitutas, o *Embolum*. No logar deste ella mandou construir depois, em expiação, o templo votivo de I. Pantaleão. As leis antigas decerto injustas e retrogradadas — prohibiam o casamento de actrizes, etc., com pessoas que tivessem a dignidade senatorial; mas Justiniano queria casar-se com Theodora. Que fazer? Revogarem-se as leis.

No Codigo 1. V titulo 4 *De nuptiis* encontraram-se em termos geraes as allegações de ser necessario um systema de egualdade mais liberal entre os cidadãos, abrir caminho ao arrependimento, applicar os principios da religião christã, que perdoa sempre aos que se querem emendar, etc.

Ut, si derelicta mala et inhonesta conversatione, commodiorem vitam amplexæ fuerint, honestalique sese dederint, liceat eis nostro supplicare numini... ad matrimonium eos venire permittentes legitimum.

E mais ainda: *Nam, omni macula penitus direpta et quasi suis natalibus hujusmodi mulieribus reddites, neque vocabulam inhonestum eis inherere de cætero volumus, neque differentiam aliquam eas habere cum heis qua nihil simile peccaverunt.*

Absolvição completa, agua lustral e purificadora de um novo baptismo. Isso fez justino para ser agradavel ao sobrinho.

Procopio exclama indignado: «Nenhum senador, nenhum preledo se oppoz ao casamento e aquelles mesmo que pouco antes apreciavam no Theatro do Povo as graças secutas de Theodora passaram prostar-se deante della como escravos com as mãos em supplica!»

Essa Theodora que Sardou immortalizou num drama admiravel, parece que foi realmente tremenda. Sua influencia era tal que o historiador daquella epocha João Zonaras affirma que «quando Justiniano chegou ao throno, não houve apenas um poder, mas dois: porque sua mulher era não menos e talvez mais poderosa do que elle». Em mais de uma occasião, elle lhe passou o sceptro e o governo; promulgara leis a seu pedido; os titulos, os triumphos, as inscrições nos monumentos publicos, até o juramento dos funcionarios eram em nome de um e de outro. Esse grande caminho tinha percorrido a extraordinaria mulher desde o *Embolum* onde se offerencia a quem quizesse pagar!

Era das taes a quem a Satyra de Petronio applicava o vocabulo *tapanta* — que em grego quer dizer tudo...

(Continúa no proximo numero)

SABEDORIA

A EMILIO MOURA

ABGAR RENAULT

*Homem ingenuo e descuidado, sê prudente.
A tua dôr é grande, muito grande,
e tua alma muito estreita . .
Teu coração é tão raso
e tão profundo o teu amor !
E' um minuto a tua vida,
e ha no teu sonho
um hausto de infinito,
e um gosto de eternidade . . .*

*Homem ingenuo, tem cuidado !
Vê que o teu sonho ainda é maior do que tu mesmo . . .
Que elle seja simplesmente
o reflexo perfeito
do teu ser imperfeito;
e que caiba na tua alma,
como dentro em tua mão.
Vive-o dentro de ti sómente,
numa serena realidade subjectiva :
Não o busques na Vida,
que a Vida não te conhece,
nem o conhece . .*

*Homem ingenuo, tem cuidado. Sê prudente.
Vê bem como és pequeno,
e como é luminoso e alto o teu sonho !
Tão luminoso, tão alto como uma estrella . . .
— Traze nos olhos tristes, si te apraz,
o fogo — pallido da estrella,
mas não alces teu braço, homem inquieto,
ao céu para colhê-la . . .*

Pobres dos pobres que amam!

MARIO CASASANTA

I

Quando passo pelas estradas desertas, nas horas melancolicas da noite, gósto de te vêr nas frestas de teu alto castello roqueiro, Senhora Princeza de olhos luminosos e de pelle branquissima de lyrios!

Em que cuidas tu, nas tuas horas de silencio?

Que escondes tu, no fundo profundo de teu pensamento?

Que buscam os teus olhos, quando os atiras para a noite?

Que figura tem Aquelle que tu sonhas e que tu esperas, tu—que vives entre as preces da tua capella e entre as flores de teu jardim, e que só sabes sorrir de leve nas festas mais ruidosas? Que figura tem o Principe de Encanto que tu sonhas que te vem buscar, na hora mais venturosa de tua vida?

...Oh! Princeza de olhos luminosos!

II

Dos paizes mais distantes, os Principes te vêm buscar. Altos, fortes, galhardos, ei-los a passar continuamente pelas estradas, num largo estrondo de armas. Dom Bravo, que venceu os homens mais féros e que tem apenae vinte annos! Dom Lyrio, que melhor sabe tanger a lyra! Dom Tello, com o seu semblante carregado, e que nunca foi vencido! Dom Baltazar, que conquistou os reinos mais poderosos! Dom Pedro, que possúe thesouros de lenda! Dom José, claro e firme, que é rico da maior virtude! O Principe da Serenidade—que é o mais sabio dos principes! O Principe Moreno, que lê nos astros e que é um grande Magico!

Dos paizes mais distantes, vejo-os a vir pelas estradas heroicas de nosso pais, para te encantarem os olhos, minha Flôr! Mas dize-me: em que tu cuidas nas tuas horas de silencio e por quem esperas tu, Senhora Princeza?

III

Tu não achas que Dom Bravo devia de ter mais de vinte annos, quando venceu os homens mais féros?

Dom Lyrio tange, com belleza, a lyra de oiro: mas nunca ouviste dizer que a voz de sua lyra e de sua bocca é para todas as castellãs do Reino?

Dom Tello parece de facto robusto e temeroso. Mas achas que elle luctou com os maiores luctadores, para ter o direito de se chamar o Invencivel?

Dom Balthazar conquistou os maiores reinos. Mas não achas que Dom Balthazar é desageitado e rudo?

Dom Pedro alardeia o maior thesouro. Mas não dizem os mendigos que taes thesouros têm uma origem infame e que elle os roubou no mar?

Dom José tem a maior virtude. Sabemos lá, porém, quem tem, nesta terra, a maior virtude, se não podemos olhar para dentro dos corações humanos?

O Príncipe da Serenidade é o mais sabio dos principes. Mas não achas que elle é taciturno e amargo?

O Principe Moreno lê bem nos astros e é um grande Magico. Haverá, comtudo, alguém que venha a adorar um feiticeiro?

I V

Nossa Senhora, andando pelos nossos caminhos, disse, um dia, a um velho monge que morria de velho, ao pé daquella montanha distante: «Que a Felicidade está muitas vezes perto de nós e que não a devemos buscar muito longe»...

Tu sabes o que dizem os livros velhos de nosso paiz? Que um Reis fatigado de procurar por todas as terras algum principe digno de desposar a sua filha e de frzer feliz o seu povo, escolheu—um nobre pastor entre os pobres pastores de nosso paiz. «El foram muito venturosos e o seu reinado foi mesmo um sorriso». acrescenta o livro das lendas...

V

Que é que pensas, nessas horas melancolicas da noite, minha Princeza de olhos luminosos?

Porquem esperas tu a olhar para as estradas longas e alvas?

Que buscam os teus olhos, quando os atiras para a noite?

Que pensas dos vultos galhardos dos principes que te passam de-baixo dos olhos, pluma ao vento, num rebrilhar de armaduras formosas?

V I

Tu não conheces a vida de teu Paiz, oh! Princeza! Nestes valles, ha luctas heroicas entre os teus pastores—e sabes tu, por acaso, quem é o vencedor? Ha entre os homens de tua terra--formosos homens--e sabes, por acaso, quem é o mais formoso? Nas guerras terriveis de teu pae, ha soldados valentes--e sabes, por acaso, quem é o mais valente? Nas noites de encanto, entre as trovas ricas dos cavalheiros estranhos, ha patricias trovas de ternura que fazem chorar--e sabes, por acaso, quem trova melhor entre os pastores de teu Paiz? Pergunta, que te dirão, oh! Princeza de olhos luminosos e de pelle branquissima de lyrios! Pergunta, que te dirão, Senhora!

...Oh! Senhora!



Os livros e as idéas

Brasil

«PAULISTICA» — Paulo Prado — S. Paulo — 1925.

Precisamos toruar a historia cada vez mais historia. A critica nesse terreno tem de ser necessariamente parcial e tendenciosa. O estado de espirito de um historiador não pode ser o de um quimico contemplando um precipitado. No fundo, a historia é um acto de fé. Deste modo poderia a critica cair no puro diletantismo? As avaliações dos factos passados não indicam uma optica friamente intelectual. O passado não é um museu em que o visitante passeia um olhar de vidro. E' cousa viva. Posso assegurar-o a todo o mundo. Ela se esterilizaria numa atmosfera de pura intellectualidade.

Não se trata de constituir-a ao sabor de personalissimas creações arbitrarías. Aqui, a verdade se gradua pela força historica, pelo valor construtivo do acontecimento. E' o caso que certas lendas são mais profundamente verdadeiras do que factos meridianamente provados. Isto porque ellas se prendem ao fio das tradições e fazem parte das raizes de um espirito nacional. Como se vê a simples imparcialidade ou a indiferença comprehensiva falsearia a visão dos factos historicos. Eles não querem ser contemplados mas vividos.

Como é estúpido e improductivo o rigorismo da exegese documentaria o fetichismo do papel escripto. O que se exige é a transformação ou mesmo a transfiguração dos acontecimentos registrados em historia. Falo a proposito dos estudos do Sr. Paulo Prado. A meu ver oferecem bastante interesse. São feitos com intelligente parcialidade. E' sempre proveitoso qualquer trabalho no sentido de se recompor o nosso ambiente historico. Ha uma romeça dispersão dos nossos factos passados. A pura documentação nada adianta. Anda por ahi carangueijando um assiscintrismo livreco e improductiuo a que precisamos dar cabo.

Fóra a inspecção administrativa dos factos passados! Sr. Paulo Prado não realiza propriamente uma grande sintese ou visão de conjuncto da historia de S. Paulo. Traz esclarecimentos de algumas fases importantes. Nuuca é demais falar do bandeirismo paulista. Naquelle estado a atmosfera historica não apresenta a mesma rarefacção que se observa nos outros. Dahi um tipo paulista um tanto diferenciado. Estudal o atravez das reacções psiquicas do seu cruzamentos, das pressões ambientes, das circumstancias sociaes que acompanharam o seu desenvolvimento, é mostrar o seu gráo de diferenciação.

A organização e a expansão da sociedade vicentista nos nossos primeiros seculos são pontos importantissimos da nossa evolução social. Foi,

ahi, o foco do movimento expansionista das bandeiras. Mais um pouco ao norte a lenda maravilhosa das minas leva os homens, apenas, a pequena distancia da costa. A ambição não foi o unico factor. Os latifundios de S. Vicente e S. Paulo estavam maravilhosamente aparelhados para aquella empreza. Vejam Oliveira Vianna. Ele nos indica os factores sociais e antropologicos que transformaram o dominio rural fixo em verdadeiro dominio em movimento.

E' o transbordamento do excesso humano dos engenhos. E' a continuidade da acção do nomadismo guerreiro das entradas ao nomadismo explorador dos bandeiras. E' a miseria que a densidade demographica dos latifundios vinha trazendo agindo como força de deslocação. E' o proprio desequilibrio psicologico do forte grupo mestiço e a sua instavel posição social intermedia a dos senhores de engenho e a dos escravos.

Desperta muito interesse o capitulo em que estuda a decadencia paulista no seculo XVIII. Houve, de facto, decadencia? Os periodos obscuros em historia se caracterizam algumas vezes por um trabalho subterraneo de valor inestimavel. Vivemos a julgar mal as pequeninas idades medias do passado. Realmente como nos aponta o Sr. Paulo Prado a paralização da vida no seu estado se deu pela dispersão imensa da população rural pelos sertões. Mas acabado o delirio minerador? O paulista já não traz as qualidades fortes da nobreza primitiva. Amoleceu a sua fibra-tura rija na existencia dissoluta dos nucleos mineradores. A propria seleção que se fazia no isolamento dos latifundios desaparece no tumulto das minas. A massa compacta das povoações dá logar a uma vida promiscua.

O quadro aristocratico dos senhores territoriaes se fende. O paulista se abastarda em contacto com os elementos mais extranhos. Entretanto é naquelle periodo obscuro da historia paulista que se realiza o trabalho de fixação do homem á terra. E' quando se dá a penosa transição do nomadismo do bandeirante e do primitivo sertanista para o sedentarismo do cultivador dos campos. Até ali, o homem tem sido um infixo. Sua posição é inteiramente instavel. Antes da descoberta das minas dominava naquelle estado o regimen pastoril que, se apresentando sempre com um caracter de turbulencia, impedia aquella adaptação á terra. O regimen agricola a trouxe. afinal. De resto, é preciso dizer que o dinamismo da natureza intima do bandeirante não desapareceu da constituição subconsciente do paulista. Estruturou o tipo actual. E a prova está nos empreendimentos do seu brilhante industrialismo e nos esforços libertadores de seu intellectualismo.—M. de A.

AZAS E PATAS—Paulo Silveira—Rio—1924

E' o diabo o sr. Paulo Silveira não querer se compenetrar das conquistas do espirito moderno entre nós. Que pena! E' um rapaz tão interessante. Lá vai indo de confusão em confusão. Atrapalha tudo. Continúa a levar susto dos espantalhos academicos. Insiste em apedrejar. Pensa que a destruição tem seu fim nella mesmo. Está perdendo um tempo precioso. A maior lucta que elle

tem a realizar é contra elle proprio. O anti-academismo póde ser um academismo ás avessas. Para o sr. Paulo Silveira o «moderno» é uma attitude retorcida do espirito e não uma disposição da intelligencia e da sensibilidade.

Não manifesta nem pela compreensão nem pela expressão a sua renovação intellectual. De algazarras já estamos cheios. O que falta ao autor de «Azas e Patas» é educação artistica. A sua sensibilidade é grosseirissima. Está pedindo uma disciplina rigorosa. Eis um que não deve falar em liberdade. Foi Marinetti e outros sujeitos insupportaveis de além-mar que o botaram naquelle estado de confusão intellectual. Digamos a verdade: o sr. Paulo Silveira aproveitou-se do movimento artistico reformador para chamar a atenção sobre si. Foi o meio mais facil que encontrou, para irritar a platéa. Sua preocupação dominante é o publico. Como se vê não posso encarar-o como critico.

Para isso lhe faltam todas as faculdades características. Largueza de compreensão. Simpatia pelas idéas. Poder de observação. Poder analitico. Um ou outro traço de sistematização. Tendencia logica da preferencia. Intelligencia voluptuosa da escolha. Multiplicidade de pontos de vista. Sem malabarismo de idéas. Sem versatilidade dileitante. Com noção exacta da perspectiva no dominio da estetica. Nada disso encontramos no sr. Paulo Silveira. Não posso julgá-lo mais do que um interessante panfletario. Neste caso, muito brilhante. É possuidor de uma boa estrategia intellectual. Toma sempre a ofensiva. Atira palavras como um moleque atira pedras. Boa pontaria. As vezes, acerta em cheio. Tem vibração. Tem fibra combativa. Tem liberdade de movimentos. Emprega um verbalismo bem sonoro. É verdade que atravez da espessura verbal de suas expressões a gente não consegue distinguir nenhuma idéa.

O que o rapaz tem é talento de caricaturista. As suas caricaturas nos arrancam um bom riso, o que compensa uma ou outra irritação que seu autor nos causa. É um grande pandego, o sr. Paulo Silveira. A gente acha uma bruta graça quando ele nos diz que o estilo do sr. Medeiros e Albuquerque é uma caixinha dentro de outra caixinha que por sua vez está dentro de outra caixinha ou que o sr. Felinto de Almeida registra os seus versos na Junta Commercial.

São impagaveis essas interpretações burlescas, essas impertinencias pitorescas. O autor de «Azas e Patas» não leva a serio ninguem. E nós lhe pagamos na mesma moeda. Não levamos em consideração as tolices que disse a respeito da intellectualidade paulista. Esta, não se representa só por Mario de Andrade mas tambem por personalidades inconfundiveis como Osvaldo de Au-

drade. Guilherme de Almeida, Tarsila do Amaral, Couto de Barros e outros. Do mesmo modo não tomamos conhecimento da afirmação de que tem concorrido extraordinariamente para a renovação intelectual entre nós. Afinal ia me esquecendo de falar das metáforas que o espirito do sr. Paulo Silveira esguicha como um repuxo. Não ha nada mais arcaico entre nós. São de um preciosismo insuportavel. Precisam ser abolidas.—M. DE A.

ESTETICA. 3.º numero. Rio 1925.

A «Estetica» continúa a dar gosto a gente. Representa sem duvida o melhor indice da intellectualidade brasileira. Oferece uma compreensão perfeita do espirito moderado na sua face constructiva. Prudente de Moraes Neto e Sergio Buarque de Hollanda estão realizando um bellissimo trabalho de concentração dos elementos dispersos do nosso meio intelectual. O 3.º numero está excelente. Orientação segura. Força na criação artistica e intelligencia nas idéas criticas. O que mais se exige? Inicia o numero o Noturno de Bello Horizonte que vem marcar definitivamente não só a nova fase do espirito de Mario de Andrade como de toda a nossa poesia.

Dansas foi realmente o ponto de transição de Paulicéa para o Noturno. Naq. ela poesia a gente admira, sobretudo o prodigio da expressão tecnica. O elemento lirico tem menos intensidade. Dela decorre o dominio completo de Mario sobre a propria sensibilidade. A realização formal, a intellectualisação do lirismo agiram como força disciplinar. No Noturno se estabelece o equilibrio entre os meios expressivos e a massa lirica. Caracter constructivo perfeito. E' como disse uma fase inteiramente nova da nossa poesia. Até aqui temos visto que a preoccupação dominante dos nossos poetas é a natureza. De de a escola mineira passando pelos romanticos até os parnazianos. Poucas são as notas humanas na nossa poesia. Resoam elas algumas vezes, nos versos de Castro Alves, Gonçalves Dias, Fagundes Varella, Alvares de Azevedo e Bilac. Sem intensidade. No fundo, são poetas descritivos. A natureza tropical os escravisa. Usam e abusam da formula romantica de inadaptação. Não acharam o seu centro de gravidade no nosso meio. Eis o que Mario encontrou. Não sofre a menor pressão ambiente. Calçou melhor que ning. m o homem á nossa realidade. Pronto. Eis onde eu queria chegar. A natureza já é a sua preocupação escravizante. Exprime a sua dominação espiritual sobre ella pela evocação. Não se humilha nem se aba. dona á impressão brutal e directa do meio físico. Domina-a. Funde-a num estado de pura rememoração.

Sem prejuizo do fluxo lirico. Sente h'istoricamente a nossa paisagem natural. Corrigiu o seu excesso com um fundo humano. Disciplinou a sua abundancia. Tranquilizou o seu tumulto. Eis porque já falei na tentativa de equilibrio, em arte, dos nossos elementos decorativos.

Tem festa de Tejuco pelo céu!...

Barbara Heliadora desgrenhada louca
dizendo versos dece a rua Pará».

Desses versos nos vem uma impressão absoluta de tranquillidade. Já se vê que o exagero do ambiente natural foi alinhado pela perspectiva historica. Não é mais a pura representação da realidade exterior. O plano de fundo dessa poesia é o homem.

Agora a gente pode compreender realmente a precisão e unidade do sentimento brasileiro em Mario. Lembro mais o episodio quasi epico do Rola Moça em que se vê como o elemento lirico intensissimo vem do fundo das nossas tradições das raizes do nosso espirito. E' isto mesmo. Ao ler o Noturno a gente tem o prazer de um vegetal que sentisse as proprias raizes. O final do poema não tem a mesma força poetica do resto. Me parece que se deu, ahí, um resfriamento intelectual. As ideas são muito puras e muito frias. A atmosfera é outra. O ar é rarefeito. Respira-se mal. Mas não será preciso dizer que a visão ciclica de Mario exige aquele final que não quebra a unidade da sua poesia.

Vamos ás outras poesias da revista. Guilherme de Almeida mostra-se admiravel em Febre Amare'a. Manuel Bandeira me impressionou muito em «Eu não sei dansar». Vem confirmar o meu ponto de vista. A poesia dele é um acto do corpo. A melhor observação é mesmo a sua: «eu não sei dansar». Posso garantir que si Manuel aprendesse a dansar seria o maior poeta brasileiro de todos os tempos. Prudente de Moraes Neto apresenta outra face do seu espirito. Baependi é interessantissimo. A gente lê com gosto. Mas achei pouca poesia dentro dos versos. Penso que sua intelligencia critica muito forte exerceu uma pressão excessiva sobre a impulsão lirica. Em todo caso, é coisa boa o poema dele. Carlos Drummond mostram a força dessa geração nova mineira que surge com ele. Pedro Nava, Emilio Moura João Alphonsus e outros. E' sem duvida o espirito mais representativo. A sua poesia Construcção é notavel. Indica bem uma frescura primitiva de sensações, uma abundancia de elemento lirico, uma originalidade nativa. Drummond chega quasi a definir um sentimento mineiro com a sua ingenuidade maliciosa e sua «humildade bonita». Nada tenho a dizer sobre as poesias de Minotti del Pichia e Andrade e Almeida e Arinos Sobrinho. São os mais fracos. A prosa toda está excelente. Couto de Barros apresenta um magnifico trabalho

crítico. Joga com ideias que correspondem immediatamente a realidades. Eis um que não pensa segundo os manuaes de psicologia. Não cataloga nem classifica. Submete os espiritos a um corte vertical. E' um analista fino. Dá conta da natureza fisica das cousas. Não cae no vago e no abstracto. O mundo do seu pensamento é dotado de movimento e de vida. Faz descoberta de leis e revela factos interessantes do nosso quimismo intellectual. Trabalho solido, na verdade.

Sergio Buarque de Hollanda faz um belo estudo sobre o nosso psiquismo subconsciente. Traz bons esclarecimentos. *Penso que devemos andar com cuidado nesse terreno. Os francezes estão fazendo do subconsciente um superconsciente. O supra realismo é uma receita. O manifesto veio antes da criação. Procura impor ao espirito determinados meios expressivos. Crea jogos de puro ilusionismo. Certas obscuridades das obras supra realistas se assemelham muito com o «inacabado» das creações de Rodin. São bem arrançadas. Não produzem efeito depois que a gente descobre o mecanismo do *só pra atrapalhar*. Os francezes estão fazendo do subconsciente o que fizeram da psicologia de Dostoiewsky quando começaram a usar uma formula do horror á russa, outra do abismo psicologico, outra da simultaneidade dos sentimentos contraditorios. O verdadeiro papel do subconsciente é de enriquecer a intelligencia. Afinal, Tristão de Athayde já penetrou no trabalho a que me refiro com a profundidade critica que lhe é peculiar. Outros trabalhos interessantes são de Millietto e Teixeira Soares.

A orientação critica está como disse excelente. Rodrigo de Andrade mostra com muita intelligencia o erro fundamental de Graça Aranha nas suas considerações sobre o espirito moderno. Prudente de Moraes Neto que se vem revelando um dos nossos melhores criticos estuda com profundidade «Escrava que não é Isaura». Discordo de algumas de suas ideias que não me é possível discutir em poucas linhas. O mesmo acontece com relação ao penetrante trabalho critico de Mario de Andrade sobre o «Meu». M de A.

...ESSE AMOR QUE VEM ATRAZ DE UMA BATALHA...—Manoel Victor (M. Victor e Basile, editores. S. Paulo).

Folheando este volume do sr. Manoel Victor, estive a pensar que a maior praga de nossa literatura não é a ausencia de sentimento brasileiro, é a depravação de seu romantismo. Casimiro de Abreu continúa a repetir-se monótona e desoladoramente na maioria de nossos poetas e mesmo prosadores. Tosso, febres, hemoptyses, luar. Ah! o

luar! a tosse! as hemoptyses! A tosse diminuiu um pouco de valor; mas o luar continúa como elemento importantissimo de inspiração. Ha camuflagem, não nego. Mas sob a camuflagem permanece o torpe romantismo, já viciado em Casimiro e viciadissimo na actualidade. O livrinho do sr. Manoel Victor, de que trato por dever de officio, é um exemplo. O autor, em 101 paginas escriptas exclusivamente prá sua namorada, nos fala em «osculo enlvarado de mysticismo», «sol trahidor que é o factor da adustão que vae nos corações amantes», «manhã garrula e céo pando de brisas», «luzerna do crescente», «incenso thuricremo», e se mostra «edulcorado de blandicia tanta». Com franqueza: prefiro beber este agua na bica do Casimiro, que é mais potavel.—D.

Uruguay

«EL ARQUERO» e «LA CASA ILUMINADA»—Ildefonso Pereda Valdés - Montevideo.

Nós tivemos aqui um grande amigo da literatura hispano-americana—o sr. J. A. Nogueira. Mas nem por isso essa literatura encontrou novos divulgadores de sua produção volumosa. Continúa quasi desconhecida. A razão disso está muito patente. Vamos á Europa com mais facilidade. Já possuímos guias seguros que nos levem ás fontes verdadeiras e fecundas de sua fermentação espiritual. Ninguem se quer dar ao trabalho de procurar e de examinar, no seio de outras literaturas, obras que mereçam o carinho de nossa admiração. Aqui, por exemplo, estão dois livros do sr. Ildefonso Pereda Valdés, de Montevideo: «El arquero» e «La casa iluminada», o primeiro de ensaios criticos; o segundo de versos. Confesso que desconhecia esse autor, desconhecendo os seus livros. O sr. Valdés era apenas um nome que eu já vira em jornaes e revistas. Entretanto estamos deante de um verdadeiro poeta, de um poeta que sabe realizar uma poesia nova e expontanea, em nada semelhante a esse desperdicio verbal e de imaginação tão ao gosto de certos poetas sul-americanos. Mesmo na sua prosa notamos o rastro de sua poesia. Sentimos, alem disso, como elle é pessoal e sincero, quando procura estabelecer que são «el desinterés y la pureza de sentimientos estéticos los dos elementos esenciales de arte». Está ahí um espirito que sente todas as cousas fazendo o possivel para comprehender o sentido verdadeiro de cada uma dellas. Está longe de fazer da critica uma cadeia de dogmatismos. Não procura apertar as impressões que recebe até que essas caibam numa dada equação individualista, a querer que á propria esthesia corresponda o feitio de todas as cousas. Mas nem por isso cae no erro contrario, anulando a propria personalidade. Para salvá-lo dessa tendencia ha o seu fino gosto intellectual. Dessa maneira vae proseguindo na sua criação entre um subjectivismo intelligente e um razoavel objectivismo. Vae anotando os autorescom uma sabedoria discreta, sem pretender mais do que realizar uma obra de since-

ridade e belleza. Está mesmo nesse feitio o seu traço mais acentuado. Foge ao dilettantismo, ás opiniões apressadas e calorosas, a tudo que não trae esse equilibrio e clareza essa de espirito que parecem ser a sua verdadeira preocupação. Podemos dizer d'elle o contrario do que diz a respeito de Wilde, no seu livro de ensaios: "Wilde se alejó de la sencillez y de la naturalidad, fuente del arte verdadero, y se afectó mucho." Possuindo num grão muito elevado o prazer das idéas e amando as imagens com uma disciplinada voluptia, o sr. Valdés, vai tecendo a sua obra com doçura e penetração. "El arquero" é um pequeno volume de ensaios. Ha ahí estudos sobre algumas figuras intellectuaes que bastam para testemunhar o bom gosto desse escriptor nas suas predilecções. São figuras como Jules Romains, Vildrac, Mallarmé, Wilde, Leon Bloy, Poe, Remy de Gourmont, etc. Se ha alguns estudos ligeiros, quasi superficiaes, como aquelle sobre Vildrac, ha outros, admiraveis de idéas e de intuição creadora, como as notações sobre Poe e sobre Wilde, como ainda aquella outra pagina a respeito de Leon Bloy.

*

E' curioso notar o que diz esse poeta, falando do "modernismo" "Así el modernismo si diferencia del romanticismo más que nada en las imagenes" Antes já havia dito: "mejor dicho, es o unico (a natureza das imagens) que caracteriza y diferencia a los movimientos literarios." Até certo ponto, de accordo. Mas pensar dessa maneira é ver o problema no que elle possui de exterior. As imagens são um recurso da intelligencia, e nunca a expressão exata do que nós possuímos de interior e de diferenciado, a propria essencia da nossa personalidade. Querer julgar, por exemplo, um poeta como Cocteau pelo capricho das suas imagens ou pela scintillação de seu verbo, é ficar muito longe da complexidade diabolica desse espirito perturbador. E' verdade que se poderia fazer um estudo dos movimentos literarios, valendo-se muito desse ponto de vista. Podia ser até curioso. Mas isso seria apenas focalizar uma manifestação diferenciadora. Por outro lado surgiria logo uma outra difficuldade. As imagens vivem do capricho do nosso momento creador e emotivo e trazem um pouco da leviandade desse capricho. Que diferença, por exemplo, entre a natureza das imagens na obra de um Giraudoux e na de um Max Jacob! O que faz com que elles sejam modernos é menos a natureza das imagens do que o proprio espirito da obra de cada um delles, é menos a expressão verbal do que a expressão interior. Não podemos, portanto, gyrar todo o problema do modernismo somente sobre uma de suas faces.

Mas o sr. Valdés acaba sempre deixando em nós alguma cousa de curioso e de intelligente, mesmo quando não accetamos as suas idéas. Em qualquer sentido que se dirija, o seu pensamento é rico e voluptuoso. E é encantadora a sua arte. Si nelle, alem do critico ha o poeta, é para que este lhe traga ao senso da analyse uma expressão de bom gosto, numa forma literaria que possui o seu maior encanto na simplicidade com que se desenvolve. Para que se pense assim basta que se tenha lido o que elle diz de Poe, por exemplo: "Poe era un matemático de la imaginación, y reducía toda su imaginación a formulas." Ou de Remy de Gourmont: "...es un Epicuro refinado por la inteligencia y la cultura.

En Gourmont cuesta separar lo intelectual de lo sensorial y no sabemos hasta que punto es intelectual y hasta que punto es sensual''. Não são notações estas que valem por todo um ensaio de critica? E. M.

França

AU COEUR DE VERLAINE ET DE RIMBAUD—Marcel Coulon
(«Le Livre». Paris, 1925).

O velho ménage Verlaine-Rimbaud continúa a impressionar os letrados de França, que não se cansam de inventariar a roupa branca, as attitudes e os feitos daquelle casal. Desconfio que o leitor francez já se aborreceu disto. O leitor brasileiro é que não tem nada com o peixe. Livros como este do sr. Marcel Coulon nos causam uma grande decepção, por isso que procurando nelle uma visada psychologica, ou uma interpretação mais recente da obra de Rimbaud (a de Verlaine está exausta), achamos apenas informes bio-bibliographicos, de duvidoso interesse. Com effeito, que nos importa saber:

1.) que «longas circumstancias de sua vida, muitos traços de seu character, certas porções de sua obra dão a Verlaine tanto direito de se dizer londrino quanto a Beyle de se proclamar milenez»? Isto já foi dito, não é essencial e nem ao menos rigorosamente verdadeiro.

2.) que nos «Romances sans paroles» o poeta escreveu taes e taes versos inspirados pelo seu béguin e outros tantos destinados a se desculpar aos olhos da justiça? A gente leu os versos, gostou mais deste aqui, menos daquelle outro, e prompto. O resto é—foi—com as partes no divorcio de Verlaine.

3.) que o soneto «Poison perdu» tem sido attribuido por Fulano e Fulano a Rimbaud, mas que Beltramo e Sicrano negam sua authenticidade? Tudo para terminar (um estudo de 40 paginas) com a seguinte affirmação: «Quanto a mim, penso que o soneto não é de Rimbaud, porque tatatá, tatatá...» E começar outra vez.

4.) que «na lista dos casamentos que acabaram mal, a união de Paul-Marie Verlaine com Mathilde-Sophie-Marie-Mauté, celebrado a 11 de Agosto de 1870, occupa um bom lugar, o primeiro sem duvida, si se trata de casamentos que interessam á Anthologia»? Neste ultimo capitulo, o autor, sob pretexto de illuminar suas divagações, publica duas peças do processo de separação de corpos, o que, sobre ser inutil, me parece repugnante.

O livro contém ainda um inedito «authentic» de Rimbaud, que despertará curiosidade, e uma glosa sobre «Une saison en enfer», talvez o estudo mais penetrante de todos, pois é onde o sr. Coulon se esforça por demonstrar a ausencia de sentimento religioso no decantado poema. O que—como diz o sr. Tristão de Athayde—certamente lhe será levado em conta.

Afinal, tudo perfeitamente dispensavel—D.

MARGINALIA

Simplem logica

JUSCELINO BARBOSA

Houve, nos tempos remotos da Grecia antiga, um heroe ou philosopho (coisas talvez synonymas...) que entendeu dizer umas duras verdades ao poderoso do dia. Como não havia imprensa, as verdades eram ditas «coram populo» na tribuna, em cara a cara com o Governo ou tyranno (coisas talvez synonymas tambem...)

Fresco modo de fazer opposição... sem immunidades. E a prova de que não havia immunidades e que certo dia sahiu rolo grosso entre o tyranno e o seu amigo opposicionista.

O tal da opposição apanhou seriamente. As opposições foram feitas em regra para apanhar.

Antecipando de alguns seculos a palavra mansueta do Christo que manda offerecer a outra face, depois de esbofetado numa, o tal opposicionista grego gritava em meio da pancadaria:

—Bate, mas escuta!

Aguentar pancada só pelo gosto de continuar a dizer verdades e apanhar dizendo ou dizer apanhando, são coisas dos tempos classicos em que o Povo era menos e as virtudes eram mais.

Hoje a interpretação dos textos é aquella do Conego Dias na reunião dos beatos da rua da Misericordia, quando o felizão do Padre Amaro, depois da surra do

João Eduardo, gabava-se de ter sido generoso, de ter perdoado lembrando-se das palavras do Christo:

—Eu lhe digo. Eu, si me atirarem um bofetão á face direita... Emfim, são ordens de Nosso Senhor Jesus Christo, offerço a face esquerda... São ordens de cima! Mas, depois de ter cumprido esse dever de sacerdote, oh! senhores, desanco o patife!

Assim quem for amigo desinteressado do Governo ou tyranno em exercicio, não só deve continuar a dizer as verdades que a consciencia lhe dictar, como fica tendo direito a desancar os patifes do Governo, isto é, os alugados que insultam quem não diz amen a despropósitos.

E' essa a outra face que se deve dar... á questão. Simplem logica.

Os nossos collaboradores

Chamamos a attenção de nossos leitores para a qualidade da produção literaria que lhe offerecemos com este numero, por muitos titulos excepcional. Parecia difficil, senão impossivel dotar Minas com uma publicação que, conservando o maximo de cor local, reflectisse nitidamente as aspirações collectivas da nova intellectualidade brasi-

leira. «A Revista» não é mais que uma tentativa neste sentido. E uma tentativa feliz, ousamos afirmar agora, recapitulando a nossa actividade nos primeiros mezes de existencia. Agradamos os resultados obtidos. Porém não nos satisfazem. Pretendemos trabalhar ainda mais, trabalhar a valer, pela «tolice de trabalhar», como dizem os profissionaes do desencanto. Este 3. numero fala melhor que os nossos projectos. Entre varios outros nomes de responsabilidade na obra de renovação cultural do paiz, assignam trabalhos Ronald de Carvalho, Guilherme de Almeida, Manuel Bandeira e Mario de Andrade. São os poetas mais representativos do nosso momento, os que já realizaram mais, e os que concentram maiores possibilidades quanto á crystallização de um «sentimento» nacional em poesia. Qualquer destes nomes envaideceria uma publicação literaria. Os quatro reunidos produzem uma singular impressão de força que estamos certos, nossos leitores saberão estimar em sua justa significação: a de um índice poderoso da renascença espiritual do Brasil.

—

O trabalho «Cavaco», do nosso collaborador dr. Juscelino Barbosa, foi lido na aula inaugural de Direito Commercial do 3. anno da Faculdade de Direito, como, por descuido, deixou de ser assignalado no cabeçalho. Ha nelle alguns erros de

revisão, entre os quaes um, mais grave, requer convecção immediata: a troca da palavra consul pelapalavra coronel.

Pobre Justieiano!

Tres exposições

A primeira, no Club Bello Horizonte, é do sr. Genesco Murta, joven pintor mineiro que já foi duas vezes á Europa. Antes de mais nada, accentuemos que, em vez de irem á Europa, os nossos artistas devem é regressar urgentemente de lá. Basta de Louvres e Raphaelis! Na maioria dos casos, nada lucramos com essa peregrinação á poeira passadista dos museus. Aprende-se a fazer pintura, não se aprende a pintar. Não é esse totalmente o caso do sr. Genesco Murta, que, entre duas excursões ao cada vez mais velho mundo, nos offerece uma porção de morros do Castello, todos mais ou menos interessantes, todos dignos de attenção, porque revelam um gôsto do ambiente nacional raramente observado em nossos artistas. E' a melhor coisa do sr. Genesco, esta exploração pictural do Castello, si bem que elle raramente nos satisfaça com o seu desenho pouco firme e o seu colorido quasi sempre artificial. Alguem nos lembrou que o sr. Genesco é impressionista. Duvidamos. Evidente que elle não assimilou nem os principios da tecnica nem a essencia desta escola. Não vemos em seus trabalhos aquelle estudo da luz levado ao infinito nas télas de Manet, Renoir, Sisley e Berthe Morizot nem a sublime indiferença pelo assumpto do quadro (para nós, o lado

que «ficou», do impressionismo), que emfim ajustou a pintura á sensibilidade moderna, tornando possível a estylização tanto do jardins, lagos, montanhas, nús, como de canecas, pratas, cadeiras, jornaes. Onde a dissociação das tonalidades, a vigorosa, scientifica mesmo, decomposição dos feixes luminosos, tornando a paizagem um puro pretexto para se estudar a vibração da luz na atmosphera e a sua projecção na superficie dos objecto? Por outro lado, o sr. Genesco pinta «exclusivamente» paizagens escolhidas, selectas, «pintaveis», com o respectivo repuxo si é jardim, onda revirada si é praia, casinha de sapé si é sertão.

Isto não quer dizer que o sr. Genesco Murta não seja um bom pintor. E! Muito bom mesmo, para o nosso meio acanhadissimo. Contudo, não tem um toque decidido de modernismo nem afeiçõa as possibilidades de sua arte á realidade de nossa natureza. Viajando a Europa, cremos que não se interessou pelas pesquisas das novas gerações franceza, hespanhola, italiana, allemã (tanta coisa, meu Deus!) e por isso não trouxe daquellas terras a unica licção aproveitavel, que é a de independencia absoluta,—cada um dono de seu nariz, e os mestres que se fomentem.

Destacamos com sympathia o seu “Coradouro” (n. 11), onde o pintor se revela sabedor de sua arte e desenvolve com vantagem a sua maneira. “Praia do peixe” (n. 34) é alegre e movimentada. Retratos, sem vida interior.

*

A segunda é do sr. Antonino Mattos (esculptura e pintura), installada no Conselho Deliberativo. Es-

te é dos que, modelando uma figura, lhe dão por título “Dans l'ombre”, e pintando um quadrinho, “Il neije”. Não sabemos porque se deteve ante o “projecto para o monumento da Liberdade”, que em francez (inclusive o Tiradentes) ficaria mais bonito. A proposito: toda a estatuaría brasileira antiga e moderna não vale o grupo monumental do sr. Victor Brucheret, “A volta”, em que o formidavel escultor paulista condensa a aventura dos bandeirantes.

Gostamos mais do sr. Antonino como escultor do que como pintor, embora em nenhum dos dois caminhos elle revele personalidade a parte. Meio termo. Sua “Chorosa” (n. 9) chora mesmo, com o corpo todo, e agrada um pouquinho. Mas todas estas figuras são classicas, todas já foram vistas, e dão idéa de segunda edição.

Deante dos quadros, a impressão é identica. Não ha um só trabalho do sr. Antonino Mattos que nos faça exclamar: “Eu nunca vi isso, pelo menos dessa maneira; este pintor «achou» qualquer coisa de novo na natureza. Suas paizagens estão perfeitamente em ordem, aguardando o espectador ou o photographo. A technica é repousada, solida, mas impessoal. Technica de Escola de Bellas Artes. Sem arrepios. “Interior de floresta” n. 1) tem um verde viscoso, que repugna. No n. 3 “Rochedos”, as pedras, em cuja estrutura se descobre facilmente o escultor, são de oleoso desagavel. Tem relevo, porém não aspezeza. O resto são uma porção de quadrinhos de 25 centímetros, inclusive moldura, mais ou inenos inexpressivos.

A terceira é do sr. Virgilio Maurício, que se expoz a si mesmo, varios dias, nas ruas desta capital.

N. da R.—Deixou de sahir no n.º anterior por absoluta falta de espaço.

Satie

Foi vagamente noticiada no Brasil a morte de Erik Satie. E pouca gente ficou sabendo (é verdade que pouca gente o conhecia) do fim deste grande compositor, a cujo nome está ligada a evolução da musica franceza nos ultimos annos. Satie deixou uma technica e uma expressão, o que é tão raro e perturbador. Foi um creador sem messianismo, porque ironico. Em muitas de suas obras sua personalidade estará occulta, porem nunca distante. E para comprehendel-o haverá que dar-lhe a volta toda. Chegou a uma simplicidade tal de forma que os inexperientes e superficiaes o accusaram de empobrecimento. Ficou mais rico. Este equivoco é bem commum, e diverte os artistas reaes, ao contrario de intimidar os. Tanto quanto é possivel sel-o, Satie foi independente. Mas nós bem sabemos que a liberdade é um tecido de limitações, e assim, estivesse unicamente na liberdade o merito de Satie, seria este um bem dispensavel com-

positor. Muito differente. Elle é tão indispensavel quanto Milhaud ou qualquer outro do grupo dos seis (que o mesmo Satie dizia serem quatro).

Um delles, Georges Auric, louva no musicista morto a precisão, a clareza, a simplicidade. E diz que "é preciso ver no seu bailado «Parade» o fecundo ponto de partida de uma renovação esthetica" Além de «Parade», Satie deixou «Socrate» e «Relache», que, dausado pela «troupe» de Jean Borlin, alcançou um insuccesso absolutamente satisfactorio. Valeria a pena falar desse «Relache». E' um bailado em dois actos, um entre-acto cinematographico e um appendice. Francis Picabia divide as responsabilidades com Satie e Borlin. Na parte cinematographica, as imagens e impressões se succedem com grande velocidade, que é ainda o principal caracteristico do bailado, onde os dansarinos não descansam um minuto. Musica instantaneista, informa uma folha sisuda. E um critico accrescenta que ella é uma burrice. Póde ser. Depende do sentido que se der á palavra burrice. Esta accusação não deverá bastar para que nos desinteressemos da obra de Satie. Si tivessesmos o direito de pedir a palavra, chamaríamos a attenção de nossos artistas para este compositor. E' francez? Que importa que seja francez! Elle é principalmente do nosso tempo. E nós temos muito que aprender com os homens do nosso tempo.



Poezia e relijião

(Continuação)

Parecia absurdo sinão impossivel tirar da obra desse «danado», como a si proprio se chamava ele, a menor semente de misticismo. Paulo Claudel tirou: «Arthur Rimbaud foi nm mistico «em estado selvajem», fonte perdida brotando dum solo saturado». E umildemente se confessa seu discipulo e converte-se ao catolicismo dominado por sua influencia. Atentando em Claudel podemos observar bem o carater relijiozo da nova poezia, onde o criador de «Tête d'Or» tem lugar representativo de primeira ordem. Ha um espiritalismo difuzo, tendendo para o ideal católico no citado Claudel, em Max Jacob e tantos outros; para um misticismo vago subreptício envolvente, que nos reserva surpresas, e nos aparece de sopetão nas pajinas de muito profano dezabuzado; e para movimentos de sentido social fortemente vincados de espirito relijiozo. Este ultimo é o cazo do unanimismo, com que Romain, Duhamel, Vildrac, etc., nos propoem um fortalecimento da solidariedade humana, pela criação duma «conciencia coletiva» ajindo sobre cada individuo e o inpeindo a comungar no todo. Aspiração relijiosa iniludivel. Sinal dos tempos.

«A' la fin tu es las de ce monde ancien.

.....

La religion seule est restée toute neuve la religion
Est restée simple comme les hangars de Port-Aviation
Seul en Europe tu n'es pas antique ô Christianisme
L'Europeén le plus moderne c'est vous Pape Pie X»

esclamava Apollinaire um pouquinho antes da guerra. E a idéa deste poeta católico é retomada e desenvolvida pela gente de depois da guerra, ancioza de explorar as riquezas dum espiritualismo latente e generalizado. Max Jacob: Tudo que é essencial sobre o coração humano já foi ditos nos Evangelhos.» Etc. Etc. Os poetas de origem judaica trazem a esse movimento uma contribuição tanto mais intensa quanto excitada pelo temperamento mesmo da raça. Edmundo Fleg e André Spire entõam inos furiozos a Israel. Não esquecer que grande parte da literatura franceza é escripta pelos judeus.

Renascença relijioza? Advento duma nova interpretação do cristianismo, ainda em periodo de larva? E' bem possivel. E' mesmo muito possivel. Não screi eu quem trate do assumpto grande. O meu é particular.

Ao lado das duas tradiçõis, perfeitamente legitimadas: classica e romantica, em refluxo continuo e ritmico, haverá talvez duas outras: relijioza e profana (ou racionalista), que tambem se sucedem e não se destroem. Tendemos para o classicismo, de que adquirimos uma concepção mais depurada e fecunda; não será demais que simultaneamente se esboce

uma volta á religião, e no mnndo ocidental quem diz religião diz cristianismo. Nossos filhos verão.

Seguramente, o grande problema da atualidade em poesia é conciliar o espirito crítico, cada vez mais absorvente e dominador, com as inpozições e inperativos do espirito reljiozo. Dizem que a fé ezije a virjindade do cérebro. Ora, virjindade do cérebro = inbecilidade total. Não sei bem si é assim. Então a fé é privilejio dos carneiros? Meu Deus! Não foi para responder a esta pergunta que escrevi este artigo...

P. S.--No Brazil, onde só ha pouco se esboçou a reação modernista os poetas ainda têm vergonha de confessar a sua fé. Mario de Andrade é corajoso e em 1922, na «Paulicéa desvaivada», livro de lirismo um pouco, turvo porque de combate, tem uma escapada soberba no poema «Religião»: «Deus! Creio em ti! Creio na tua Bíblia!»

Os caprichos da sorte

(Continuação)

—O sr. vae ver. A sorte muda, quando menos se espera. Quando não vemos remedio para alguma cousa, de repente apparece nma solução feliz... É' ter paciencia... Uma pessoa não vale menos por ser pobre...

—De certo quenão! Confirmou dona Etelvina, v indo da cozinha com o café na bandeja. Para nós, rico ou pobre, o senhor será sempre o mesmo!

E estendeu ao compadre a bandeja, onde o café, coado de fresco, fumegava na tigellinha azul.



Banco da Cavoura de Minas Geraes

(Fiscalizado pelo Governo Federal)

Caetés, 499

::

B. Horizonte

Recebe depositos a prazo fixo nas
seguintes condições:

Por um anno	8%	ao anno		
« 6 mezes	7 1/2%	«	«	
« 3 «	6 1/2%	«	«	

Em c/c limitada até 20:080\$000 — 6 1/2% ao anno

Em c/c em movimento—4% ao anno

Nos depositos de prazo fixo os juros são pagos
mensalmente.

CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAES PRA-
ÇAS DO ESTADO,
NO RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO.

**Faz todas as operações ban-
carias, excepto cambio**

Presidente—*Dr. Hugo F. Werneck*

Gerente—*Dr. Clemente de Faria*

Secretario—*Dr. Ataliba Sales*

A REVISTA

Albino Cangiano

ALFAIATE

Rua da Bahia, 917

CASA GAGLIARDI

Artigos finos por preços de um cambio elevado! O que ha de mais moderno em fazendas de seda, crepons, charmeuses, crepes de toda a especie, calçados e tudo que se refere á moda, a Casa Gagliardi possui para bem servir a freguezia.

Visitem-n'a e verão!

Affonso Penna, 542 — Phone 295 — Bello Horizonte

Andrade

ALFAIATE

Rua da Bahia, 992 — Phone, 1110 — Bello Horizonte

A REVISTA

Fabrica de Calçados "Bellorizonte"

O mais resistente!

O mais barato!

O de mais aceitação!

Rua Platina -- Caixa Postal. 57

BELLO HORIZONTE

VISITEM A

— Alfaiataria Rosa —

DE

Anselmo Rosa

Avenida Amazonas, 133

IDEAL LEITERIA

A casa mais frequentada da capital, não só pela severa hygiene de suas bem montadas installações, como pela excellente pasteurização do leite.

Aberto até ás 24 horas —:— Bons serviços do "garçons"
Avenida Affonso Penna (Esq. Tupynambás)

TELEPHONE, 441

Bello Horizonte

A REVISTA

Loteria do Estado de Minas Geraes

100:000\$000

18 DE JANEIRO CORRENTE

CASA GIACOMO

Sorvetes, bebidas finas, fructas excellentes, etc.

Não deixe você de ir visitar o

Trianon E A **California**

(Rua da Bahia)

(Av. Affonso Penna)

ALFAIATARIA

→ DE ←

Alfredo Coscarelli

Com grande pratica em Roma e no Rio de Janeiro

Rua S. Paulo, 413 — *BELLO HORIZONTE*

Companhia Italo-Brasileira de

Seguros Geraes

Prefiram sempre
esta Companhia
PARA SEUS

*Seguros de Vida. Infortunios, Trans-
portes e Contra Fogo.*

Capital realizado: 5.000.000\$090

Agentes em todo o Brasil
e no estrangeiro.

SERVIDE

SÃO PAULO

Rua 15 de Novembro, 26

Benedicto Conceição

*Agente da Companhia
Brasileira de Seguros Geraes*

Rua da Bahia, 906

Bello Horizonte

A Equitativa dos Estados Unidos do Brazil

SOCIEDADE DE SEGUROS SOBRE A VIDA

Séde Social: Avenida Rio Branco 125
Edifício de sua propriedade

RIO DE JANEIRO

Negocios realizados..... mais de 450.000:000\$000
Sinistros e sorteios pagos.... mais de 47.000:0000000
Fundo de garantia e reserva. mais de 30.000:000\$000

Aplices com sorteio trimestral em dinheiro

ULTIMA PALAVRA EM SEGUROS DE VIDA
INVENÇÃO EXCLUSIVA D'«A EQUITATIVA»

Pedir prospectos e informações á Superintendência em Minas

Praça 7 de Setembro, 682
(Palacete proprio)

Bello Horizonte — Caixa 157 — Telephone 738

Superintendente Oscar Netto

Companhia Italo-Brasileira de

Seguros Geraes

Preferam sempre
esta Companhia
PARA SEUS

**Seguros de Vida. Infortunios, Trans-
portes e Contra Fogo.**

Capital realizado: 5.000.000\$090

Agentes em todo o Brasil
e no estrangeiro.

SEDE

SÃO PAULO

Rua 15 de Novembro, 26

Benedicto Conceição

*Agente da Companhia
Brasileira de Seguros Geraes*

Rua da Bahia, 906

Bello Horizonte

A Equitativa dos Estados Unidos do Brazil

SOCIEDADE DE SEGUROS SOBRE A VIDA

Séde Social: Avenida Rio Branco 125
Edifício de sua propriedade

RIO DE JANEIRO

Negocios realizados.....	mais de 450.000:000\$000
Sinistros e sorteios pagos....	mais de 47.000:0000000
Fundo de garantia e reserva.	mais de 30.000:000\$000

Aplices com sorteio trimestral em dinheiro

ULTIMA PALAVRA EM SEGUROS DE VIDA
INVENÇÃO EXCLUSIVA D'«A EQUITATIVA»

Pedir prospectos e informações á Superintendencia em Minas

Praça 7 de Setembro, 682
(Palacete proprio)

Bello Horizonte — Caixa 157 — Telephone 738

Superintendente **Oscar Netto**